



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**PATRÍCIA SALDANHA**

**PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO PORTAL GELEDÉS: HISTÓRIAS E  
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE MULHERES NEGRAS**

**Linha de pesquisa: Informação e Sociedade**

**Porto Alegre**

**2021**

**PATRÍCIA SALDANHA**

**PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO PORTAL GELEDÉS: HISTÓRIAS E  
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE MULHERES NEGRAS**

**Linha de pesquisa: Informação e Sociedade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, do Departamento de Ciência da Informação, como requisito parcial para o título de Mestre na linha de pesquisa Informação e Sociedade.

Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa  
(Orientador)

Profa. Dra. Marcia Heloisa Tavares de Figueredo  
Lima (Coorientadora)

**Porto Alegre**

**2021**

## **UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões

Vice-reitora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patricia Pranke

## **FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Direção: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria de Moura

Vice-direção: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Regina Schmitz

## **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Coordenador: Prof. Dr. Thiago Henrique Bragato Barros

Coordenador substituto: Prof. Dr. Moises Rockemback

### CIP - Catalogação na Publicação

Saldanha, Patricia  
Práticas informacionais no portal Geledés:  
histórias e representações sociais sobre mulheres  
negras / Patricia Saldanha. -- 2021.  
179 f.  
Orientador: Rodrigo Silva Caxias de Sousa.

Coorientador: Marcia Heloisa Tavares de Figueredo  
Lima.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e  
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da  
Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Práticas informacionais. 2. Produção de  
informação. 3. Compartilhamento de informação. 4.  
Representações Sociais. 5. Mulheres negras. I. Sousa,  
Rodrigo Silva Caxias de, orient. II. Lima, Marcia  
Heloisa Tavares de Figueredo, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

## **Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Campus Saúde

Rua Ramiro Barcelos, 2705, Sala 216

CEP 90.035-007 - Porto Alegre/RS

Telefone: (51) 3308-5123

E-mail: [ppgcin@ufrgs.br](mailto:ppgcin@ufrgs.br)

**PATRÍCIA SALDANHA**

**PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO PORTAL GELEDÉS: HISTÓRIAS E  
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE MULHERES NEGRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, do Departamento de Ciência da Informação, como requisito parcial para o título de Mestre na linha de pesquisa Informação e Sociedade.

**APROVADO EM:** 30 / 06 / 2021

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa – PPGCIN - UFRGS

(Membro titular interno)

---

Profa. Dra. Marcia Heloisa Tavares de Figueredo Lima - PPGCIN - UFRGS

(Membro titular interno)

---

Prof. Dr. Valdir José Morigi - PPGCIN – UFRGS

(Membro titular interno)

---

Prof. Dra. Bruna Silva do Nascimento – EB/UNIRIO

(Membro titular externo)

---

Dra. Alba Cristina Couto dos Santos Salatino – PROEN/IFRS

(Membro titular externo)

---

Prof. Dr. Moisés Rockembach - PPGCIN – UFRGS

(Membro Suplente)

**DEDICATÓRIA**

*Às mulheres da minha vida e aos  
homens da minha vida!*

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e a minha família especialmente meus pais que têm uma absurda influência na minha constituição enquanto sujeito, enquanto mãe, esposa, colega e amiga. Às minhas irmãs que sempre me apoiaram e vibraram com as minhas conquistas. Ao meu filho Gabriel, que mesmo, muitas vezes sem entender por que eu tinha que deixar de brincar com ele para estudar, esteve ali, sendo presença e o meu maior incentivo para seguir em frente. Ao meu esposo pela paciência e ajuda.

Agradeço do fundo do meu coração aos meus colegas da Gerência Educacional que fizeram tantas escutas, desde as reflexões teóricas até os choros intermináveis. Aos meus gestores pelo apoio, tanto no que se refere à estrutura para que eu pudesse realizar mais essa etapa do meu projeto de vida, quanto na parceria amiga e compreensiva.

Agradeço à professora Márcia Lima que me acolheu ao Programa de Pós-Graduação e por meio dela, agradeço aos professores das disciplinas às quais participei e que tanto contribuíram para o meu amadurecimento intelectual (embora ainda tenha muito a amadurecer e que bom!)

Agradeço aos meus colegas deste programa, primeira turma, primeiras experiências e muitas relações de cumplicidade, encontrei e reencontrei pessoas, fiz novos colegas e novos amigos.

Um agradecimento “louco de especial” ao meu orientador Rodrigo Caxias, incansável parceiro, a pessoa que mais acreditou em mim, até quando eu mesma não acreditava. Gratidão por tantas aprendizagens, discussões, reflexões e “viagens” (boas viagens). Gratidão pelos finais de semana de dedicação (e estenda os agradecimentos à família), pelos “puxões de orelha” que foram sempre, mas sempre de um jeito muito respeitoso e muito cuidadoso. Gratidão pela compreensão e por todo o incentivo.

Por fim, não agradeço mas faço uma singela homenagem a tantas mulheres negras, que assim como a minha mãe, que por meio dos seus ofícios possibilitaram que suas filhas, com muitos esforços pudessem ter acesso à educação e por essa educação reconhecer a sua constituição, a sua identidade, conhecer e admirar as suas ancestralidades e reconstituir a sua existência enquanto mulher negra e dona dos seus saberes.

*“Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de consertá-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem”  
(Sojourner Truth em seu discurso ‘Não sou eu uma mulher?’, em 1851)*

## RESUMO

Analisa o conteúdo produzido e compartilhado nas postagens sobre as mulheres negras na plataforma digital Geledés – Instituto da Mulher Negra. Descreve a importância em discutir como as mulheres são representadas naquele portal e pretende evidenciar o papel social da informação, a fim de oportunizar as discussões para a transformação das condições em que vivem os sujeitos. Discute a presença da temática racial e de gênero no âmbito da Ciência da Informação (CI) ao tratar das práticas informacionais na sua imbricação entre a informação e os sujeitos que a produzem e disseminam, assim como as relações de poder que se revelam a partir de apagamentos e silenciamentos de identidades de grupos sociais. Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, exploratória-descritiva e abordagem qualitativa que busca contribuir para a reflexão no âmbito social e promover discussões sobre a representação das mulheres negras nas postagens publicadas no portal. Emprega a metodologia da Análise de Conteúdo de Bardin para postagens que tratam de temáticas referentes às questões de raça e gênero, suas intersecções e, como se evidenciam neste portal. Objetiva compreender como são constituídas as representações sociais sobre mulheres negras a partir das postagens no Portal Geledés. Divididas as postagens sobre mulheres negras entre produzida e compartilhadas, a análise de conteúdo foi efetivada a partir das etapas de leitura, compreensão, agrupamento e codificação dos conteúdos produzidos e compartilhados de acordo com as categorias de análise emergidas do corpus da pesquisa que evidenciaram as práticas informacionais na web na forma de interação desses sujeitos no espaço, com o uso de diferentes hipermídias como possibilidade de ampliar e validar os seus discursos sobre as mulheres negras que se valeram de experiências e diferentes relatos, fossem depoimentos, notícias, entrevistas. Utiliza outras linguagens comunicacionais como alternativa de ampliação do conhecimento e ratificação das suas falas sobre a representação das mulheres negras. O estudo exploratório na web evidenciou a manifestação dessas mulheres em um espaço não somente de partilha, mas de proposição de novos discursos em que se permitem falar daquilo que então era silenciado, as vozes das mulheres negras se fazem presentes, ao narrar as suas experiências de uma representação social instituída que naturaliza histórica e cotidianamente um lugar negro e feminino de subjugação para contrapor essa representação a uma nova, estruturada em um pensamento coletivo a partir de relatos que firmam nesse espaço coletivo e transversal uma identidade coletiva e solidária, para dar visibilidade e construir alicerces às suas subjetividades e igualdade de direitos.

**Palavras-chave:** práticas informacionais, produção de informação, compartilhamento de informação, representações sociais; mulheres negras, portal Geledés.

## ABSTRACT

Analyzes the content produced and shared in postagem about black women on the digital platform Geledés – Instituto da Mulher Negra. It describes the importance of discussing how women are represented on that portal and intends to highlight the social role of information, in order to provide opportunities for discussions to transform the conditions in which the subjects live. It discusses the presence of racial and gender issues in the field of Information Science (CI) when dealing with informational practices in their overlapping between information and the subjects who produce and disseminate it, as well as the power relations that are revealed from deletions and silencing of social group identities. This is a basic, exploratory-descriptive research with a qualitative approach that seeks to contribute to reflection in the social sphere and promote discussions on the representation of black women in the statements published on the portal. It employs Bardin's Content Analysis methodology for postagem that deal with issues related to issues of race and gender, their intersections and, as evidenced in this portal. It aims to understand how social representations about black women are constituted from the posts on Portal Geledés. Dividing the postagem about black women between produced and shared, content analysis was carried out from the steps of reading, understanding, grouping and coding the content produced and shared according to the analysis categories emerged from the research corpus that showed as informations practices on the web in the form of interaction of these subjects in space, with the use of different hypermedia as a possibility to broaden and validate their discourses about black women who drew on different experiences and reports, be they testimonies, news, interviews. She uses other communicational languages as an alternative to expand knowledge and ratify her speeches about the representation of black women. The exploratory study on the web evidenced the manifestation of these women in a space not only of sharing, but of proposing new discourses in which they allow themselves to speak of what was then silenced, the voices of black women are present, as they narrate their experiences of an established social representation that historically and daily naturalizes a black and feminine place of subjugation to contrast this representation with a new one, structured in a collective thinking based on reports that establish in this collective and transversal space a collective and solidary identity, to give visibility and build foundations for their subjectivities and equal rights.

**Keywords:** informational practices, information production, information sharing, social representations, black women, geledés portal.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Interface do Portal Geledés	63
Imagem 2 – Interface atual do Portal Geledés	63
Imagem 3 – Leiaute da estrutura no Portal sobre a Organização Geledés	64
Imagem 4 – Leiaute das informações referentes ao Portal Geledés	65
Imagem 5 – Categorias e suas categorias correlatas atribuídas pelo Portal Geledés	65
Figura 1 – Categorização dos Assuntos no Portal	67
Imagem 6- Categorias das Questões de Gênero	67
Imagem 7- Planilha de excel – Organização dos dados	74
Imagem 8- Planilha de excel – Organização dos dados	75

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categoria Tema da Postagem.....	84
Tabela 2 – Categoria Ratificação da Postagem.....	87
Tabela 3 – Categoria Forma de Composição da Ratificação da Postagem.....	90
Tabela 4 – Categoria Referências Teóricas Mencionadas.....	94
Tabela 5 – Categoria Tipo de Autoria.....	97
Tabela 6 – Categoria Gênero Referido.....	97
Tabela 7 – Cruzamento das Categorias Tipo de Autoria x Gênero Referido.....	98
Tabela 8 – Categoria Forma de Apresentação da Postagem.....	101
Tabela 9 – Categoria Tema da Postagem.....	104
Tabela 10 – Categoria Ratificação da Postagem.....	109
Tabela 11 – Categoria Forma de Composição da Postagem.....	113
Tabela 12 – Categoria Forma de Composição da Postagem.....	116
Tabela 13 – Categoria Tipo de Autoria.....	119
Tabela 14 – Categoria Gênero Referido.....	120
Tabela 15 – Cruzamento das Categorias Tipo de Autoria x Gênero Referido.....	120
Tabela 16 – Categoria Forma de Apresentação da Postagem.....	124

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2 PRÁTICAS INFORMACIONAIS, ESPAÇO VIRTUAL E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS</b>	<b>19</b>
2.1 Paradigma Social da Informação: uma perspectiva para a compreensão das práticas informacionais	20
2.2 Práticas Informacionais na Web	21
2.3 Produção e Compartilhamento de Informações	25
2.4 O Espaço virtual: um lugar de representação	29
<b>3 DAS REPRESENTAÇÕES DO RACISMO AO FEMINISMO NEGRO</b>	<b>33</b>
3.1 Interseccionalidade	38
3.2 Lugar de Fala e as relações de poder	42
3.3 Estudos de Gênero com foco no Feminismo Negro: incidências na Ciência da Informação	48
3.4 Estudos precedentes sobre o Geledés	50
<b>4 RELATIVIZAR AS REPRESENTAÇÕES SOBRE MULHERES NEGRAS</b>	<b>53</b>
4.1 Portal Geledés: espaço virtual de manifestação das representações	60
4.2 O Foco das análises: as questões de Gênero no portal Geledés	65
<b>5 PERCURSO METODOLÓGICO</b>	<b>69</b>
5.1 As etapas propriamente ditas	70
5.2 Análise de Conteúdo	73
<b>6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>83</b>
6.1 Análise das postagens produzidas	83
6.2 Análise das postagens compartilhadas	104
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>130</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>141</b>
<b>APÊNDICE A - E-MAILS ENVIADOS AO PORTAL GELEDÉS</b>	<b>152</b>
<b>APÊNDICE B - QUADRO - CONTRADIÇÃO, ALTERAÇÃO E MANUTENÇÃO DE CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS</b>	<b>155</b>
<b>APÊNDICE C - LISTA DE TÍTULOS E LINKS DAS POSTAGENS PRODUZIDAS</b>	<b>164</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A grande estrutura da “web”, na atualidade, permite compreendê-la dentre uma multiplicidade de perspectivas, também como espaço coletivo de afirmação e relativização de perspectivas e projeções quer de grupos sociais, quer de indivíduos. Traz em sua fase de participação, muitas questões a serem explanadas; nesta pesquisa, mais especificamente aquelas que se referem às plataformas sociais que não só ampliaram as possibilidades de produção e compartilhamento de informações, mas se tornaram lugares de expressão coletiva que proporcionam maior visibilidade e promoção de discussões sobre pautas políticas, sociais, econômicas e culturais a distintos coletivos. Nesse sentido, podem ser entendidos como *loci* sociais e de representações e que tornam possível a visibilidade de grupos sociais até então marginalizados ou invisibilizados.

Sendo assim, destacamos a ampliação das discussões sobre a representação das mulheres negras na internet. Isso porque as plataformas agregam coletivos e têm uma significativa importância na constituição de identidades, considerando que as práticas informacionais são compreendidas como práticas sociais (SAVOLAINEN, 2007) de produção e compartilhamento de informações que contribuem para a representação dos sujeitos em contextos os quais o conhecimento é construído social e coletivamente.

A importância em discutir como as mulheres são representadas na plataforma digital Geledés – Instituto da Mulher Negra<sup>1</sup> - configura-se como a temática deste estudo, haja vista que este portal evidencia as projeções que a sociedade e esses sujeitos imprimem sobre si mesmos. Entendemos que ao trazer tais discussões e cenários para o âmbito acadêmico, será possível criar condições de debates sobre esse lugar (ou “não lugar”) que a mulher negra ocupa e, por meio da análise das práticas informacionais ali construídas e publicizadas, “estranhar” e desnaturalizar discursos de senso comum hegemônicos que tem sido historicamente produzidos para a manutenção desse lugar

---

<sup>1</sup> A história e características desta organização compõe a seção 4 desta dissertação.

subalternizado. Merece destaque que se trata de ações seletivas<sup>2</sup> de produção e inclusão de textos, discursos materializados em conteúdos carregados de intencionalidades.

Essa pesquisa pretende ser um contributo para a comunidade científica, não somente para o ampliação de espaços de discussão e produção acadêmica no que concerne à temática racial e de gênero, mas busca, especialmente, legitimá-la no campo da Ciência da Informação (CI), ao tratar de questões de produção e compartilhamento de informações, da imbricação entre a informação e os sujeitos que produzem, selecionam e disseminam, assim como as relações de poder que se estabelecem a partir de apagamentos e silenciamentos de identidades de grupos sociais manifestos nas representações sociais. Se constitui também como uma contribuição política e epistemológica para refletir acerca das mulheres negras que pouco eram mencionadas nas histórias e quando isso se fazia, as narrativas as mantinham em um lugar de subserviência e de objetificação e que acreditam ter muito a contar, as quais queremos que se reproduzam e se perpetue para que suas vozes possam ser ouvidas e reverberadas, entendendo ainda que muitas protagonizaram histórias na sociedade, na vida política, na literatura, na Ciência, mas que foram apagadas ou silenciadas da memória coletiva.

É necessário, para tanto, que se demarque um lugar de luta pelo discurso - “o objeto pelo qual se luta”, segundo Foucault (2004) - e seu reconhecimento como questão de pesquisa. A inserção social desta pesquisa é igualmente, fundamental e fundamentada, na medida em que se vale de espaços virtuais que garantam a possibilidade de manifestação, representação e interlocução para que mulheres negras possam compartilhar as suas histórias a partir do seu lugar de fala.

Entendemos assim, que as ações de lutas e manifestos são verdadeiros “sujeitos” constituintes das práticas informacionais, protagonistas de discursos que, aliados à capacidade de difusão da internet trazem reflexões, promovem discussões e acabam por entrar em embate e desestabilizam o regime de verdade imposto, estabelecendo um tensionamento discursivo (e revelando uma tensão histórica) na produção de

---

<sup>2</sup> Ainda que o editor tenha um papel fundamental no caráter seletivo das informações, o nosso foco de investigação, neste estudo, não incide sobre o papel da edição e sim sobre o conteúdo selecionado e o quanto é representativo de práticas informacionais.

conhecimento sensibilizando a própria comunidade negra ou um (ou mais) grupos hegemônicos.

Dessa forma, esse trabalho pretende estabelecer reflexões acerca dos processos envolvidos, com a produção e o compartilhamento de informações a partir de um espaço de fala, de (re)existência e resistência de um grupo social; grupo este que procura representar nesses espaços virtuais tanto a sua identidade genuína, quanto construir e estabelecer relações e interações. Dizendo de outra maneira, a intenção do trabalho nesta plataforma aposta na ideia da afirmação do indivíduo e do coletivo. O "eu" é mulher negra e o pertencimento ao "nós" mulheres negras.

Merece destaque o fato de que a pesquisa, busca elementos balizadores das discussões teóricas que tenham aporte no paradigma social da Ciência da Informação, as práticas informacionais as quais consideram, nas suas relações, as especificidades dos sujeitos informacionais dotados de saberes sociais.

Defendemos assim a pertinência em analisar as **práticas informacionais** de produção e compartilhamento de informações através dos conteúdos referentes às mulheres negras, compreendendo como são representadas. Para tanto, buscamos contribuições teóricas em González de Gómez (2001); Savolainen (2007); Marteleto (2013); Araújo (2014; 2017; 2018; 2020) como forma de imbricar os elementos e pô-los em discussão à luz da Ciência da Informação.

Concomitantemente, na perspectiva do **feminismo negro** pretendemos problematizar os significados advindos dos conteúdos que sustentam as representações sociais tendo por referência as teóricas Carneiro (2003; 2019); Collins (2016); Ribeiro (2019). Ao assumir as contribuições conceituais do feminismo negro, descortinamos, o primeiro dos conceitos: **interseccionalidade** que tem por referência os estudos de Crenshaw (2002); Piscitelli (2008); Akotirene (2018) e que destacam que não podemos desconsiderar a confluência de opressões haja vista que um sistema de dominação interliga os marcadores de classe social, de gênero e de raça e faz com sejam experimentados simultaneamente pelas mulheres negras evidenciando, dessa forma, as relações de poder. Nessa compreensão, adotamos o segundo conceito: **lugar de fala** (RIBEIRO, 2019) ao abordar o *locus* social que esse grupo ocupa, construído a partir

dessas relações de poder, que por meio desse sistema opressor naturaliza a invisibilidade das mulheres negras colocando-as em um lugar de inferioridade.

Uma vez que este estudo requer considerar como o lugar que ocupam enquanto grupo social e como as representações das mulheres negras se evidenciam, nas suas vidas cotidianas, na sua identidade e se materializam nas plataformas digitais, buscamos em Aquino (2009; Lemos (2009); Marteleto (2010); Malta; Oliveira (2016) elementos para abordar as temáticas concernentes aos **espaços virtuais**, assim como, nos valem dos estudos de Moscovici (2007) na abordagem das **representações sociais**, a fim de compreender as informações relativas às representações das mulheres negras.

Assim, a discussão que aqui se inicia considera a importância da função social da informação e assume as práticas sociais de informação como pressupostos teóricos, pois estas têm significado no cotidiano das pessoas e essas significações, ocupam um lugar no imaginário<sup>3</sup> social. Essa perspectiva busca entender, a partir da informação, aquilo que constitui o sujeito, que interfere no seu modo de ser e estar no mundo.

As inquietações que surgiram e que justificam a pesquisa em relação a essa temática, residem no fato de que as representações edificadas nos conteúdos têm elementos de intervenção na coletividade, no registro de cada época dentro dos contextos sociais, políticos, econômicos e culturais, apontando o que pode ser dito ou silenciado e ainda partem de uma perspectiva subjetiva, significada e contextualizada a quem incide esses conteúdos.

Assim, para as mulheres negras, um grupo social marginalizado, torna-se relevante abordar temas que legitimem e valorizem o seu lugar de saber - o que inclui seu conhecimento, o qual é constituído a partir do seu lugar de mulher negra, das suas experiências, ancestralidades, modos de viver - permitindo que se identifiquem primeiro no grupo e, ampliando, que auto restituam a humanidade perdida. Por meio destes movimentos é possível garantir um espaço de fala legitimado das mulheres negras nos discursos como se representam e como querem ser representadas.

---

<sup>3</sup> Embora o conceito de imaginário seja fundamental e balizador para uma série de estudos na Ciência da Informação e ainda que mencionado neste estudo por caracterizar as representações sociais, não será problematizado no trabalho. Os estudos partiram da compreensão de imaginário de Castoriades. CASTORIADES, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Enquanto, justificativa pessoal, essa temática trouxe inquietações, pois falar da mulher negra, sendo mulher negra e com a necessidade de uma maior compreensão da naturalização de um lugar de subjugação que nos foi imposto e ao existir nesse “não lugar”, e aqui entendemos esse “não lugar” como um espaço não legitimado do saber, dos direitos, do reconhecimento, da identidade e a partir de uma perspectiva teórica e descortinar as bases da subordinação para então, anunciar e denunciar a construção das crenças e projeções de inferioridade que incidem diariamente no cotidiano dessas mulheres por meio da produção e compartilhamento de informações. Este estudo também permite compreender o universo de violências simbólicas que uma sociedade estruturalmente racista impõe a grupos socialmente marginalizados, especialmente, às mulheres negras.

Enquanto produtoras e disseminadoras de informação, as mulheres encontram na plataforma digital, diferentes repertórios e formas de se comunicar para que esse possa ser um lugar em que ocorrem os movimentos sociais, mas também de produção de conhecimento, por meio do compartilhamento das suas narrativas a partir do seu olhar. É necessário, fundamental e urgente que a produção acadêmica reverbere a fala destes sujeitos produtores de informação, que desnaturalize, problematize discursos do senso comum. Nesta perspectiva, justificamos a contribuição dessa pesquisa.

A perspectiva metodológica, de caráter qualitativo, estabelece uma discussão que busca analisar as postagens, categorizar tais representações, por meio da análise de conteúdo na plataforma digital Geledés – Instituto da Mulher Negra.

Estudos precedentes sobre o portal Geledés abarcam contribuições teóricas para a Comunicação, Ciências Sociais e Ciência da Informação, abordadas em Santos (2016), Gomes (2017), Sabriny (2017), Cruz (2018) e Silva (2018). As pesquisas abordaram as narrativas sobre a violência contra mulheres negras, a cultura da estética negra, as questões referentes ao aborto e a contribuição da *fanpage* do Geledés para a construção do empoderamento da mulher negra. Outros estudos foram apresentados, mas que fazem referência à organização Geledés que o contexto desta pesquisa não abarca.

Na Ciência da Informação, estudos dedicados ao portal compreendem as contribuições relativas às temáticas como meio de disseminação de informações étnico-raciais Araújo; Bezerra; Oliveira, (2018); Gomes; Zucco (2018), Costa (2019). Também

se apresenta, nesta proposta, a recuperação da informação em ambientes digitais e discute-se as questões de aborto junto aos meios de comunicação e a sua relação com classe e raça.

Este estudo difere-se dos demais, porque pretende abordar as práticas informacionais de compartilhamento de informações por meio dos conteúdos das postagens e que assumem um papel de materialização de representações das mulheres negras enquanto sujeitos que ocupam lugares que lhes foram designados por meio de uma representação histórica que lhes atribui papéis e marcadores que se consolidaram, assujeitando-as, uma vez que ocasionaram diferentes formas de opressão que silenciaram as suas identidades genuínas.

Portanto, o portal em análise - Geledés - configura-se para nós como um ambiente fluído de produção de conhecimento, tribuna a partir da qual as mulheres negras, sujeitos desta pesquisa, se valem para construção de uma projeção de uma representação positiva.

Após estas reflexões iniciais, ou em razão destas, nosso PROBLEMA DE PESQUISA está assim enunciado: **Como são constituídas as representações sociais sobre mulheres negras na plataforma digital GELEDÉS?**

Como objetivo geral compreender como são constituídas as representações sociais sobre mulheres negras a partir das postagens no Portal Geledés.

Como objetivos específicos:

- a) problematizar as práticas informacionais à luz do feminismo negro e da Teoria das Representações Sociais;
- b) interpretar os conteúdos informativos relacionados às representações presentes nas postagens sobre mulheres negras produzidas e compartilhadas no portal Geledés;
- c) caracterizar o processo de produção e o compartilhamento de informações sobre as mulheres negras no portal Geledés;
- d) elencar categorias de análise emergidas dos conteúdos das postagens que envolvem as mulheres negras.

As discussões e reflexões na construção dessa dissertação nos levaram a escolhas na ordem de apresentação e desencadeamento de ideias. A opção pela apresentação das seções da dissertação, inicia-se pelos aspectos relativos ao fenômeno na área da Ciência da Informação, passando pelos atravessamentos teóricos e culminando no percurso metodológico.

Para melhor compreensão, discutiremos na seção dois os aspectos teóricos relativos ao paradigma social da informação no contexto da Ciência da Informação, as práticas informacionais, a produção e compartilhamento de informações nos espaços virtuais, então compreendidos como lugares de comunicação e construção de repertórios sobre as questões referentes às mulheres negras.

Seguiremos nessa perspectiva abordando na terceira seção, as representações e as relações de submissão e opressão por conta de um racismo instituído e que é visibilizado em virtude dos marcadores sociais de gênero, raça e classe e os quais são balizadores para a compreensão da interseccionalidade e que tem a sua relevância na contribuição para fortalecimento do Feminismo Negro, assim como Lugar de fala, outro conceito a ser abordado, pois evidencia essa autoridade discursiva, no momento em que legitima a fala das mulheres sobre si, suas condições e as quais reverberam na forma como são e se representam. Na seção quatro, discutiremos a perspectiva das representações das mulheres negras a partir da Teoria das Representações Sociais enquanto referência analítica para a compreensão das representações instituídas, bem como apresentaremos o contexto de manifestação desses discursos no portal Geledés, estudos relativos tendo este espaço como referência concatenados às questões de gênero.

O percurso metodológico compreende a quinta seção deste estudo e, na sequência, a apresentação e análise dos dados das postagens produzidas e compartilhadas no portal Geledés.

Os resultados foram apresentados separadamente, considerando as análises relativas às postagens produzidas e compartilhadas sobre mulheres negras, tendo como referência a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016).

Por fim, nas considerações finais elencamos os aspectos relativos à conformação e resultados deste estudo.

## 2 PRÁTICAS INFORMACIONAIS, ESPAÇO VIRTUAL E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

As discussões aqui arroladas pretendem investigar os fenômenos informacionais, a partir do campo de conhecimento da Ciência da Informação. Assim, essa seção tem o objetivo de contextualizar na área, o paradigma social da informação do qual emergem as práticas informacionais e delas se constituem a produção e o compartilhamento de informações.

Os motivos que nos levaram a tais escolhas estão diretamente relacionados com as práticas informacionais e a imbricação da informação na relação e na constituição dos sujeitos ao compreender os avanços teóricos no campo, nos últimos anos, e que acenam para novas possibilidades e implicações sociais do objeto de estudo desta Ciência.

Dentre os avanços da Ciência da Informação, muitas questões passaram a ser formuladas, apresentando alternativas, discussões e pesquisas de forma a identificar e caracterizar a informação desde a teoria matemática de Shannon Weaver e Bush, questionada e complementada pelos estudos cognitivistas, chegando na visão socioconstrutivista (FERNANDES, 2006).

Para outros autores, a Ciência da Informação foi incorporando ao seu objeto de estudo dimensões mais complexas entre as visões revelando os paradigmas físico, cognitivo e social (CAPURRO, 2003), conformando-se epistemologicamente como modelos para análise do objeto informacional. Tais abordagens, no entanto, não se excluem, mas se complementam e conforme afirma Araújo (2014, p. 22, grifo do autor) “E é no encontro dessas abordagens que se pode definir, **o que é**, enfim, a Ciência da Informação”. Para o autor, as pesquisas desenvolvidas nas últimas duas décadas evidenciaram o caráter essencialmente contextual e intersubjetivo dos fenômenos informacionais. Sublinha ainda que “ninguém conhece sozinho, necessidades e usos de informação são coletivamente formados.” (ARAÚJO, 2014, p. 17)

Dessa forma, a informação depende dos sujeitos que se relacionam por meio dela para existir, sendo as práticas intersubjetivas derivadas de um trabalho que envolve a mediação entre grupos sociais que se constituem individual e coletivamente produzindo, utilizando, compartilhando e disseminando a informação.

Essa abordagem à luz do caráter social da informação contribuiu com pesquisas que ampliaram as perspectivas dos estudos de usuários da informação no que tange à necessidade e busca de informações, o que, por sua vez, contemplou a percepção e o exame das interações entre sujeito e informação a partir de um contexto.

Nessa perspectiva, abordaremos a seguir o paradigma social da informação.

## **2.1 Paradigma Social da Informação: uma perspectiva para a compreensão das práticas informacionais**

A adoção do paradigma social da informação permite compreender a informação, com base na constituição do sujeito, que interfere e modifica sua visão de mundo considerando as relações entre os indivíduos e destes em relação à sociedade, a partir de sua inserção em seu meio. Nesse sentido, a informação é compreendida como produção de sentido, a partir da estrutura cognitiva do sujeito, condicionada por elementos históricos, culturais e sociais.

De acordo com Moreira e Duarte (2016) o grande avanço do paradigma social da Ciência da Informação “foi o reconhecimento de que o sujeito faz parte de um contexto social, agindo sobre o mesmo e sofrendo interferências deste espaço” (MOREIRA; DUARTE, 2016, p.172).

Como produto dessa recíproca influência, os sujeitos estabelecem a sua relação com a informação, não necessariamente para preencher uma lacuna de conhecimento, mas alargando a abordagem para a compreensão de como a informação viabiliza alternativas de reconstituição desses indivíduos e da sociedade.

Ao compartilhar o conteúdo como elemento constituinte das construções sociais, esses sujeitos informacionais buscam além de produzir conhecimento, exprimir seu cotidiano, seus modos de viver, suas afetividades, suas relações enquanto grupo social os quais querem trazer para essa coletividade.

Dessa forma, a necessidade em discutir, problematizar, categorizar e analisar como tais conteúdos são representativos neste estudo, à luz do paradigma social da Ciência da Informação, tendo em vista que as práticas informacionais de produção e compartilhamento de informações projetam a interação dos sujeitos na forma de suas

representações que por meio da informação afetam as suas constituições, identidades e subjetividades e se revelam na produção das suas narrativas.

É necessário, para tanto, refletir acerca das influências e potencialidades trazidas pelas plataformas digitais, haja visto que os problemas sociais tradicionalmente materializados em informações no meio off-line, tornam-se agora circulantes na web. A implicação da composição de informações em meio digital pelas e sobre as mulheres negras, se constitui como uma perspectiva a ser investigada. A desumanização que sempre foi imposta às formas como as mulheres negras foram tradicionalmente representadas, pode, em razão das tecnologias, ser humanizadas em meio digital.

Dessa forma, na próxima seção vamos examinar a informação produzida e compartilhada neste espaço de interação que convergiu em um novo lugar de ações entre os sujeitos e a sociedade, tema tratado nos estudos das práticas informacionais na web.

## **2.2 Práticas Informacionais na Web**

A expressão prática informacional pode ser compreendida como as interações entre os sujeitos em relação ao uso da informação, considerando os contextos nos quais estão inseridos.

Savolainen (2007) enfatiza que o conceito aparece de forma incipiente na década de 60/70, porém se insere na discussão científica na primeira década do século XXI. A noção ou conceito de práticas informacionais são consideradas pelo autor, como uma abordagem alternativa ao modelo tradicional, na perspectiva do comportamento informacional que não considerava os usuários apenas como processadores da informação, a partir da identificação da necessidade de informação, percebida pelos sujeitos que buscam resolver seus problemas informacionais.

Para o autor, o conceito de prática informacional apresenta uma abordagem de cunho sociológico, além de pressupor que os processos de busca e uso de informações são constituídos social e dialogicamente. O destaque dado por Savolainen (2007) está relacionado ao fato de que a informação se constitui em complexidades e níveis diferentes para cada sujeito. Nesse sentido, o comportamento informacional entendido

em um modelo esquemático de lacuna-necessidade-busca não atende às múltiplas dimensões que essa informação incorpora na constituição de cada indivíduo, em razão de desconsiderar sua visão de mundo, pelo seu construto emocional, social e material.

Nessa abordagem, o usuário de informação é tratado como sujeito informacional<sup>4</sup>, pois não se pode desconsiderar as subjetividades dos indivíduos e que são eles que constroem e modificam a realidade social.

Savolainen (2007) é explícito ao afirmar que:

uma característica básica do discurso sobre a prática, em geral, bem como 'prática de informação', em particular, é a **ênfase colocada no papel dos fatores contextuais** de busca, uso e compartilhamento de informações (SAVOLAINEN, 2007, p. 121, *tradução nossa, grifo nosso*).

Sendo assim, as práticas informacionais que envolvem os processos de produção e compartilhamento de informações consideram que o contexto é intrínseco ao sujeito e isso se evidencia quando ele interage com a informação, independente das formas de manifestações dessas informações.

Para Ferreira *et al.* (2019, p.29) “Os estudos de Práticas Informacionais concentram-se em compreender os indivíduos como membros de vários grupos e comunidades que constituem o contexto de sua vida e atividades cotidianas”. As autoras destacam que o enfoque dessa abordagem se caracteriza por estar dentro de um contexto e se relacionar com o sujeito na sua complexidade e nas suas dimensões individuais, coletivas, sociais, culturais e políticas.

Com isso, as práticas informacionais, consideram que a relação sujeito-informação é permeada por fatores sociais, culturais, individuais e que pode se dar por meio de um encontro casual, não necessariamente somente na busca ativa pela informação. No entendimento de Ferreira *et al.* (2019, p.30):

---

<sup>4</sup> Sujeito informacional: se constitui ao ter uma posição no espaço socioinformacional concreto, perante a reflexão, análise e atuação na estrutura social sob uma crítica profunda, sendo ele um agente de informação de conjuntura social, como quem realiza um ato político, para denunciar que o *status-quo* contemporâneo requer uma reestruturação; a partir do sentimento de comunidade e do reconhecimento do outro. (RENDÓN-ROJAS; GARCÍA CERVANTES, 2012, p. 42 citado por CARMO; ARAÚJO, 2020, p.3)

A perspectiva das Práticas Informacionais recusa, portanto, a ideia de que a informação existe como objeto, independente do sujeito, e que estaria apenas à espera de ser acessada e utilizada. Pelo contrário, conforme esta abordagem é necessário que o sujeito social esteja em **ação ao (res)significar (grifo nosso)** o mundo fazendo uso do seu arsenal cultural.

Deste modo, a informação é compreendida a partir das experiências pessoais, das subjetividades, da significação e das múltiplas relações que a pessoa estabelece. À medida em que a informação interfere nas construções desse indivíduo ela passa a ser aplicada nas situações do cotidiano, reforçando esse arcabouço social, cultural institucional e, conseqüentemente transformando o coletivo.

As autoras ainda destacam que essa perspectiva permite um maior protagonismo e interações dos sujeitos da informação como pertencentes a um grupo social que intervém ao mesmo tempo que é influenciado por contextos históricos, sociais, culturais e políticos, pois essa interação se vale da complexidade e das subjetividades desse indivíduo, que interpreta e altera a partir da sua visão de mundo.

Bert e Araújo (2017, p.395) corroboram e complementam a afirmação ao explicitar que:

A compreensão, portanto, frente aos estudos de usuários da Ciência da Informação, é que a informação não é somente determinada por um fator externo que se ajusta perfeitamente às necessidades, de acordo com o estudo do Comportamento informacional propõe, há um conjunto de fatores humanos, pessoais, individuais, coletivos que determinam sua aderência, de maneira que suas características são microsociológicas, melhor dizendo, propondo-se ao exercício de olhar para o micro para responder ao macrosocial.

Ao tomarmos conhecimento de que os sistemas de opressão são balizados em informações segundo uma estrutura social legitimada de hierarquização, os movimentos sociais partem de perspectivas microsociológicas, ou seja, manifestam-se em espaços alternativos, a fim de problematizar e desnaturalizar discursos legitimados e aceitos como verdades. Nessa lógica, são esses sujeitos informacionais que vão agir como mediadores, mobilizando os grupos sociais hierarquizados.

Por conseguinte, ao compreender as práticas informacionais como práticas sociais Savolainen (2007); Araújo (2019) é lícito considerar que contribuem para o enfrentamento

das desigualdades e da desnaturalização da produção de discursos hegemônicos, pois são nas disputas entre as informações que se produzem discursos de verdades.

Pinto e Araujo (2019) destacam que as práticas informacionais são únicas e são determinadas histórica e socialmente pelas relações entre os indivíduos e em uma dinâmica conflituosa de organização das classes sociais.

Os autores afirmam que

Ao abordarmos a relação de determinado grupo social com a informação, precisamos resgatar a historicidade local e nacional onde vive o grupo, considerando categorias como, por exemplo, gênero, classe social, etnia, não somente como meros atributos para a caracterização dos sujeitos. Essas categorias vistas do ponto de vista histórico-social têm muito a nos dizer sobre a conformação das práticas informacionais (PINTO; ARAÚJO, 2019, p. 29)

As práticas informacionais vão assim, se revelar a partir da construção coletiva dos sujeitos informacionais por meio de suas ações e representações.

Desta maneira, as mulheres negras, querem trazer para as narrativas da coletividade do Geledés, as suas próprias representações até então ditadas pelo Outro - aquele que não ocupava esses espaços - acerca das experiências dessas opressões intercruzadas, aqui de raça, gênero e classe. Para tanto, se valem de alternativas como o uso da mídia para compartilharem as suas experiências e os seus modos de ser e estar no mundo.

Dentre o universo das práticas informacionais que podem ser identificadas nos espaços virtuais é possível identificar o “caráter seletivo das ações de informação” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999) que nesse sentido consiste nos “aspectos decisoriais e seletivos das práticas e ações de informação” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999, p. 3).

Nesse sentido, as decisões e possibilidades de escolhas nas ações de informação estão pautadas naquilo que se concebe como informação. Portanto, as ações podem ser múltiplas tendo em vista que se reconstróem e são valoradas em contextos distintos.

Isso implica em considerar que as informações contidas e acessadas no Geledés passaram por um percurso de escolhas e atribuição de valor a essas informações. Especificamente em relação à plataforma, esse caráter seletivo se manifesta na produção

e compartilhamento das informações, através do envio das postagens e da seleção das postagens compartilhadas.

É nessa visão da informação que se estrutura a proposta do presente trabalho, pois pretendemos estabelecer nessa discussão, o portal Geledés como espaço onde ocorrem essas manifestações, que por meio da produção e do compartilhamento de informações vão propor um lugar de cidadania ao grupo social destituído da sua identidade.

Nesse sentido, entendemos que as práticas informacionais ao demarcar o papel social da informação, oportunizam discussões e tensionamentos a fim de transformar as condições em que vivem os sujeitos. Diante disso, as práticas informacionais de produção e compartilhamento de informações podem servir de instrumentos para o enfrentamento das desigualdades e as quais terão os seus desdobramentos a seguir.

### **2.3 Produção e Compartilhamento de Informações**

Historicamente, os estudos de produção e compartilhamento de informações foram abordados em uma Ciência da Informação preocupada com a origem, o tratamento e utilização da informação, bem como a sua representação por meio de sistemas, tanto naturais quanto artificiais, valendo-se também do uso de códigos para uma transmissão eficiente.

Nesse sentido, teóricos da CI contextualizam e atualizam esse conceito ampliando as acepções e complexificando, de certa forma, na adoção de diferentes visões surgidas em determinados períodos históricos. Tais visões, no entanto, não se excluem, mas coexistem (CAPURRO, 2003; FERNANDES, 2006). As pesquisas sobre a informação comprovaram as distintas demandas sociais que se manifestam a partir das relações entre sujeito e informação e que fundamenta a Ciência da Informação em diversos contextos e espaços.

Nessa conjuntura, a Internet se constitui em um espaço de cooperação e participação em que os sujeitos ao mesmo tempo que consomem a informação também produzem e compartilham conteúdos alicerçados em “uma cultura de comunicação aberta; onde se reconhece a ampla liberdade de compartilhar e reutilizar conteúdos e

onde, finalmente, não existem uma autoridade, um controle centralizados, mas uma inteligência coletiva não controlada” ( ROCHA; PEREIRA, 2010, p.73)

Dessa forma, os espaços de produção e compartilhamento de informações tomaram outros contornos e demarcaram a relação da informação em que não são apenas consumidores de informação, mas produtores de conteúdo constituindo-se de forma coletiva em um amplo espaço de participação das pessoas, de forma que interagem, colaboram e constroem outras formas de produzir cultura, apoiados fortemente nas redes sociais.

Marteleteo (2010) destaca a presença de estudos sobre as formas textuais e de linguagens no arranjo das informações na web, no que tange às modalidades de produção, expressão e apropriação de informações no ambiente virtual.

Os estudos de usuários, por sua vez, passaram a privilegiar não só as questões como as lacunas de informação, mas a compreensão desses usuários alargando a abordagem para a compreensão de como a informação se constitui para esses sujeitos e quais as suas competências informacionais, bem como a constituição da produção e do compartilhamento das informações.

A autora destaca essas diferentes formas de linguagem como um campo promissor para a Ciência da Informação, tendo em vista a versatilidade conceitual e criatividade no sentido de enredar outros delineamentos de produção, expressão e apropriação da informação.

Nesse sentido, compreendemos que apropriação das diferentes linguagens na composição dos textos e dos conteúdos no âmbito virtual ampliam as diferentes formas de acesso e constituem um arcabouço multifacetado nas manifestações virtuais. Assim, as mudanças na forma de se comunicar, produzir e acessar as informações causadas pelo uso de produtos e serviços na plataforma GELEDÉS têm impacto nas pesquisas referentes à informação. Tais pesquisas trouxeram contribuições que evidenciaram as formas de acesso, de disseminação e de compartilhamento de informações.

O ambiente web, então, pode ser tanto compreendido como um *locus* de embates consolidado historicamente, como um espaço de cooperação e participação em que os seus usuários utilizam, produzem e compartilham informações. Essa compreensão nos remete a um processo de interação e relações sociais que se fazem por meio de uma

dinâmica comunicacional que se vale de uma diversidade de recursos que envolvem uma dimensão linguística, informacional e que produz sentido para diferentes grupos sociais.

Para Marteleto (2010, p. 32)

A Internet, chamada 'rede das redes', caracteriza-se por dois aspectos principais. Primeiro, é um grande acervo de dados e de informações aberto a múltiplas escritas, consultas, leituras, usos e apropriações. Segundo, é uma arena ampliada geograficamente e socialmente para interação, comunicação e sociabilidade.

Visto que as redes sociais são espaços que permitem não só o acesso às informações, mas também a interação que se faz por meio das relações sociais, podemos inferir que tal fenômeno implica em um movimento que considera os espaços virtuais de produção e compartilhamento de informações e que, por meio das interações, produz novos sentidos e saberes.

Para Marteleto; Nóbrega; Morado (2013) a informação sempre esteve presente na sociedade, ainda que não percebida como tal, pelo menos desde a invenção da linguagem, houve trocas comunicacionais, mas, apenas recentemente, aliada às tecnologias, passou a agir sobre os sujeitos em sociedade organizando interações sociais e espaciais.

A chamada "explosão informacional", o desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação que lhe foram consequência e o contexto da globalização, promoveram uma nova forma de interação - cada vez mais mediada por aparatos tecnológicos - entre as pessoas, a informação e seus múltiplos cenários e, conseqüentemente, o chamado ciberespaço, que trouxe o conceito da cibercultura<sup>5</sup>.

Marteleto (2010, p.32) ainda afere que

Dentre as diferentes concepções históricas e políticas das redes sociais e suas aplicações práticas, destaca-se, como princípio geral, seu entendimento como espaços de troca coletiva e, portanto, qualificadores de informação e experiências.

A partir destas considerações, é lícito afirmar que as redes sociais trazem consigo a premissa de ser um espaço de compartilhamento de informações. E ainda, como

---

<sup>5</sup> Embora de extrema relevância, não iremos aprofundar neste estudo o conceito de cibercultura haja vista o vasto campo de estudos existentes sobre o conceito.

destaca Marteleto (2010), a sua relevância na área da Ciência da Informação ao considerar, nesses fenômenos, as práticas e os processos informacionais envolvidos.

Ao buscarmos nos estudos, o conceito de compartilhamento de informações, revelamos a conceituação de Amorim; Tomaél (2011) que entendem

A palavra compartilhamento remete à necessidade de participação mútua, ou seja, as pessoas permitem compartilhar algo que seja de sua propriedade. No caso da informação, ela advém do conhecimento que se torna explícito, utilizando-se dos meios de comunicação. (AMORIM; TOMAÉL, 2011, p.80)

Nesse sentido, deslocamo-nos da perspectiva da “transmissão de informação” (BORKO, 1968) para a de “compartilhamento de informações”, na qual a dinâmica das redes sociais envolve a informação e a comunicação que, por sua vez, ocorre por meio de trocas, já que a sua acepção é a partilha entre os sujeitos, grupos ou instituições. Envolve a cooperação, as trocas de experiências, as diferentes aprendizagens entre os grupos sociais em uma dinâmica coletiva. Demanda, portanto, a interação social. Como descrito por Akaichi; Tomaél; Alcará (2016, p. 81) “em síntese, no contexto do compartilhamento, para que ocorra o processo de troca é imprescindível primeiramente a interação entre as pessoas, ou seja, essa atividade não é realizada de forma isolada”.

As autoras ainda reiteram que em contexto social se constitui na dinâmica das relações, é uma necessidade interagir socialmente, pois faz parte da tendência natural dos sujeitos.

Podemos assinalar a evolução das práticas de compartilhamento das informações nas organizações da sociedade civil, em âmbito nacional e internacional. A partir da década de 80 estas organizações ganham maior visibilidade com a internet, de acordo com Marteleto (2010) com a busca de estratégias para compartilhar informações. A perspectiva destas organizações foi (e é) a de geração e compartilhamento de informações que partem da percepção sobre a existência de enormes desigualdades na propagação de saberes: somente tinha direito de fala, de escrita, direito ao discurso quem detinha o poder nos processos comunicativos, detentores do conhecimento.

Com a possibilidade das informações circulantes e a descentralização dos processos comunicativos, outras falas ganham espaço de legitimação e de produção de outros saberes, a partir de outros lugares e experiências. A produção e o

compartilhamento de informações, nessa perspectiva descrevem um sujeito mais protagonista nas suas ações, que interage, dissemina e interpreta a partir da sua visão de mundo e do seu *locus* social.

Dessa forma, ao considerarmos que o contexto está intrínseco na produção e no compartilhamento de informações é válido dizer que as subjetividades que influenciam e são influenciadas por este contexto têm grande impacto nas práticas informacionais.

Defendemos, assim, nessa proposta, a importância em relação à compreensão das práticas de produção e compartilhamento de informações concernentes às mulheres negras que buscam, por meio das redes sociais, outras formas de disseminar as suas formas de se representar partindo dos movimentos sociais e das reflexões teóricas acerca das suas condições e das suas constituições enquanto sujeitos de forma a transformar a sua imagem. Viram dessa forma, no espaço virtual uma oportunidade de desnaturalizar discursos hegemônicos.

#### **2.4 O Espaço virtual: um lugar de representação**

O desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação (TICs), aliadas aos processos sociais, constituíram novas formas de interação social. Tais possibilidades de interações trouxeram impactos na cultura e na relação dos sujeitos permitindo acessar diferentes saberes e modos de vida consolidando uma nova cultura, a existente no espaço virtual.

Para Malta e Oliveira (2016) a sociedade foi impactada de forma singular dada às práticas comunicacionais da cibercultura em que

A cooperação é um ponto chave na cibercultura, já que o compartilhamento de informações de todo tipo constrói processos coletivos e dá forma a diversos espaços midiáticos, os quais entusiasma os indivíduos com a possibilidade de produzir informação e receber informação multidirecional. (MALTA; OLIVEIRA, 2016 p.61)

Deste modo, as informações compartilhadas em espaços midiáticos e coletivos permitem produzir e receber informações gerando um “alargamento” de conteúdos que se dá pela construção coletiva, mas também a produção de novos conhecimentos, sua

disseminação e o seu acesso, embora possamos considerar que este último ainda é um fator de exclusão, haja vista que o acesso ainda não é democratizado.

Tal alargamento assinala novos modos de existir dos grupos sociais que, por meio da produção de informações e compartilhamento de saberes permitem a produção de novos sentidos, a demarcação de outros espaços legitimados de saber possibilitando o surgimento de outros coletivos que vislumbram nas redes a oportunidade de desnaturalizar discursos hegemônicos.

Entendemos assim que as tecnologias disponibilizaram novos meios para a apropriação das informações e construção de conhecimentos, assim como para expressão e criação cultural e, que aliadas às tecnologias geram novas formas de evidenciar as identidades e solidariedade entre os grupos resultando em ação social.

Malta e Oliveira (2016) destacam que as formas de sociabilidade foram modificadas e ampliadas, consolidando uma sociedade em redes em que inúmeras e variadas discussões sociais estão sendo pautadas e travadas.

As redes, assim, possibilitaram a incorporação de outras frentes de debates e lutas sociais no sentido de discutir temas que até então ocupavam espaços legitimados e com a voz de autoridade na produção de discursos produzindo uma única verdade baseada no princípio da neutralidade e objetividade, excluindo outros olhares.

Nesse sentido, a web 2.0 facilitou a criação e consolidação de redes entre coletivos e organizações feministas, os quais permitiram o surgimento de novos grupos sociais que manifestam a sua atuação através do ambiente virtual, especialmente nos blogs e plataformas digitais.

Lemos (2009) acrescenta que as tecnologias, a comunicação e suas interações forneceram aos novos feminismos a oportunidade de criar narrativas que contestem o discurso dominante permitindo o surgimento de múltiplas e infinitas subjetividades.

Desta forma, as relações no espaço virtual são marcadas pela horizontalidade dos discursos e pelas práticas plurais e heterogêneas, assim como, a articulação com setores diversos da sociedade civil. Tais relações explicitam e questionam as relações hierárquicas legitimadas e que produzem diferentes níveis de desigualdades. Assim, o ambiente virtual se configura no “*locus* de ação e reflexão do movimento feminista e das mulheres” (NATANSOHN, 2013, p.15)

Constituem-se, desse modo em importantes ferramentas para que os sujeitos e grupos sociais possam agir como agentes de transformação, não somente porque estimulam a produção de conhecimento em uma estrutura descentralizada, mas porque, ao compartilhar as informações, promovem a identidade desses grupos, dando a conhecer o seu lugar social e questionar a naturalização das subordinações existentes.

Podemos assim, considerar os espaços virtuais como de produção e de compartilhamento de informações que, por meio das interações, produzem novos sentidos e possibilitam a criação de novos ambientes de construção e reconfiguração de identidades perdidas ou silenciadas, e, conseqüentemente, o empoderamento de um grupo.

Villela (2012) aponta que são poucos os grupos que dominam os meios de comunicação de massa e esses, por sua vez vão representar os seus interesses fazendo com que as informações sejam disponibilizadas a partir da ótica desses emissores e, mesmo que haja liberdade de acesso, as pautas são definidas tendo uma autorização prévia para a sua transmissão.

Partindo da ideia desse controle, os movimentos sociais, então, buscam outras formas de mobilizar a opinião pública, oferecendo repertórios informacionais e organizando ações coletivas. Mais do que um movimento social, o feminismo, é um quadro teórico, um conceito, uma noção, talvez mesmo (tal qual informação) um termo guarda-chuva difuso, espreado e capilarizado em várias vertentes com várias camadas. E desta forma, espalhada ou regionalizada, de formas mais profundas ou rasas, instalou-se e instaurou-se como sujeito falante, na Rede, por meio dos blogs e plataformas sociais de mulheres para disseminar as suas pautas.

A entrada do coletivo feminista no ciberespaço teve seu início, conforme afirma Lima (2017) nos anos 1990 coincidindo com o início do processo de popularização do feminismo.

Para Martinez

Se durante todas as três ondas do feminismo, o movimento dependeu de que as mulheres se organizassem em espaços diversos presencialmente, a partir dos anos 90 a cultura digital possibilitou que as coisas se dessem de forma mais generalizada e pulverizada se tornando, ela mesma, objeto

de uma nova epistemologia feminista, que foi chamada de ciberfeminismo<sup>6</sup> (MARTINEZ, 2019, p.7)

Deste modo, por meio da utilização, das tecnologias e da internet o movimento feminista mobilizou várias estratégias para debater e problematizar pautas que envolviam a estética, a política, o mercado de trabalho e outras formas de representação e empoderamento<sup>7</sup> das mulheres. Martinez (2019) ainda acrescenta que em 2015 diversas mídias proclamaram o ano do Feminismo no Brasil dado o alcance da Internet nesse novo espaço de conscientização e organização coletiva.

Desta forma, as narrativas se deslocam do plano da invisibilidade e ganham espaço entre os mais diversos públicos, desvelando práticas informacionais relativas ao racismo e machismo, representativas dessas formas de opressão.

---

<sup>6</sup> Tratou-se de um movimento estético e político orientado pela popularização das tecnologias digitais que renovou o debate feminista, questionando as desigualdades de gênero através das relações das mulheres com a ciência, a tecnologia e a cultura eletrônica (MARTINEZ, 2019, p. 7).

<sup>7</sup> O termo empoderamento (*empowerment*) originou-se nos Estados Unidos durante os movimentos de direitos civis dos anos de 1960. Sustenta-se que o uso do termo considerado como um conceito sociopolítico também trouxe a participação formal e o enfoque da conscientização, emancipação, requerendo a compreensão dos complexos fatores que geram a subordinação feminina (CRUZ, 2018, p. 105).

### 3 DAS REPRESENTAÇÕES DO RACISMO AO FEMINISMO NEGRO

As discussões referentes as representações sociais concernentes ao racismo, imbricando-as aos conceitos advindos do Feminismo negro de interseccionalidade e lugar de fala se constituem no empreendimento desta seção. Defendemos que tais discussões são necessárias, como elementos elucidativos da forma como as mulheres se representam e são representadas através das informações das postagens na plataforma digital. Dessa forma, compreender a estrutura do racismo como uma representação social instituída auxilia-nos no entendimento das configurações e dos impactos na vida das mulheres negras.

Na sua concepção histórica, o racismo se edificou tendo por referência sociedades balizadas nas desigualdades e na falta de oportunidades, as quais por gerações, naturalizaram a predominância de um grupo social, em detrimento da existência de um outro grupo marginalizado, invisibilizado e desumanizado.

De acordo com Almeida (2019) o racismo não é um fenômeno patológico e sim, uma manifestação natural de uma sociedade que o incorpora na sua concepção estrutural. Ele transcende, portanto, a ação individual, pois se trata de um elemento constitutivo das relações de poder, de um grupo sobre outro e os quais têm nas instituições a promoção, a manutenção e a reprodução de condições sociais desiguais.

Nesse sentido, o racismo se constitui em uma estrutura de hierarquização, categorizando os grupos pela sua condição racial como forma de naturalizar e sistematizar diferentes discriminações, gerando reflexos no sistema educativo, nas manifestações culturais, nas oportunidades de trabalho e nas projeções efetivadas pelos diversos meios de comunicação de massa.

Dessa forma, o racismo pode ser entendido como uma **representação social** instituída histórica, cultural e socialmente estabelecida nas relações sociais em que as informações se constituem em elementos determinantes. Isso porque a convergência e o reforço de informações circulantes na sociedade, acerca do racismo, conformam aspectos psicológicos relativos às representações de grupos minoritários.

Para Valla (2015), as representações sociais são determinadas por processos psicológicos e sociais, afirmando a necessidade de pensar o racismo para além

das práticas de preconceito racial subjetivadas. Vala (2015, p.160) infere que “o racismo consiste em não reconhecer como totalmente humana uma dada entidade e colocá-la em não humana”. Esse entendimento vai se firmando ao longo da história de forma a estruturar o pensamento social de forma estigmatizada e simbólica. Essas percepções são materializadas em um conjunto de informações, juízos que se fundamentam em crenças que imbricam as práticas sistemáticas de preconceitos.

Ao longo de seus estudos balizados nas ancoragens históricas, biológicas, científicas e religiosas, e a partir da instituição de práticas antirracistas, Vala descreve que as manifestações de preconceito apresentam-se de forma mais implícita do que explícitas e que isso se reflete nas Representações Sociais as quais provocaram transformações dessas representações sobre a diferença dos grupos humanos, trazendo essas diferenças do plano biológico para o cultural, de forma hierarquizar e inferiorizar a cultura.

Compreendemos, no entanto, que o racismo se instituiu historicamente no plano biológico em que definia as raças como superior ou inferior e é nessa perspectiva que se estabelecem as relações hierárquicas. Com o avanço dos estudos antropológicos descortina-se esse mito, outros aspectos começam a se colocar para a manutenção desse racismo que baliza as práticas discriminatórias.

Diante disso, Vala (2015) afirma que

É, pois, neste contexto que propomos que o racismo tem sido objeto de transformações adaptativas que permitem manter os aspectos fundamentais das crenças raciais tradicionais, sem colocar em causa as instituições democráticas e uma autorrepresentação não racista ou preconceituosa” (VALA, 2015, p,172)

Com isso é possível conceber que houve transformações do racismo pela necessidade de manutenção de padrões raciais hierarquizantes que subjagam sujeitos, culturas e crenças na concepção de inferioridade e superioridade.

Para Almeida (2019, p. 51) “o racismo como processo histórico e político, cria condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática”. O autor ainda destaca que sendo o racismo inerente à ordem social, a forma de combatê-lo deverá ser por meio de práticas

antirracistas, tais como a promoção da igualdade e da diversidade nas relações e na promoção de debates a fim de rever práticas institucionalizadas, especialmente no âmbito acadêmico, para que possamos refletir acerca dessa estrutura social que abarca um coletivo. Nesse sentido, estamos abordando um fenômeno social.

Carneiro (2019, p. 377) descreve que

O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas. Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e antirracista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira.

Assim, quando falamos de mulheres negras, tais questões se potencializam, pois aqui emergem não só as questões de raça, mas também de gênero e ao discutir esse lugar, entendemos que esse grupo social sofre as opressões dadas pela estrutura racista e pelo ser mulher nessa sociedade. O feminismo negro nasce então das estruturas do racismo e do machismo e que colocam a mulher negra em condições de desigualdades pelos papéis que lhes foram designados socialmente a partir de marcadores de raça, gênero e classe que se imbricam e reforçam as opressões.

Com o propósito de compreender quais as informações que sustentam as representações das mulheres negras e as mobilizam para a produção de contra-narrativas buscamos nas abordagens e estudos do feminismo negro, elementos que discutam as origens da dominação e as construções sociais que moldaram esse grupo, impactando nas suas relações e modos de vida.

No que tange à trajetória temporal do feminismo negro, é na década de 70 que as organizações de mulheres negras começam a ganhar força no Brasil. Surge o Movimento Negro Unificado (MNU) que reivindica as pautas de gênero e raça nas agendas políticas, a fim de evidenciar as problemáticas da discriminação.

Conforme Rocha (2017) as ações desses movimentos começaram a instaurar-se, desde a década de 80 com a criação de organizações e fóruns específicos de instâncias nacionais que pautam a agenda feminista nas temáticas do racismo e da discriminação.

Nesse sentido, as redes sociais surgem como um auxílio para descentralizar a produção de conteúdo e possibilitaram que as feministas negras expandissem o alcance de sua discussão acadêmica e política acerca do racismo estrutural que já se dava em livros, jornais, palanque e, conforme Malta e Oliveira (2016), denunciavam a ausência de representações positivas de negros e negras na mídia como fator negativo que reproduzia a subalternidade e invisibilidade das subjetividades e de sabotagem à autoestima da população negra.

Portanto, tais espaços de produção e compartilhamento de informações oportunizaram às mulheres racializadas, não somente uma nova escrita das suas histórias, até então silenciadas, mas também a oportunidade de contestar estereótipos e discursos que marcam de forma negativa mulheres e negros.

Na opinião de Malta e Oliveira (2016) as plataformas digitais são espaços em que as mulheres negras podem narrar as suas histórias e revelar a presença do racismo e do machismo em suas vidas. Tais plataformas, segundo as autoras, ganharam um alcance imensurável formulado na rede de compartilhamentos de informações.

As autoras ainda afirmam que os blogs têm incentivado que cada vez mais esse grupo social possa narrar suas experiências e, através dessas narrativas, por proximidade ou identificação de similaridades, ajudar outras mulheres que vivenciam situações de opressão.

Para Carneiro (2003, p.118) “afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre, delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta antirracista no Brasil”.

Do ponto de vista da autora, o feminismo tem grandes méritos, especialmente no Brasil, uma vez que aliou as lutas das classes populares aos movimentos feministas. No entanto, há que se considerar as especificidades existentes nas questões concernentes ao gênero, tendo em vista que as mulheres negras tiveram uma experiência histórica diversa sobre as opressões das mulheres brancas.

A partir do momento em que essas mulheres se deram conta que as suas especificidades não estavam sendo abarcadas, estando à margem do homem e da mulher branca, tendo a sua identidade silenciada e em lugar de conformidade naturalizado, começam, então, a reivindicar esse lugar de igualdade de direitos.

Assim, o feminismo negro se articula em duas frentes: a ativista em que passa a lutar por direitos políticos, anunciar as suas especificidades enquanto mulheres negras, denunciar as violências domésticas, sexuais e simbólicas, e a teórica: realizar estudos e produzir conhecimento sobre as raízes históricas e sociais que demarcaram esse lugar.

Segundo Ribeiro (2019) a composição de narrativas das mulheres negras é uma premissa importante para o feminismo negro, pois há necessidade de serem pensadas a partir de si, e não em comparação ao outro, sejam homens ou mulheres brancas, pois segundo a filósofa, é nessa relação de comparação que se mantém a submissão e dominação. Considerando a contribuição da autora, projetamos a possibilidade de que o conjunto de informações emergidas da articulação entre os aspectos teóricos e empíricos, se possa estabelecer categorias para o exame dos discursos presentes na plataforma, desvelando práticas de embate às relações de poder.

A autora ainda sublinha a urgência de um deslocamento do pensamento hegemônico, de forma a ressignificar as identidades, dando voz e visibilidade aos sujeitos que histórica, social, política e culturalmente foram excluídos e marginalizados reconhecendo as diferenças, e tendo-as como essenciais para a constituição de sujeitos plurais. Para Ribeiro (2019):

o não reconhecimento de que partimos de lugares diferentes, posto que experienciamos gênero de modo diferente, leva à legitimação de um discurso excludente, pois não visibiliza outras formas de ser mulher no mundo. (RIBEIRO, 2019, p.51)

Tais significações constituem um processo interativo de informações produzidas e compartilhadas os quais sobressaem essas subjetividades visibilizando os saberes sociais dessas mulheres.

Nesse contexto de reconhecimento enquanto sujeitos políticos e, aliado ao uso das tecnologias da informação e da comunicação (TICs), buscam estratégias para reescrever as suas histórias e romper com a invisibilidade e subjugação nas suas trajetórias como efeito das representações instituídas, as quais mantêm um sistema de dominação hegemônico.

Deste modo, compreender o lugar das narrativas de mulheres negras e a sua importância como um espaço político e de produção de conhecimento é reconhecer e

refletir sobre o modo como são e querem ser representadas. Tais mulheres possuem pontos de partida diferentes, experiências diversas, mas enquanto grupo social, partem de um lugar, invisibilizado, marginalizado, tendo naturalizado sua existência em um lugar não de fala, mas de subjugação, subalternização e silêncio, um “não lugar”.

Assim, teóricas como Carneiro (2003; 2019), Davis (2016), Ribeiro (2019) destacam marcadores que naturalizaram esse *locus* social que a mulher negra ocupa e que é a partir dele que se quer falar, refletir e questionar sobre o objeto de estudo aqui proposto.

Com isso, elegemos, a partir das contribuições teóricas, os conceitos que derivam das relações que se estabeleceram histórica e socialmente nas questões atinentes ao gênero e à raça. O primeiro dos conceitos que abordaremos a seguir refere-se à interseccionalidade, conceito cunhado pela pesquisadora estadunidense Kimberley Crenshaw (2002). O segundo conceito que adotamos é o lugar de fala (RIBEIRO, 2019), que na perspectiva do feminismo negro, age como uma reação a um regime de verdade instituído e que o reconhecimento desses conceitos auxilia a romper.

Esses dois conceitos se constituem em escolhas intencionais para traçar o percurso desta dissertação, haja vista a possibilidade de trazer à tona as possibilidades de refletir e discutir os marcadores sociais que balizam à abordagem interseccional e potencializam as desigualdades e, estas refletem nas suas experiências e, deste modo reafirmam a necessidade em contemplar as especificidades das mulheres negras e pelas quais a partir do entendimento de lugar de fala permite reconhecer um outro “estar”, de legitimação de poder falar de si, das suas experiências e dos efeitos dessas desigualdades.

### **3.1 Interseccionalidade**

Apresentamos a seguir, o conceito de interseccionalidade com o propósito de compreender os marcadores sociais que se entrecruzam no conjunto de informações e relações manifestas que impactam na forma de representação das mulheres negras. Ao pautar que os sistemas de opressão se entrelaçam no que diz respeito à raça, tal conceito

nos auxilia a desvelar os motivos pelos quais esses sistemas de opressão incidem sobre essas mulheres.

Para as feministas negras, a interseccionalidade se constitui em uma ferramenta para a compreensão acerca das estruturas racistas e sexistas. Tal categoria surge como uma reação à prevalência de um discurso hegemônico que invisibiliza as mulheres negras, indígenas, lésbicas, pobres e não-ocidentais na medida em que seus contextos não são abarcados nessas reivindicações conferindo-lhes um lugar de subordinação.

Piscitelli (2008) destaca que estudos críticos no final da década de 1980 passam a reconhecer outras diferenças dentro do pensamento feminista, entretanto, tal reconhecimento privilegiou uma única diferença atrelada ao gênero e não considerou a conjuntura de raça e classe.

A autora salienta que as feministas que abordam a teoria pós-colonial chamam a atenção para a necessidade de articular gênero não apenas a sexualidade, raça, classe, mas também a religião e nacionalidade. Estas últimas também impactam em uma estrutura desigual. Assim, faz-se necessário uma análise conjunta das diferenças, as quais criam categorias alternativas ao gênero e a raça.

A abordagem interseccional de Crenshaw (2002) revela-se nas interações em que as formas de subordinação racistas e sexistas superam a noção de superposição, pois elas podem acontecer simultaneamente, em especial no caso da mulher negra, que é subjugada por ser mulher e por ser negra.

A pesquisadora reconhece que o princípio da igualdade de gênero expande o olhar protetor dos direitos humanos (que em geral se dá nas duas frentes - discursiva e das práticas militantes como protestos, ações junto a parlamentares e outras) para os abusos de direitos relacionados ao gênero consolidando uma significativa mudança nos direitos das mulheres e promovendo, inclusive, avanços conceituais. No entanto, entende que marcadores sociais<sup>8</sup> de classe, raça, cor, etnia, religião, nacionalidade e orientação

---

<sup>8</sup> Embora os estudos dos marcadores sociais da diferença, da abordagem interseccional e da associação de categorias venham de linhagens teóricas e histórias diferentes, a noção de marcadores ou marcador tem sido utilizada por essas três perspectivas. Na primeira, marcadores sociais da diferença é entendida como uma forma de análise que busca pensar as relações entre gênero, sexualidade, classe, raça/cor, entre outras categorias, contextualmente. Ao passo que a perspectiva interseccional mobiliza a noção de marcadores como um auxiliar da análise, que contribui para a compreensão da sobreposição de exclusões. Por fim, estudos que tratam o assunto mobilizando “a associação de categorias” fazem um exercício para encarar as diferenças e as desigualdades em contextos históricos. Nesse caso, a palavra marcador é

sexual, são diferenças que influenciam na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação. Em relação às práticas informacionais encontradas na internet essas práticas discriminatórias se balizam em distintas formas de apresentação de conteúdo e representam perspectivas relativas à mulher negra. Nesse sentido, os marcadores sociais fundamentam a compreensão, manifestada no conteúdo das informações.

Crenshaw (2002), apresenta elementos históricos e conceituais para pensar a interação entre as discriminações de raça e de gênero. Um dos elementos diz respeito às possibilidades de as mulheres vivenciarem discriminações e outros abusos dos direitos humanos de forma diferente dos homens. Para a teórica “o imperativo de incorporação do gênero põe em destaque as formas pelas quais homens e mulheres são diferentemente afetados pela discriminação racial e por outras intolerâncias correlatas” (CRENSHAW, 2002, p. 173).

Tais diferenças e que dão lugar para a exclusão, não se aplicam somente a homens e mulheres, mas também entre mulheres, pois há um reconhecimento da existência de várias diferenças que ocorrem simultaneamente e que operam no sentido de negar-lhes os direitos humanos.

Entendemos, assim, que tais opressões que se entrecruzam; caso não sejam consideradas como um conjunto entrecruzado e complexo, potencializam as exclusões e invisibilizam a identidade desses sujeitos porque são mulheres, são negras, são de classe operária a um só tempo e que, por conta disso, o seu não lugar se naturaliza.

Outro elemento abordado nesse conceito está relacionado às possibilidades de desvelar relações de poder que se manifestam de forma unilateral em relação aos grupos subalternizados. São também nessas manifestações de poder que se dão as representações que, conforme afirma Moscovici (2007), convencioam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram, lhes dão uma forma definitiva e as localizam em uma determinada categoria. Se porventura um sujeito ou objeto está fora dessa categoria convencioada é tido como à parte, não compreendido ou fora do padrão.

---

mobilizada como substantivo dentro de uma cadeia de significados(HIRANO; ACUÑA; MACHADO, 2019, p.22)

Para Akotirene (2019, p. 73)

a interseccionalidade trata especificamente da forma pelo qual o racismo, o patriarcalismo, as opressões de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas as mulheres, raças, etnias, classes e outras.

As mulheres racializadas, deste modo, ocupam um lugar em que o racismo, a xenofobia, a classe e o gênero sofrem esses atravessamentos e lhes colocam em uma posição de desempoderamento. Especificamente em relação ao estudo aqui proposto esse desempoderamento é confrontado em virtude do conjunto de informações objetivadas nos conteúdos produzidos e compartilhados por e sobre mulheres negras. Isso ao ocorrer nos espaços virtuais permite uma reordenação nas formas de representações relativas ao imaginário desse grupo específico. Desse confronto outras dinâmicas são edificadas.

Para compreender as dinâmicas que moldam a subordinação interseccional das mulheres então marcadas pela invisibilidade, é preciso um exame mais detalhado no qual devemos considerar as formas como vivem, seus contextos, as formas de controle e que, muitas vezes, são perdidas no âmbito da subalternização entre gênero, raça, cor, etnia entre outros.

Em um sistema estrutural, este conjunto imbricado de enunciados não é sequer percebido, por ser tão comum, “a ponto de parecer um fato da vida, natural ou pelo menos imutável, esse pano de fundo (estrutural) é, muitas vezes, invisível” (CRENSHAW, 2002, p. 176).

Assim, baseando-nos em uma análise interseccional cuja proposta é atribuída a Crenshaw (2002) e discutida por outras teóricas, como Piscitelli (2008) e Akotirene (2019), as opressões podem vir por meio da violência sexual por motivações étnicas, estereótipos racializados de gênero, disseminação de propagandas racistas ou sexista, negação dos direitos reprodutivos de mulheres pobres e de minorias, podem vir também na negação da educação formal, na diminuição de oportunidades no mercado de trabalho, nas funções ou posições que envolvem interação com o público ou empregadas em trabalhos industriais ou trabalhos que deverão executar fisicamente, na

desvalorização de salário, em uma posição econômica desfavorecida e ainda sendo suporte familiar.

Crenshaw (2002) em seu texto contribui com o entendimento de que para a abordagem interseccional dar conta dessas diferentes formas de opressão é preciso promover estratégias que focalizem em uma análise contextual, a partir de questionamentos sobre de que forma essa mulheres vivem, quais as influências que moldam as suas vidas, a que estão expostas e quais os seus enfrentamentos.

A partir da conformação desse conceito, aliada à dinâmica do portal Geledés que, contempla em suas premissas as pautas de gênero e de raça, interligados a outras estruturas de opressão e que se manifestam nos regimes discursivos e, conseqüentemente na produção e no compartilhamento de informações, a presente pesquisa visa, por meio das análises dessas informações identificar os marcadores de raça, gênero e classe nas postagens e promover reflexões no sentido de desvelar essas subordinações que ocorrem de forma naturalizada para então oferecer subsídios de combate às múltiplas formas de discriminação pautadas inicialmente nas temáticas raça-gênero.

Neste sentido, como dito em outro lugar, quanto às estruturas discursivas: “*descrevê-las já é roê-las por dentro*” (APRESENTAÇÃO, 1996, p.13). Este é o lugar de fala da Academia. Aliás, este é o conceito a ser tratado na próxima subseção.

### **3.2 Lugar de Fala e as relações de poder**

Nosso estudo busca, ao discutir na representação das mulheres negras, enfatizar seu “*lugar de fala*” associado às relações de poder, tendo em vista que mais do que interfere, condiciona a produção e compartilhamento de informações, pois gera alternativas de construções discursivas - permissões e interdições - estabelecidas nas relações de dominância.

O pensamento feminista negro aponta como um caminho, um engajamento das mulheres negras como consequência do seu empoderamento a fim de que possam considerar as suas histórias e, a partir delas, anunciar as vozes silenciadas evidenciando por meio de informações as opressões sofridas.

Oliveira *et al.* (2019) concebem a informação, neste contexto, como um fenômeno social capaz de dar voz às mulheres e elevar os seus níveis de participação e engajamento.

*Lugar de fala*, na perspectiva de Ribeiro (2019) então vem a ser um termo que advém dos movimentos sociais, mais especificamente do movimento feminista negro, enquanto um espaço de discursos legitimados.

Para Ribeiro (2019, p. 57)

não há uma epistemologia determinada sobre o termo 'lugar de fala' especificamente, ou melhor, a origem do termo é imprecisa. Acreditamos que este surge a partir da tradição de discussão sobre *feminist standpoint* – em uma tradução literal 'ponto de vista feminista'.

A teoria do ponto de vista feminista busca enfatizar a constituição de grupos socialmente construídos, ou seja, essa teoria, vai discutir as condições sociais desses grupos. Nessa perspectiva, lugar de fala não enfatiza, embora contemple, as experiências individuais de um sujeito e sim, o lugar social que certos grupos ocupam e que lhes restringem oportunidades.

Segundo essa dimensão, Ribeiro (2019, p.60) exemplifica, como afirmamos anteriormente que “uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta da sua localização social, vai experienciar gênero de uma outra forma”.

Dessa maneira, a localização social, na ótica do feminismo negro, é discutida a partir das relações de poder que se estabelecem e que são interligadas pelas diferentes categorias de opressão, aqui raça, classe, gênero que estão estruturadas histórica, social e economicamente e, ao se constituírem e cristalizarem trazem, como consequência, as desigualdades.

Partimos da compreensão de Ribeiro (2019) que o lugar de fala é lugar social. Entendemos, para tanto, que pessoas negras vão falar a partir do seu lugar social para abordar o racismo, por exemplo. A autora explicita que nessa lógica, pessoas negras também podem falar, a partir de um entendimento de que somente pessoas brancas tinham a fala privilegiada, deslocando-se também para uma escuta ativa.

No entanto, reiteramos, ao considerar as afirmações dos autores (RIBEIRO, 2019; OLIVEIRA *et.al.*,2019; COLLINS, 2016) que “lugar de fala “não trata de

representatividade ou que somente esse grupo poderá falar sobre si mesmo. Conforme os autores, todos têm um lugar de fala porque estão localizados, referenciados e referendados socialmente. Isso significa que emitimos informações a partir do lugar ao qual pertencemos, as nossas referências existenciais, as nossas histórias de vida, experiências e contextos, seja a partir de notícias, depoimentos, relatos dentre outras manifestações.

Segundo esta perspectiva (como também outras), equivaleria dizer que nascemos em determinado lugar e tempo, fazemos uso de uma linguagem, somos educados e aprendemos a relacionar-nos segundo normas legais e padrões culturais compartilhados pelo grupo e assimiladas de modo subconsciente pelo indivíduo. Estas condicionantes implícitas ou explícitas determinam, também de modo constituinte as individualidades, o poder de dizer ou o dever de calar, um poder do discurso (FOUCAULT, 2004) a alguns e não a outros, a depender da posição social que é sobredeterminada pelo grupo. A cada um é dado um lugar (em uma verdadeira disputa), que pode ser de fala, mas, para a maioria dos seres humanos é um lugar de calar e escutar, um lugar de “não fala”.

Ribeiro ainda destaca que no Brasil, é comum ouvir críticas acerca do “lugar de fala” enquanto conceito, na percepção do indivíduo<sup>9</sup> e não “nas múltiplas condições que resultam nas desigualdades e hierarquias que localizam grupos subalternizados” (RIBEIRO, 2019, p. 63).

A autora ainda ressalta que são essas as condições sociais que impedem que a população negra acesse determinados espaços os quais legitimam a sua existência. Podemos exemplificar neste estudo, o acesso à educação e ao conhecimento científico, a fim de construir histórica e socialmente as suas produções, não só para dar conta das suas ancestralidades, mas fazer parte de grupos decisórios e formadores de opinião, que estejam em espaços de privilégios, seja em cargos, ou no próprio poder público, que possam também influenciar os meios de comunicação para que suas vozes sejam ouvidas e tenham o seu devido respeito e dignidade.

---

<sup>9</sup> Existem autores, a exemplo de Hekman, em sua obra “Truth and Method: Feminist Standpoint Theory Revisited” em que analisa o lugar de fala em uma perspectiva individual e que sofre críticas da teórica Patrícia Hill Collins em seu artigo intitulado “Comentários sobre o artigo de Hekman Truth and Method: Feminist Standpoint Theory Revisited”: onde está o poder? Trataremos aqui, do conceito, ou da noção “*lugar de fala*” sob o prisma do pensamento feminista negro.

Diante dessas considerações, “o falar não se restringe ao ato de emitir as palavras, mas de poder existir. Pensamos num lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequentes da hierarquia social”. (RIBEIRO, 2019, p. 64). E são nas ações que se materializam nas produções e nas informações que essas mulheres querem visibilizar a sua (re)existência.

O “lugar de fala” ainda segundo Ribeiro (2019) desconstrói a ideia do ponto de vista universal, aquele que fala representa a todos, como se as questões de exclusão assumissem a configuração de um sistema universal que serve a todos excluídos ou marginalizados. Assim como não significa que somente o negro pode falar sobre racismo ou a mulher sobre o feminismo. Deste modo, um homem pode defender e falar sobre o feminismo negro, mas a partir do seu lugar social e essa localização social já está há muito tempo instituída e estabelecida como uma relação de poder. Sim, um homem branco pode mostrar solidariedade e alteridade e ser convocado como aliado discursivo ou prático acerca do racismo, mas sempre será recebido como “o outro” que compreende. Um estrangeiro, que compreende a “nossa língua”, aquele com quem podemos trocar ideias e, talvez, traduzir para o restante da cavalaria.

Ribeiro (2019) segue, sublinhando que *lugar de fala*, é o lugar de resistências, de marcar as identidades de forma que se perceba que em um sistema opressor, para que haja os oprimidos é preciso que haja os privilegiados e não que se tenha que abrir mão de privilégios, mas que as lutas enquanto espaços de resistências se deem pela equidade.

Oliveira *et al.* (2019, p. 31) afirmam que “entender o que é lugar de fala e saber qual é o seu lugar salienta o empoderamento de mulheres”, as quais na troca de experiências, passam a se enxergar como sujeitos políticos dentro de um grupo específico e compreendem que o processo dialético sofre influência de um contexto social.

Os autores ainda acentuam que o lugar de fala surge como um mecanismo para contrapor os silenciamentos das minorias sociais ocasionados por grupos privilegiados, legitimando assim, a autoridade discursiva dessas minorias. Nesse sentido as narrativas encontradas na web são a manifestação expressa de forma a contrapor discursos hegemônicos e, através das redes compartilham seus pensamentos, crenças,

comportamentos e constituem as suas representações na produção de seus discursos, resgatando a sua identidade, autoestima e problematizando as desigualdades sociais.

Esses grupos sociais subalternizados, passam a ter a escuta das suas vozes até então silenciadas acerca das opressões que sofrem. Mesmo quando se expressam de forma individual, servem para apontar a ocupação desse lugar enquanto grupo social, pois o que se considera, nesse contexto, são as experiências comuns. Trazendo do grupo seus aprendizados, atuam como porta-vozes daquele coletivo que os constitui.

Para compreendermos um pouco mais tais afirmativas, partimos de um contexto histórico. No caso brasileiro, Sodré (2019) destaca que tivemos uma abolição jurídico-política, no entanto essa abolição não foi social. Para o autor, aboliu-se o racismo de segregação, mas não houve abolição no campo da dominação. Para Sodré (2019)

Na segregação colocava-se o negro na senzala, no lugar dele à base da força, da porrada, à base do pau. O de dominação não. Continua-se botando em outro lugar, mas por meio de julgamentos, julgamentos negativos, escalonamento diferenciado no mercado de trabalho. Esse é o racismo de dominação que a abolição não acabou, que continua na forma escrava (SODRÉ, 2019, p. 879).

Diante dessa afirmação, depreende-se que o racismo de dominação é aquele que se evidencia enquanto estrutura social que produz e reproduz discursos que se naturalizam e colocam esse grupo social em condições de subalternização e invisibilidade enquanto sujeitos de direitos.

Partindo dessa premissa, Foucault (1996) considera que as rupturas históricas permitem pensar diferente fazendo com que o saber se modifique, porém, este não é um processo que se estabeleça de forma rápida, pois as relações de forças se formam a partir de campos de resistência.

Para o teórico, essas relações se consolidam, se estratificam como “verdades” sendo produzidas e reproduzidas em diferentes contextos e, mesmo com algumas dobras ou pontos de reflexão, se perpetuam e muitas dessas relações se naturalizam, por meio de uma reprodução coletiva social.

É nessa perspectiva que o lugar de fala atua como um meio de evidenciar as relações de poder e controle, bem como interromper o regime de autorização discursiva dando voz e vez para que aquele grupo social marginalizado possa falar. Portanto, o

lugar de fala não exclui a fala do outro. Para autores como Sodré (2019) e Ribeiro (2019), todas as pessoas podem falar a partir de um lugar determinado. O importante é que este lugar esteja construído e legitimado pelo grupo social representado ou atingido. Neste sentido, assim como os aliados, os opositores do "nosso" discurso precisam ser reconhecidos como tais por "nós".

Logo, mulheres brancas e negras falam de diferentes lugares, embora sofram as opressões de gênero de formas diferentes.

Sendo assim, o lugar de fala "incide no funcionamento dos processos de constituição do sujeito do discurso" (FONTANA, 2017, p. 64) pelas relações de poder que se configuraram e pela construção de um imaginário coletivo que não reconheceu a constituição desses sujeitos nas relações sociais e que, conseqüentemente instauram as lutas por outras formas de existência e o não apagamento da sua subjetivação.

No que se refere ao portal Geledés, espaço em que constitui como de manifestação de narrativas das mulheres negras de forma a evidenciar esse lugar social e considerando os espaços virtuais, em que se constituem como campos políticos, de resistência e outras formas de existir. Nesse sentido, Ribeiro acentua que:

com todos os limites, o espaço virtual tem sido um espaço de disputa de narrativas; pessoas de grupos historicamente discriminados encontraram aí um lugar de existir, seja na criação de páginas, sites, seja em canais de vídeo, blogs. (RIBEIRO, 2019, 85).

A partir das inferências dos autores, compreendemos que tanto a interseccionalidade, quando o lugar de fala, são conceitos que merecem investigação, pois representam as dinâmicas das relações hierárquicas de superioridade e inferioridade e que engendram as relações de poder.

Podemos afirmar que as mulheres negras, buscam na produção e no compartilhamento de informações, protagonizar as suas próprias histórias marcando um outro lugar pelo qual querem ser vistas e percebidas a partir do seu contexto e das suas formas de experienciar o gênero levando em consideração as opressões que se interseccionam e de que lugar social estão falando para então desconstruir representações instauradas de um imaginário coletivo que se constituiu acerca desse grupo. Essas opressões manifestadas encontram-se também em estudos precedentes.

### **3.3 Estudos de Gênero com foco no Feminismo Negro: incidências na Ciência da Informação**

Com o objetivo de apontar para os estudos de gênero na Ciência da Informação, destacamos alguns estudos precedentes que contribuem com a pesquisa no sentido de abordar essa inserção na CI no que tange as imbricações da relação sujeito-informação.

Ainda são poucas as pesquisas sobre a temática na Ciência da Informação. Conforme apresentado por Espírito Santo (2008) que em seu estudo buscou arrolar a produção científica no âmbito da Ciência da Informação relativa às questões de gênero ao entender que se trata de um grande público consumidor de informações e o qual seria merecedor de uma proposta de investigação. Essa pesquisa se deu no período entre 2000 e 2007. No referido estudo, foram encontrados 18 artigos publicados de outros países em 14 revistas internacionais, seis publicados em revistas nacionais e quatro apresentados em ENANCIBs totalizando 28 trabalhos referentes ao tema contemplando este período.

Segundo a autora, tais estudos voltaram-se para as temáticas de desigualdades de gênero e a busca por alternativas para modificar esse quadro. Para a autora, a inclusão da mulher como objeto de estudo da CI indica, mais do que publicações, a participação feminina na produção do conhecimento científico na área.

Uma aproximação de atualização deste levantamento, ocorreu no âmbito da dissertação de Passos (2019) intitulada “Estudos de gênero na Ciência da Informação: análises dos anais do ENANCIB” em que localiza 26 trabalhos que, por meio dos estudos de gênero, evidenciam pesquisas referentes a esse grupo social. Outros estudos recentes sobre gêneros na Ciência da Informação foram identificados e os quais citamos brevemente nesta pesquisa, tais como “Estudos de gênero e feminismos: uma análise bibliométrica da Revista Estudos Feministas” (MATOS, 2018), “Indicadores de gênero no periódico Scientometrics (1981-2017)” (GODOI, 2018), “Gênero, Ciência e contexto regional: analisando diferenças entre docentes da pós-graduação de duas universidades brasileiras (BORGES, 2014).

Ainda que possamos trazer para este estudo as questões de gênero na Ciência da Informação, enfatizamos que o nosso foco se faz à luz do feminismo negro e, ao entender as especificidades das mulheres negras e que, tem implicações do racismo e do sexismo que as colocam em situação de exclusão e desigualdades de direitos, apresentamos através de estudos precedentes a sua imbricação com a Ciência da Informação.

Um dos trabalhos que destacamos é Dissertação de Melo (2019), cujo texto se consolidou em contribuições teóricas para este trabalho. Desta forma, a pesquisa intitulada “Práticas informacionais e a construção da competência crítica em informação: Um estudo na Bamidelê – Organização de Mulheres Negras da Paraíba” coloca a informação como uma das mais importantes ferramentas de enfrentamento para os segmentos histórica e socialmente oprimidos, a exemplo das mulheres negras e tem o objetivo de compreender se/como as Práticas Informacionais desenvolvidas pelas feministas negras, que atuam na Bamidelê têm contribuído para a construção de Competências Críticas em Informação. Ainda da mesma autora, descrevemos o artigo Práticas Informacionais das mulheres negras: construindo Competência Crítica em Informação (MELO; ALVES, 2019) que visa relacionar os conceitos de Práticas Informacionais e Competência Crítica em Informação de forma a analisar como as práticas informacionais desenvolvidas pelas mulheres negras acontecem nos âmbito da perspectiva do sujeito e da instituição.

Outro trabalho publicado em 2019 tem por objetivo refletir sobre a apropriação das TICs pelas mulheres negras brasileiras, como tática e estratégia para a resistência contra o racismo, o sexismo e a exploração de classe, além de outras opressões na dissertação intitulada Construções identitárias & TICs: o caso do blog “Blogueiras Negras” (SILVA, 2019).

A dissertação Bamidelê: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba, publicada em 2014 analisa como ocorrem os processos de apropriação, disseminação, democratização e preservação da informação étnico-racial na organização de mulheres negras da Paraíba.

Descrevemos o trabalho apresentado no ENANCIB de 2019 (SILVA *et. al*, 2019) intitulado A saúde da mulher negra em foco: análise da produção científica na BDTD que destaca o tema no campo biblioteconômico-informacional e os seus focos de análise e

que busca identificar o cenário da produção científica de teses e dissertações sobre a saúde da mulher negra na Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil.

Merecem destaque dois capítulos da obra “Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política” (SILVA; LIMA, 2018) intitulados: “As mulheres negras e a sociedade da informação” e “Informação para a equidade de gênero e empoderamento da mulher negra: estudo da página do Geledés – Instituto de mulheres negras no facebook”. O primeiro faz referência à sociedade da informação e do conhecimento em que não estendeu os direitos à informação para a cidadania para todos, a exemplo do acesso e uso da informação e que acaba por excluir populações marginalizadas. O segundo texto, destaca a explicitação da identidade feminina na sua diferença do masculino, nas relações de inferioridade e superioridade de forma a atribuir uma construção negativa de identidade feminina a fim de justificar as formas de subordinação e opressão sofridas pelas mulheres negras é o enfoque deste estudo.

O trabalho Mulheres negras e o comum: memória, redes sociais e táticas cotidianas apresentado em 2017 no VI Seminário de Pesquisa em Ciência da Informação que apresenta as mulheres negras, enquanto um grupo social privado de direitos em que as práticas de compartilhamento de recursos entre si são fundamentais para diminuição de custos de vida e à proteção social (SANTANA; ALMEIDA, 2017).

A pesquisa que aqui efetivamos configurou-se através de aspectos teóricos e metodológicos distintos dos estudos precedentes acima arrolados, ao compreender como se constituem as representações das mulheres negras.

### **3.4 Estudos precedentes sobre o Geledés**

Optamos por aqui elencar os estudos precedentes sobre o portal Geledés que trazem contribuições teóricas acerca desse espaço nas áreas de Comunicação, Ciências Sociais e a própria Ciência da Informação.

Dos estudos mais recentes, é possível destacar os trabalhos de Cruz (2018) que aponta as narrativas sobre a violência contra mulheres negras. O trabalho teve o objetivo de identificar as categorias de valores, fontes e informações presentes na cobertura de notícias da Folha de São Paulo a respeito de casos de violência de gênero, relacionando

com as categorias identificadas nas publicações do portal Geledés a fim de refletir e descortinar a cobertura noticiosa atrelada ao fator racial nas discussões quanto aos Direitos das Mulheres Negras.

Outra dissertação apresentada também em 2018, busca compreender o debate sobre apropriação cultural da estética negra no cenário brasileiro e como este se expressa nas matérias publicadas pelo Geledés. A pesquisa elaborada por Silva (2018) de abordagem qualitativa buscou explorar as práticas discursivas e significados compartilhados nas dezoito matérias selecionadas, identificando a construção de representações sociais em torno da ideia de apropriação cultural da estética negra.

Em 2017, a dissertação apresentada por Sabriny, analisou discurso da população negra brasileira e sua relação com a moda, em quatorze publicações veiculadas em sete blogs que tratam de temáticas relacionadas à estética, moda, beleza, cultura e identidade negra. Dentre eles, o portal Geledés. Aqui entendido como *weblog*. A pesquisa destaca a importância desses espaços virtuais como ferramentas de mobilização social, uma vez que se caracterizam como um espaço democrático de grande circulação discursiva.

A dissertação de Gomes (2017) discute a relação entre o aborto e os meios de comunicação, tendo como contexto da pesquisa o portal Geledés e a Folha de São Paulo. Tais elementos projetados nas notícias, contribuíram para a criação de narrativas sobre a temática e identidades das mulheres envolvidas. Partindo de um estudo exploratório e descritivo e com base na análise de conteúdo evidenciou aspectos do contexto social, no entanto, destacou que as duas mídias analisadas não evidenciaram a interseção de raça e direitos sexuais e reprodutivos. O estudo gerou um artigo intitulado “Aborto e mídia: um estudo a partir do feminismo decolonial” publicado em 2018. O artigo de Gomes; Zucco (2018) discute a relação entre o aborto e os meios de comunicação, tendo como contexto da pesquisa o portal Geledés e a Folha de São Paulo. Partindo de um estudo exploratório e descritivo, com base na análise de conteúdo, evidenciam aspectos do contexto social, destacando as características das duas mídias analisadas.

Santos (2016) propõe em sua monografia compreender a contribuição da *fanpage* Geledés Instituto da Mulher Negra, por meio da divulgação de produtos jornalísticos ou não, na construção do empoderamento da mulher negra. Aqui há uma ênfase nas interações que ocorrem na rede social do site Facebook. a pesquisa que se utiliza da

metodologia da Análise do Discurso, traz como contribuições que discurso do feminismo negro se apresenta de modo implícito nas publicações do Geledés.

Na Ciência da Informação, foi possível localizar artigos que destacam a arquitetura e disseminação da informação no portal Geledés.

O estudo de Costa (2019) aborda o portal Geledés como meio de disseminação de informações étnico-raciais e discute os conceitos de “negros(as) de pele clara”, “mestiço(a)s”, “miscigenação” e “colorismo” buscando identificar quais os discursos contidos em tais conceitos. O trabalho utilizou técnicas bibliométricas e altimétricas para analisar a rede conceitual.

Em 2018, Araújo; Bezerra e Oliveira ao abordar a Arquitetura da Informação, o uso e recuperação da informação em ambientes digitais pesquisam o website Geledés e, a partir da pesquisa bibliográfica e da netnografia descrevem e fazem recomendações sobre a estrutura do portal.

Os estudos elencados demonstram a potencialidade da plataforma ser compreendida sob diferentes aspectos, tanto no que se refere a contribuições da Ciência da Informação, quanto de outras áreas. Essas constatações implicam em projetar que, nesse espaço de pesquisa, inusitadas representações podem ser identificadas em relação às mulheres negras.

#### **4 RELATIVIZAR AS REPRESENTAÇÕES SOBRE MULHERES NEGRAS**

Para dar conta das discussões acerca das representações das mulheres negras, buscamos contribuições na Teoria das Representações Sociais (TRSs) à luz de Moscovici (2003). Entendemos, pois, que essa perspectiva teórica abarca elementos conceituais referentes às informações que compõem as narrativas das mulheres negras e que se evidenciam nas práticas informacionais.

Para Massoni e Morigi (2018) as representações sociais (RS) estão articuladas aos estudos de Ciência da Informação e aos conceitos de informação, pois ela compreende a produção, a comunicação, o uso e a mediação das informações em diferentes contextos sociais.

Nesse sentido, consideramos as imbricações entre a informação e as representações sociais tendo em vista que se manifestam por meio da produção de discursos, ideias, fenômenos e objetos, e que a partir dos seus registros se conformam e estruturam o pensamento coletivo.

As representações sociais podem ser entendidas como um fenômeno social, porque fazem parte da interação de grupos sociais e possuem uma relação intrínseca com os modos de se comunicar e, tais interações tomam configurações específicas em momentos distintos, por esse motivo não podem ser entendidas como algo estático.

Moscovici (2007) afirma que os sujeitos estão cercados, tanto individual, quanto coletivamente de imagens, ideias, palavras que penetram e estruturam o pensamento coletivo mesmo que não o saibam. Com isso, influenciam a mente das pessoas e se legitimam como verdades convencionadas.

Na visão de Massoni e Morigi (2018) as representações se dão a partir daquilo que é concebido e legível para o sujeito e que se constroem por meio das interações deste com os outros e com o mundo, sendo atravessadas pelos processos comunicativos manifestos nas práticas informacionais cotidianas.

Para os autores

Estudar representações nos permite compreender os modos como concebemos o mundo e, assim, a nossa própria atuação sobre ele. As representações se explicam quando pensadas a partir de seus contextos

específicos de produção, na medida em que as construímos a partir de nossas experiências com o ambiente e com o outro, em um ato fundamentalmente dialógico. Esse ato dialógico só é possível através da comunicação, constituída de fluxos informacionais que estruturam e dão sentido às representações nossas práticas informacionais constroem representações sociais, uma vez que as informações as moldam e são moldadas por elas (MASSONI; MORIGI, 2018, p. 75)

Desse modo, abordar as representações é evidenciar, por meio das informações, como esses sujeitos se percebem, compreendem o mundo e o seu contexto, e por fim como comunicam e revelam tais compreensões através das práticas informacionais. Isso se faz na medida em que os sujeitos interpretam o seu cotidiano e de que forma consolidam as suas posições no que tange às situações que os contornam.

Com isso, as representações sociais emergem tanto da forma de compreensão desse sujeito, como da sua capacidade de definir aquilo que entende como noção ou identificação. Isso vale tanto para indivíduo ou para um grupo social. Na medida em que a circulação de ideias penetra no imaginário coletivo e se configura em uma função de identidade (MOSCOVICI, 2003) se conforma em um lugar natural, conhecido e familiar e pode tomar o caráter do senso comum. Dessa forma se legitima por meio dos processos comunicacionais e o que não está aderente a essa compreensão é visto com estranhamento, algo desnaturalizado.

Dessa forma, as representações sobre as mulheres negras são históricas e se conformaram em lugar comum em que as coloca em condições de subalternização pela naturalização biológica, ou seja, tradicionalmente a determinação biológica relegou às mulheres um lugar de inferioridade e, aliada à classificação de raça, na existência de uma crença de raça superior ou inferior. São essas marcações que balizam uma representação instituída.

Assim, as mulheres negras, ao se depararem com a naturalização de uma subserviência e invisibilidade, uma vez que os discursos dominantes já enraizados no pensamento coletivo negam-lhes uma verdadeira identidade e por meio de marcação de estereótipos e estigmas que se inscreveram na memória coletiva, fazem com que se percebam em um espaço de representação negativa.

Ao descortinar a sua história, confrontam-se também com a possibilidade de uma nova construção social coletiva em detrimento à versão circulante, colonizadora e

hegemônica e a qual apagou a sua existência enquanto sujeito político e histórico. Em muitos momentos não se veem nesse lugar de sujeitos de direitos. E, no que se refere às suas histórias, ou foram apagadas nas narrativas, nos discursos e nos documentos, ou partiram de narrativas de outros lugares sociais a partir dos quais acabaram por cristalizar as compreensões sobre as representações das mulheres negras. Dessa forma, as representações sociais:

trazem à tona elementos importantes para compreensão das construções sociais, além de contribuírem para a formulação de novas hipóteses, sobre os vários problemas presentes na sociedade atual. (SANTOS; DIAS, 2015, p.176)

Como destacado pelos autores, o grande propósito desta teoria é proporcionar um olhar para o individual e o coletivo, a fim de se tornar uma alternativa válida para a compreensão social. As representações, por sua vez, ao mesmo tempo que contribuem, para perceber o que está diferente, ou seja, fora do convencional, também provoca exclusão daquele sujeito ou objeto que não se enquadra nesta convenção.

No referente ao pensamento feminista negro, Collins (2016) corrobora com essas afirmações ao abordar dois conceitos que se aplicam às representações do coletivo: um dá-se pela autodefinição, a qual desafia a validação de um conhecimento que resultou em imagens estenotipadas das mulheres negra. O outro se dá pela autoavaliação em que “ênfatisa o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas com **imagens autênticas de mulheres negras**” (COLLINS, 2016, p. 102, *grifo nosso*)

Por conseguinte, a autodefinição e autoavaliação visam problematizar as imagens estereotipadas dadas às mulheres negras, a primeira porque desafia essa construção de conhecimento, o qual se consolidou em torno dos estereótipos e, a segunda redimensiona esse olhar, a partir do empoderamento dessas mulheres resgatando identidades perdidas.

Tais estereótipos são representações de imagens definidas externamente e que controlam a condição feminina e, que, por sua vez, potencializam a desumanização das mulheres negras.

Mediante o exposto, Collins (2016, p. 104) afere que

Quando mulheres negras definem a si próprias, claramente rejeitam a suposição irrefletida de que aqueles que estão em posições de se arrogarem a autoridade de descreverem e analisarem a realidade têm o direito de estarem nessas posições. Independentemente do conteúdo de fato das autodefinições de mulheres negras, o ato de insistir na autodefinição dessas mulheres valida o poder de mulheres negras enquanto sujeitos humanos.

Nesse sentido, quando as mulheres negras reconhecem as suas identidades e subjetividades, contestam as imagens que lhes foram atribuídas socialmente. Isso porque, deparam-se com a naturalização de uma imagem que lhes foi imposta histórica e socialmente.

Collins (2016) ainda afirma que muitos dos atributos que existem nos estereótipos dão-se por uma visão distorcida da imagem de comportamento das mulheres negras estabelecidas pelo patriarcado e demarcando para elas esses lugares, essas reservas de subalternização.

Desse modo, há todo um trabalho discursivo (e também legal, institucional) das classes dominantes, em controlar o “outro”, o que é feito a partir de imagens construídas por elas, estabelecidas discursivamente, fixadas por repetição. Essa acaba por necessidade, formando um *pool* de esforços para manutenção desse *status quo*. E, este trabalho discursivo é o *medium* por meio do qual se estabelecem as relações de poder e o objeto pelo qual se luta, disse Foucault.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisso não há nada de espantoso, visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo, é também aquilo que **é o objeto do desejo**; e visto que - isso a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo **por que, pelo que se luta, o poder** do qual queremos nos apoderar (FOUCAULT, 2004, p. 10, *grifo nosso*)

Por outro lado, para que as mulheres negras possam construir as suas identidades é preciso que desnaturalizem a centralização da supremacia masculina e branca.

Também podemos aferir que a imagem estereotipada da mulher na sua feminilidade enquanto doçura, meiguice e fragilidade também não cabem à mulher negra, pois essa, por muito tempo, realizou trabalhos pesados para dar conta da sua

sobrevivência por conta de uma imposição da escravização que a colocou nesse lugar de subserviência. Podemos identificar esse outro lugar de experiência vivenciado pelas mulheres negras no discurso de Sojourner Truth, em 1851, “Não sou eu uma mulher?”, o qual simboliza o pensamento feminista negro e descreve as condições de vida da mulher negra que se diferenciam das condições sociais das mulheres brancas em que reivindicavam a igualdade de direitos, no entanto não se apresentavam da mesma forma de um grupo de mulheres para outro. Entendemos, nessa perspectiva que as práticas informacionais se constituem a partir da manifestação expressa de tais condições, o que implica na possibilidade de novas representações.

Para Collins (2016), já o dissemos, essa é uma forma de resistir à desumanização e aos sistemas de dominação existentes. A autora também alega a autodefinição e autoavaliação como significantes na vida desse grupo social, porque a aceitação a essas opressões impactam na sua autoestima ao se depararem com essa subordinação que lhes causam a invisibilidade e objetivação e que lhes tiram a sua subjetividade fazendo com que acreditem e conforme a sua condição de ser inferior.

Com isso, a preocupação do feminismo negro é de que as mulheres negras possam analisar a sua condição de feminilidade em sua especificidade negra e se reconstruírem e constituírem com mulheres negras e assim se autodefinirem.

Desse modo, compreendemos a implicação das representações na vida das mulheres negras, com força na constituição de suas identidades que lhes impõem, sobredeterminam e cristalizam papéis socialmente construídos e mantidos através dos discursos hegemônicos, os quais criaram no imaginário social uma estigmatização e estereótipos que se consolidaram.

Apresentamos as representações no âmbito dos sujeitos (mulheres negras), mas estas também se constituem no âmbito das instituições. Ao destacarmos, dessa forma, a existência de instituições legitimadas pelo poder, pelo reconhecimento, crença ou autoridade que lhes são atribuídos e que, por sua vez, hierarquizam representações sociais que naturalizam determinados modos de vida, ideias ou discursos. Este poder classificatório tem força negativa pois evoca exclusões de forma a tornar invisível aquilo que não é convencional social e culturalmente, influenciando o comportamento dos indivíduos na coletividade.

Nessa perspectiva, Carneiro (2003, p.125) argumenta que

Se partimos do entendimento de que os meios de comunicação não apenas repassam as representações sociais sedimentadas no imaginário social, mas também se instituem como agentes que operam, constroem e reconstroem no interior da sua lógica de produção os sistemas de representação, levamos em conta que eles ocupam posição central na cristalização de imagens e sentidos sobre a mulher negra.

Tal afirmação nos auxilia na compreensão que os meios de comunicação são instituições e que os processos comunicacionais estão imbricados nas representações sociais, uma vez que são sustentadas pelo que Moscovici (2007) denomina como “influências sociais da comunicação” (MOSCOVICI, 2007, p.7) e que constituem a realidade da vida cotidiana, servindo como meio de estabelecimento de associações que ligam os sujeitos uns com outros.

A informação, por sua vez, vem a ser a expressão manifesta das representações dos sujeitos e que causa efeitos. Desta maneira, não é, de modo algum, imparcial, pois resulta de uma seleção que é manipulada de acordo com os interesses de seus produtores, e que, por sua vez, é influenciada por dinâmicas socioculturais as quais são acessadas pelos sujeitos. Lembramos que González de Gómez (1991) afirma o caráter seletivo de todas as ações de informação.

Entendemos com isso, que as representações tanto aquelas concebidas por grupos sociais hegemônicos, quanto as produzidas por meio de contra-narrativas, “estão presentes no cotidiano e influenciam os modos de ser e estar no mundo” (MASSONI; MORIGI, 2018, p. 76).

Com efeito, as mulheres buscam, por meio de suas narrativas, produzir discursos contra-hegemônicos e, ao compartilhar as informações, elas comunicam também novas formas e espaços de empoderamento e da não aceitação desse lugar (histórico) de subalternização e de destituição de direitos.

Sendo assim, como aponta Carneiro (2003), as mulheres negras vão atuar não somente para mudar tais representações, potencializadas nos meios de comunicação em massa e se valer das tecnologias a fim de construir a suas próprias representações de forma a visibilizar as suas identidades destituídas pela força dos marcadores sociais que se consolidaram por meio das representações instituídas.

Diante disso, podemos compreender que os marcadores sociais de gênero e raça são papéis atribuídos às mulheres negras, construídos socialmente e potencializados em diversos meios, os quais legitimam as relações de poder estabelecidas e estruturadas na sociedade.

Tais representações também se evidenciam na ausência dessas mulheres como agentes protagonistas nos mais distintos espaços sociais e quando isso ocorre, sofrem ataques pela não aceitação dessa condição, por ser considerado uma desnaturalização desse lugar da mulher negra conforme é discutido nos estudos de Rocha (2017).

Podemos mencionar em tais representações o exemplo da “mulata” construída no imaginário social e que contribuiu, conforme afirma Castro (2014) para a afirmação de uma democracia racial em que a mulata resolve a classificação racial no país, já que representa o encontro harmonioso entre o branco e o negro, criando um terceiro elemento. Contudo, por muito tempo, a mulata foi fruto das violências sexuais sofridas pelas mulheres negras na sua condição de escrava e de prisão da mulher negra ao corpo e ao trabalho. Segundo essa mesma perspectiva, podemos apontar a erotização do corpo da mulher negra midiaticizado na figura da mulata ou cabrocha.

Castro (2014) ainda destaca que, no contexto das classificações raciais, evidenciam-se as contradições da “democracia racial” frente às desigualdades sociais existentes entre os brancos e os negros. Desigualdades históricas e injustas.

Mediante o exposto, enquanto seres sociais, o que nos representa é aquilo que foi construído socialmente e que denota os papéis sociais, os quais foram pré-determinados e convencionados, e conseqüentemente aceito como padrões. No entanto, a palavra ou discurso para representar um sujeito não necessariamente expressa o que de fato ele é e sim como foi convencionado social, cultural e historicamente.

E é nesse sentido que as mulheres negras buscam produzir em suas narrativas: na desconstrução de papéis atribuídos que lhes colocaram em um lugar de desigualdade e de subalternização.

Compartilhamos as contribuições desses autores, para que possamos pensar na constituição das relações sociais e como as representações concebem os papéis sociais na produção de discursos, os quais se evidenciam nas práticas informacionais e que

tantas vezes reproduzidas se tornam verdades cristalizadas e que afetam a identidade e autoestima dos sujeitos reforçando e perpetuando as desigualdades.

Faz-se necessário para tanto, a compreensão do fenômeno das representações sociais para então vislumbrar também, a produção de discursos contra-hegemônicos a fim de promover uma apropriação de informações que possibilitem outras formas de representação desse coletivo, a partir de uma contra-narrativa de uma representação histórica.

Os ambientes virtuais, neste cenário, “tornam-se fontes de informação privilegiadas para o estudo de diversos temas que estão em pauta na agenda social” (MASSONI; MORIGI, 2018, p. 83). Essa afirmação dos autores corrobora o pressuposto que o Portal Geledés se constitui em um espaço plural, afirmando-se como contra-discurso, uma vez que ele desconstrói as representações sociais sobre as mulheres negras instituídas no imaginário social.

Assim, as narrativas produzidas pelas mulheres no espaço virtual tomam forma de estratégias para, enquanto teoria, apresentem as raízes históricas, sociais e culturais da subordinação e enquanto prática, sob o olhar dos movimentos sociais ao denunciar as desigualdades e o cerceamento dos direitos, os quais desumanizaram esse grupo social.

Compreendemos, dessa forma que as representações sociais conformam-se e estruturam-se a partir das influências comunicativas em um processo de interação social, mas ao mesmo tempo que sedimentam modos coletivos de pensar, sustentados por grupos sociais podem oferecer novos caminhos em busca de outros modos de representar os sujeitos, coletivos ou as ideias.

#### **4.1 Portal Geledés: espaço virtual de manifestação das representações**

Apresentamos o portal Geledés na presente pesquisa como o espaço em ocorrem as manifestações de movimentos sociais, os quais ampliam as possibilidades de compartilhamento de informações e trocas de conhecimento sobre as temáticas de raça e gênero.

O Portal Geledés é o resultado de um movimento que visa dar acesso à informação, sendo um veículo de inclusão digital em que divulga e promove ações e

discussões sobre a igualdade de direitos e oportunidades a todos os cidadãos, bem como a defesa de grupos socialmente marginalizados e subjugados.

O trabalho proposto pretende abordar as informações sobre as mulheres negras na plataforma Geledés, no entanto vale destacar que é um espaço de expressão pública que compõe a Organização Geledés -Instituto da Mulher Negra. Para tanto, faremos uma contextualização da organização e a descrição da apresentação da plataforma.

A instituição GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA atua há mais de 30 anos, como uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros ao entender que estes são grupos sociais vivem à margem no que diz respeito ao direito à igualdade de oportunidades sociais por conta do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira. Além das questões raciais e as questões de gênero, suas principais áreas de atuação são pautadas nos temas de direitos humanos, educação, saúde, comunicação, mercado de trabalho, pesquisa acadêmica e políticas públicas.

A missão tanto da organização, como do portal visam instrumentalizar e discutir temas sobre o racismo, sexismo e pautar políticas públicas de direitos humanos e temáticas sobre o feminismo negro, além de ser um espaço de resistência para o não apagamento ou silenciamento de identidades fornecendo meios, subsídios e discursos para lidar com as diferentes formas de marginalização.

O Portal Geledés, autodescreve-se como:

o espaço de expressão pública das ações realizadas pela organização no passado e no presente, e de seus compromissos políticos com a defesa intransigente da cidadania e dos direitos humanos, a denúncia permanente dos entraves que persistem para a concretização da justiça social, a igualdade de direitos e oportunidades em nossa sociedade. É também um espaço onde celebramos a contribuição de africanos/as, negros/as e/ou afrodescendentes, nas mais variadas modalidades de expressões culturais, entendendo que as culturas africanas e afrodescendentes compõe o patrimônio cultural de africanos/as e afrodescendentes de qualquer lugar do mundo. No Portal expressamos o orgulho que temos de nosso pertencimento, às lutas empreendidas por homens e mulheres africanas e afrodescendentes, do passado e do presente, em incansável busca pela realização de seus sonhos de liberdade e igualdade. (GELEDÉS, 2016).

Assim, o espaço é voltado para os agentes formadores de opinião e produtores de informação no espaço virtual e pretende lançar mão de discussões e aproveitar o poder; no sentido horizontal, de alargamento de participantes e públicos atingidos e, no sentido vertical, aprofundamento dos debates permitido pelas mídias eletrônicas e transformá-las em espaços privilegiados de reflexão sobre mulher negra.

O Portal tanto produz matérias como as recebe dos seus leitores. No entanto, os temas devem coadunar-se com as pautas do Geledés e todos os textos e imagens passam por uma análise dos editores. É o caráter seletivo nas ações de produção de informação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999).

Vale observar que tentamos contato com a equipe editorial do Portal Geledés, mas não obtivemos retorno sobre como se dá a seleção e o fluxo de informações, tanto no que se refere à seleção das postagens produzidas para o portal, quanto às compartilhadas, especialmente no que diz respeito aos critérios de escolha e adequação das postagens. Em cada artigo, o portal apenas informa em nota de rodapé o seguinte texto:

Este artigo é de autoria de colaboradores ou articulistas do PORTAL GELEDÉS e não representa ideias ou opiniões do veículo. Portal Geledés oferece espaço para vozes diversas da esfera pública, garantindo assim a pluralidade do debate na sociedade (GELEDÉS, 2021)

Quanto à sua estrutura<sup>10</sup>, traz em suas primeiras abas, a estrutura da organização da sociedade civil Geledés – Instituto da Mulher Negra constituindo-se das seguintes abas que tratam da Missão Institucional; Projetos em andamento; Sueli Carneiro; PLP 2.0: aplicativo criado pela organização para fortalecer a rede de proteção para mulheres em situação de violência), Quem somos: composição da equipe diretiva e Conselho da organização portal e aplicativo; Publicações de Geledés; Geledés na tradição yorubá; Parcerias: cita todas as instituições parceiras da organização na busca pela erradicação do racismo e sexismo; Worldwide: traduções (em inglês) de postagens e eventos da Organização Geledés no mundo e contato.

---

<sup>10</sup> Durante o percurso de leitura flutuante e pré-análise do material o portal sofreu alterações (especificamente em abril de 2020) na sua interface e nas categorias atribuídas às questões de Gênero. A coleta de dados ocorreu na estrutura e organização do portal anterior à mudança, as categorias aqui apresentadas configuram o leiaute anterior.

A imagem que segue refere-se à interface do portal Geledés no momento da coleta de dados.

Imagem 1 – Interface do Portal Geledés



Fonte: Geledés: Home, 2020

Abaixo segue a imagem de como o Portal está estruturado atualmente.

Imagem 2 – Interface atual do Portal Geledés



Fonte: Geledés: Home, 2020

Após as informações sobre a organização, o portal apresenta a estrutura do website:

- a) Acontecendo: postagens mais recentes por ordem de data e categorizando pelos temas: artigos e reflexões, Em pauta, Mulher negra, Violência contra a mulher.
- b) Áreas de atuação: Direitos Humanos, Educação, Comunicação, Saúde, Mercado de Trabalho, Pesquisas e Políticas Públicas.
- c) Questão Racial: reportagens, textos e artigos referentes às questões raciais. Divide-se em subcategorias: questão racial, casos de racismo e violência racial e policial.
- d) Questões de Gênero: dividido em subcategorias que pautam questões de gênero, mulher negra, violência contra a mulher e LGBTI, Sueli Carneiro e Marielle Franco entravam na subcategoria mulher negra, após a mudança da interface e das categorias atribuídas pelo Geledés passaram a ser subcategorias das questões de gênero .
- e) Em Pauta: artigos, reportagens, debates e reflexões sobre temas atuais e históricos diversos dos contextos, sociais, políticos e culturais.
- f) Discriminação e preconceito: divide-se nas subcategorias de casos de preconceito nas suas diversas formas.
- g) África e sua diáspora: divide-se em subcategorias como patrimônio cultural, entretenimento, africanos.

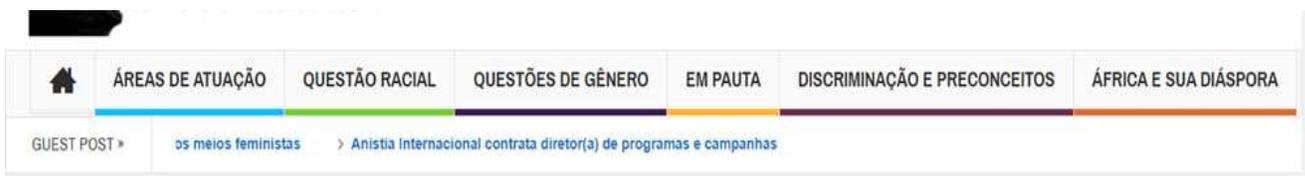
A imagem a seguir, refere-se à Organização Geledés - Instituto da Mulher Negra, embora as informações tanto da organização, quanto da plataforma estejam alocadas no mesmo espaço, há uma distinção das informações sobre a organização e sobre a plataforma.

Imagem 3 – Leiaute da estrutura no Portal sobre a Organização Geledés



Segue abaixo a organização das informações da Plataforma Geledés. Essa organização e apresentação refere-se ao período de observação e pré-análise (novembro e dezembro) antes da mudança da organização do portal.

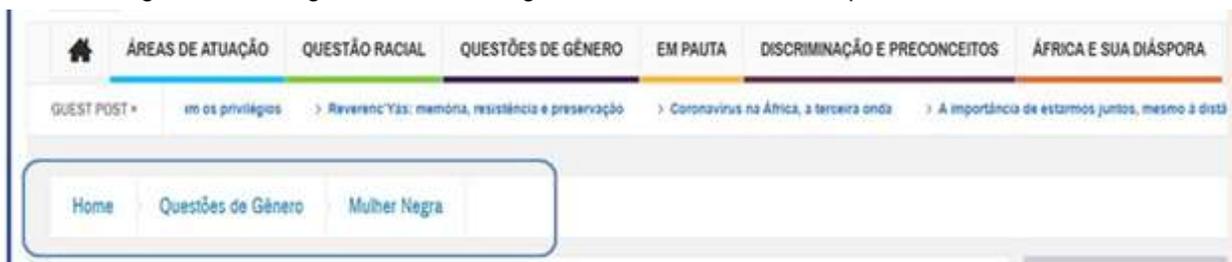
Imagem 4 – Leiaute das informações referentes ao Portal Geledés



Fonte: Geledés: Home, 2019.

A imagem abaixo apresenta a organização as categorias atribuídas pelo portal Geledés.

Imagem 5 – Categorias e suas categorias correlatas atribuídas pelo Portal Geledés



Fonte: Geledés: Home, 2020.

Vale destacar que os assuntos correlatos apresentados neste trabalho, foram categorizados pelo portal Geledés, a exemplo da imagem acima.

Embora o Geledés em estudos pregressos tenha sido tratado sob diferentes perspectivas sendo elas, site, blog, portal ou plataforma, neste estudo a designação adotada assume a noção Portal, pois agrega informações de fontes distintas de forma a reunir o maior número de informações acerca de determinados temas.

#### 4.2 O Foco das análises: as questões de Gênero no portal Geledés

O Geledés assume nas questões de gênero, pautas referentes à agenda feminista, na luta e nas discussões sobre a violência doméstica, sexual e o feminicídio, de forma a denunciar e a problematizar para a inclusão dessas pautas em políticas públicas. Discute

a igualdade de direitos das mulheres e das mulheres negras no que se refere ao mercado de trabalho, assim como a sua atuação em espaços de poder e de decisão, e os seus impactos para a sociedade quando nos referimos à essas inserções.

Ainda no que se refere às questões de gênero, pauta os processos de discriminação e violência quando trata de temas sobre orientação sexual atuando em defesa dos direitos reprodutivos e direitos sexuais das mulheres.

Destaca em uma perspectiva interseccional o aumento das violências quando as questões de gênero são aliadas à raça, classe social, orientação sexual e deficiência. O portal ainda expõe e denuncia estereótipos e estigmas que se reproduzem sobre as mulheres nos meios de comunicação. Por outro lado, também divulga a valorização da beleza negra e as ancestralidades, histórias africanas e afro-brasileiras, bem como as experiências que lograram sucesso, sejam na moda, na arte e literatura, no mercado de trabalho e também divulga as produções acadêmicas como contribuição para o feminismo negro, as experiências dos movimentos e a importância das redes sociais no papel de ampliar as vozes de mulheres negras.

A plataforma estabelece uma organização de categorias de questões de gênero de forma que se relacionam, mas que são apresentadas a partir de conteúdos correlatos. Desse modo, a organização atribuída pelo Portal Geledés, se estrutura da seguinte forma: Questões de Gênero: temas referentes às mulheres negras, reflexões e denúncias sobre violência contra a mulher, temáticas sobre LGBTIQ, além de reportagens, eventos e publicações que envolvem as temáticas citadas. Os marcadores de raça e gênero entrecruzam as temáticas abordadas.

Abaixo segue uma figura que contextualiza as questões de gênero no portal.

Figura 1– Categorização dos Assuntos no Portal



Fonte: **Dados da pesquisa**. 2020.

Com a modificação da sua interface, o portal passou a manter uma estrutura de divisão das categorias/assuntos correlatos. Conforme imagem abaixo:

Imagem 6- Categorias das Questões de Gênero



Fonte: Geledés: Home, 2020.

O Portal Geledés atua como um veículo de comunicação e de instrumento de empoderamento para as comunidades negras com o objetivo de incentivar a produção, o compartilhamento e a disseminação de informações sobre as temáticas de raça e

gênero, mas que se configuram dentro de um contexto que envolve questões sociais, econômicas, culturais, políticas e de saúde.

Assim, se constitui em um instrumento de mobilização de ações antirracistas e antissexistas, além de garantir a memória e a história de comunidades invisibilizadas sendo um espaço de resistência e de restauração de humanidades perdidas.

## 5 PERCURSO METODOLÓGICO

Estudo de natureza básica, exploratório-descritivo e abordagem qualitativa que busca contribuir para a reflexão no âmbito social, e, por meio da investigação metódica, promover a ampliação das discussões sobre a representação das mulheres negras. Adotamos uma abordagem qualitativa que para Denzin; Lincon (2006, p. 17)

consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (DENZIN; LINCON, 2006, p. 17).

Os autores ainda lembram que a pesquisa qualitativa envolve o estudo e a coleta de uma diversidade de materiais empíricos que vão descrever “momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17). É importante salientar, que na abordagem qualitativa, ainda que constituída de processos diferentes, é comum e possível a ocorrência concomitante de diversas etapas durante a análise. Nesse sentido, a observação, a coleta documental (a captura de páginas e de textos nas páginas do portal), a análise de conteúdo propriamente dita imbricam-se nesse percurso. Para decidir se devemos capturar um texto, já lemos seu título, por exemplo, o que já é parte da leitura flutuante (BARDIN, 2016).

A exploração na web se efetivou como forma de identificar fenômenos relativos à produção e compartilhamento de informações sobre mulheres negras, que ocorreu a partir da observação espontânea de distintos espaços virtuais. A observação espontânea é entendida por Soares; Pereira; Dias (2011); Silva (2013) como assistemática ou simples e tem como característica primordial a condição de pesquisador tornar-se alheio ao indivíduo ou grupo que se pretende investigar, que observa, mas de forma espontânea. Nesse tipo de observação, o pesquisador busca entender as regularidades, relação que os fenômenos guardam entre si, independente de ordem ou sistema.

## 5.1 As etapas propriamente ditas

Realizamos inicialmente a observação a partir de três plataformas dedicadas à temática sobre mulheres negras, a saber:

- 1) Blogueiras Negras (<http://blogueirasnegras.org/>) fundando em março de 2012.
- 2) Odara – Instituto da Mulher Negra ( <https://institutoodara.org.br/>) fundado em 2010.
- 3) Portal Geledés, da Organização Geledés -Instituto da Mulher Negra (<https://www.geledes.org.br/>), fundado em 1988.

A escolha, após esse primeiro exame, foi pelo portal Geledés em razão de ser uma plataforma criada por uma organização que atua desde a década de 80 com a temática de gênero, raça e suas intersecções, assim como a sua fundadora Sueli Carneiro, ativista e umas das teóricas brasileiras pioneiras na discussão do feminismo negro no Brasil.

Concomitantemente, a fim de construirmos nossos argumentos e justificativa de pesquisa, valemo-nos da **pesquisa bibliográfica** para identificar estudos realizados por pesquisadores da Ciência da Informação que discutem gênero e raça, espaços virtuais, bem como as pesquisas existentes sobre o portal Geledés - plataforma da organização Geledés – Instituto da Mulher Negra e a suas relações com a Ciência da Informação.

Durante o processo de leitura flutuante, optamos inicialmente pela delimitação de um período de 9 meses, haja vista, em nosso entendimento, que não seria possível realizar a análise do volume de publicações em um período de doze meses, dado o início do cronograma do projeto.

Realizamos o levantamento da média de postagens ao dia, chegando a um total equivalente ao período abarcado pela pesquisa que ocorreu entre **julho de 2019 a março de 2020**.

Na primeira fase, realizada entre os meses de novembro e dezembro de 2019, coletamos um total de **532 postagens** relativas às questões de gêneros, distribuídas entre postagens enviadas por usuários ou simpatizantes e postagens hospedadas no portal por administradores ou editores. Em virtude desse levantamento foram

organizados os títulos, links das postagens (fontes), data de publicação e assuntos correlatos atribuídos pelo portal Geledés.

Deste total, selecionamos as postagens relacionadas somente a categoria “Mulher Negra” em virtude de o portal abordar, na aba questões de gênero, temáticas com um caráter mais universal. Entendemos que este estudo se propõe a analisar as narrativas sobre as representações das mulheres negras, seja no âmbito pessoal e/ou profissional, na educação, na sexualidade, na cultura, na política e nas relações sócio afetivas.

A categorização dos assuntos atribuídos pelo portal sobre as mulheres negras contou com um total de **273 postagens** entre matérias enviadas especificamente para o Geledés e hospedadas advindas de outros sites. Durante os 9 meses de coleta de dados, houve uma média de 29 postagens ao mês.

Para a metodologia adotada, um *post* corresponde às narrativas que ocorrem de forma direta e os conteúdos que ocorrem de forma “indireta” são quando o conteúdo origina de outras fontes e são hospedadas no portal.

A etapa seguinte contou com a seleção e divisão das postagens enviadas e hospedadas sendo:

- a) postagens enviadas para o Geledés: o portal disponibiliza um espaço denominado *Guest Post* exclusivo para conteúdos de pessoas que desejam enviar sob a forma de artigos, depoimentos, experiências, situações da vida cotidiana, diferentes manifestações e formas de apresentação, como vídeos, poesias, crônicas, textos científicos. Embora os conteúdos tenham uma seleção prévia, informada no portal, em seu termo de uso, o site não se responsabiliza pela autoria, no entanto, através da leitura flutuante, verificamos que a plataforma acolhe temáticas que constituem a natureza da organização Instituto da Mulher Negra;
- b) postagens hospedadas no Geledés: trata-se de uma prática de compartilhamento de informações sobre temáticas relacionadas à raça, classe, gênero nos contextos históricos e atuais que impactam nas relações sociais, políticas econômicas e culturais no contexto brasileiro e mundial entendendo a dinâmica interseccional que se constitui em uma das principais características do portal. Tais temáticas são originárias de outras

fontes e compartilhadas no portal. Os links remetem a uma situação passada.

Assim, um *post* produzido para o Portal foi compreendido como postagem produzida e os conteúdos originados em outras fontes hospedadas no Portal foram considerados postagem compartilhada

O trabalho foi constituído inicialmente pelo agrupamento de 273 postagens de categorias atribuídas pelo Portal em “Questões de Gênero”. Essa seleção contou então com um total de **27 postagens produzidas** ao portal no período de julho de 2019 a março de 2020 e **246 postagens compartilhadas** de outras fontes (sites, revistas, jornais) sendo que, deste total 4 não tiveram as fontes e autorias identificadas (2 postagens enviadas e duas hospedadas). Indicamos na coleta, o *link* de acesso das fontes originárias.

Deste total, foram atribuídas categorias de análises para as **27 postagens produzidas** e **137 postagens compartilhadas** constituindo assim, o *corpus* da pesquisa.

Destacamos a realização de um processo de saturação teórica nas observações e análises das postagens compartilhadas com a intencionalidade de averiguar alguma variação nas categorias de análise em que partiu da análise de 27 primeiras postagens compartilhadas equivalente ao total das produzidas.

Após esse percurso e a verificação de nenhuma nova categoria, somente a inserção de subcategorias nas categorias já existentes seguimos no processo de análise de mais 110 postagens compartilhadas.

Considerando o alcance da saturação com a indicação de um momento para cessar as análises, nos valem das contribuições de (THIRY-CHERQUES, 2009, p. 24) para estabelecer os critérios de cessação em que destaca que “as categorias saturam quando o equivalente a 1/3 das observações já efetuadas não acrescenta novas propriedades”. Desta forma, seguimos nas análises das categorias ampliando a um limite de cinco (5) vezes a quantidade das postagens produzidas (27).

## 5.2 Análise de Conteúdo

Para a realização da análise do conteúdo das postagens que tratam de temáticas referentes às questões de raça e gênero, suas intersecções e, como se evidenciam neste portal, na forma como as mulheres são representadas a partir da produção e do compartilhamento de informações utilizaremos análise de conteúdo, de Laurence Bardin.

Segundo Bardin (2016), a análise de conteúdo é o conjunto de técnicas para analisar as comunicações, as quais entendemos como os registros, os discursos, as produções de texto, as linguagens que transmitem diferentes mensagens.

A organização e o tratamento dessas mensagens não se limitam ao conteúdo, mas aos significados explícitos e implícitos que se propõem a partir das classificações.

A classificação aqui é entendida como um procedimento e, a relevância da pesquisa está no que se pretende com os resultados, e, após serem tratados, nas suas contribuições para o campo científico.

De acordo com Bardin (2016, p. 49) “o objeto da análise de conteúdo é a fala, isto é, o aspecto individual e atual (em ato) da linguagem.” A análise de conteúdo explora o ato da linguagem na fala dos interlocutores, não especificamente na forma de distribuição, mas nas significações do conteúdo e, eventualmente, sua forma e distribuição.

Neste trabalho é possível buscar as variáveis de ordem sociológica e histórica desse grupo social: mulheres negras e suas respectivas falas, por meio do compartilhamento das informações, que constituem os discursos produzidos por esse grupo, a fim de se representar em um outro lugar: o das suas experiências individuais e coletivas.

Ainda para Bardin (2016, p. 57)

Um estereótipo é ‘a ideia que temos de’ a imagem que surge espontaneamente, logo, que se trate de...É a representação de um objeto (coisas, pessoas, ideias) mais ou menos desligada da sua realidade objetiva, partilhada pelos membros de um grupo social com alguma estabilidade (BARDIN, 2016, p. 57).

Nesse sentido, a autora contribui com argumentos que corroboram com os estudos e os procedimentos metodológicos que objetivam interpretar o conteúdo das publicações relacionadas às representações presentes nas narrativas das mulheres negras produzidas e compartilhadas no portal Geledés.

A massa documental foi organizada através dos links de acesso com os respectivos títulos das postagens, categorias atribuídas pelo portal Geledés, atribuição das autorias e fontes enquanto percurso da pesquisa. Os dados foram arrolados em tabela Excel e em arquivo em word dos textos das postagens na íntegra. Vale destacar que na medida em que categorias ampliavam o repertório no percurso da pesquisa, essas eram incluídas na planilha. Segue abaixo a imagem.

Imagem 7- Planilha de excel – Organização dos dados

Título da postagem	Link	Data de publicação	Assuntos correlat
Poderia a história do Brasil ser contada a partir da trajetória das mulheres negras?	<a href="https://www.geledes.org.br/poderia-a-historia-do-brasil-ser-contada-a-partir-da-trajetoria-das-mulheres-negras/">https://www.geledes.org.br/poderia-a-historia-do-brasil-ser-contada-a-partir-da-trajetoria-das-mulheres-negras/</a>	26/02/2020	Questões de Gênero
Sou um ato político', diz 1ª passista plus size da Mocidade Alegre	<a href="https://www.geledes.org.br/sou-um-ato-politico-diz-1a-passista-plus-size-da-mocidade-alegre/">https://www.geledes.org.br/sou-um-ato-politico-diz-1a-passista-plus-size-da-mocidade-alegre/</a>	23/02/2020	Questões de Gênero
A produção de autoria negra é muito maior do que o mercado editorial apresenta'	<a href="https://www.geledes.org.br/a-producao-de-autoria-negra-e-muito-maior-do-que-o-mercado-editorial-apresenta/">https://www.geledes.org.br/a-producao-de-autoria-negra-e-muito-maior-do-que-o-mercado-editorial-apresenta/</a>	18/02/2020	Questões de Gênero
Selminha Sorriso completa 25 carnavais na Beija-Flor e se torna porta-bandeira há mais tempo consecutivo numa escola	<a href="https://www.geledes.org.br/selminha-sorriso-completa-25-carnavais-na-beija-flor-e-se-torna-porta-bandeira-ha-mais-tempo-consecutivo-numa-escola/">https://www.geledes.org.br/selminha-sorriso-completa-25-carnavais-na-beija-flor-e-se-torna-porta-bandeira-ha-mais-tempo-consecutivo-numa-escola/</a>	18/02/2020	Questões de Gênero
	<a href="https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-do-">https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-do-</a>		

Fonte: **Dados da Pesquisa**, 2020

Abaixo segue a imagem da planilha com o desdobramento da coleta de dados referente às postagens produzidas e compartilhadas, a descrição da autoria e as fontes de informação originárias.

Imagem 8- Planilha de excel – Organização dos dados

Posts atribuídos pelo Portal	AUTORIA	POSTAGEM	Fonte de origem
Mulher Negra	Júlia Aparecida Silva Santos	Enviada ao Portal	
Mulher Negra	Heloisa Aun (Catraca Livre)	Hospedada	<a href="https://catracalivre.com.br/carnaval-sem-assedio/sou-um-ato-politico-diz-1a-passista-plus-size-da-mocidade-alegre/">https://catracalivre.com.br/carnaval-sem-assedio/sou-um-ato-politico-diz-1a-passista-plus-size-da-mocidade-alegre/</a>
Mulher Negra	Vitor Taveira (Século Diário)	Hospedada	Não foi possível o acesso ao link
Mulher Negra	Rafael Galdo (O Globo)	Hospedada	<a href="https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/selminha-sorriso-completa-25-carnavais-na-beija-flor-se-torna-porta-bandeira-ha-mais-tempo-consecutivo-numa-escola-1-24254800">https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/selminha-sorriso-completa-25-carnavais-na-beija-flor-se-torna-porta-bandeira-ha-mais-tempo-consecutivo-numa-escola-1-24254800</a>
			<a href="https://marcozero.org/mulheres-">https://marcozero.org/mulheres-</a>

Fonte: **Dados da pesquisa**, 2020

A partir da leitura fluente analisamos o total de postagens que fazem parte do corpus da pesquisa de forma que elencamos as etapas operacionais de coleta de dados com categorizações inicialmente atribuídas pelo portal Geledés.

Com isso, as etapas até aqui descritas podem ser entendidas, conforme afirma Bardin (2016) como de pré-análise em que se operacionalizam e sistematizam as ideias iniciais para que se chegue à análise propriamente dita.

Assim, a pré-análise apresenta-se também com base na coleta de dados realizada com o estudo e a compreensão da organização do portal.

Nesta fase foram analisadas as 27 postagens produzidas para o portal. Para dar conta das análises preliminares da pesquisa, buscamos amparo na literatura apresentada neste estudo que destaca as diferentes opressões que se entrecruzam e ocasionam a subalternização desse grupo social, evidenciadas nas relações de poder que se estruturam entre os grupos privilegiados e os marginalizados.

Bardin (2016) destaca que a categorização é inerente à análise de conteúdo. Assim, a categorização definida para este estudo parte inicialmente da análise dos temas da postagem em que constituiu os assuntos reunidos por características comuns, a exemplo, todos os temas que abordam “sentimentos” ficam agrupados na subcategoria

sentimentos. O mesmo acontece na subcategoria temática "Educação", ficam agrupados na subcategoria "Educação". A categoria tema da postagem com as suas subcategorias emergidas inicialmente do referencial teórico descrito, bem como do *corpus* da pesquisa.

Assim, como análises primeiras, apresentamos categorias referentes às 27 postagens produzidos para o portal Geledés no período de julho de 2019 a março de 2020.

Realizamos nessa etapa uma categorização, abarcando alguns elementos de classificação elencados por Carneiro (2003, p. 67) e que descreve como “ os principais vetores que nortearam as propostas do movimento”, resultando em mudanças na ótica feminista, tais como mercado de trabalho, violência, meios de comunicação, saúde e ancestralidade, arrolados também nas análises emergidas do corpus da pesquisa.

Na sequência do percurso metodológico, partimos da análise da categoria tema da postagem que contemplou os assuntos apresentados nas postagens.

As categorias, depois de identificadas, possibilitaram a atribuição de subcategorias descritas e compostas por códigos à luz da interpretação de Bardin (2016).

Desta forma, descrevemos a categoria **Tema da Postagem**: descrição dos assuntos/temas que partiram do referencial teórico e que emergiram do corpus da pesquisa. As subcategorias e seus respectivos códigos: Ancestralidade (AN), Educação (ED), Evento (EV), Meios de Comunicação (ME), Mercado de Trabalho (MT), Padrões Estéticos (PE) Saúde (SA), Sentimentos (SE), Vida Cotidiana (VC), Violência (VI).

O percurso realizado das leituras resultou na adição de outras subcategorias, a saber: Histórias de Vida (HV), Movimentos Sociais (MS), Manifestações Artísticas (MA)

As categorias, subcategorias e seus respectivos códigos foram relacionados em tabela excel na sequência da coleta de dados e análises primeiras compreendidas como questões de gênero, aba “mulheres negras” atribuídas pelo portal Geledés, seguida dos links, data de publicação, enviadas e hospedadas.

Ao realizarmos a leitura das postagens e identificarmos os padrões recorrentes, reinterpretando informações das diversas narrativas das mulheres negras, outras categorias emergiram do fenômeno, bem como as respectivas subcategorias.

- a) **Ratificação da Postagem**: Postagens que mencionam filmes, livros, músicas entre outros para exemplificar ou ratificar a sua narrativa. Como subcategorias

descrevemos: Menção a Documentos/Dados/Leis ( MD); Menção a Filmes (MF); Menção a Livros (ML); Menção a Músicas (MM); Menção ao Conhecimento Científico ( MCC); Não há Menções ( NM)

- b) **Tipos de Autoria:** colaboradores do Portal ou pessoas e/ou grupos de pessoas ou instituições que enviam seus postagem ou compartilham no portal Geledés. Para essa categoria, elencamos as subcategorias: Autoria Individual (AI); Autoria Não Identificada (ANI); Autoria Coletiva (AC) e Autoria Institucional (AIN).
- c) **Referências Teóricas Mencionadas:** Postagens que indicam ou citam autores de estudos e/ou teorias, noções ou conceitos. Para esta categoria, estabelecemos as seguintes subcategorias: Referências a Indivíduos (RI); Referências às Teorias (RTEO); Não se aplica (NA).

Abaixo descrevemos o quadro com as categorias, subcategorias e códigos atinentes:

Quadro 1 - Categorias emergidas do *corpus* das postagens produzidas e compartilhadas do Portal Geledés

<b>Tema da Postagem</b> (Postagens relativas a distintos assuntos que representam as mulheres negras).		
<b>Subcategorias</b>	<b>Código</b>	<b>Descrição</b>
<b>Ancestralidade</b>	<b>AN</b>	Postagens com conteúdo relativo às histórias de resistências de lutas protagonizadas por mulheres negras e que constituem a dinâmica de uma memória ancestral
<b>Educação</b>	<b>ED</b>	Postagens relativas à produção acadêmica, acesso à educação, áreas que envolvem a educação como formação continuada, economia doméstica, leitura, processos de alfabetização das mulheres negras.
<b>Evento</b>	<b>EV</b>	Postagens relativas às comemorações, cerimônias, fóruns, saraus, mostras, encontros que divulgam ações de mulheres negras.

<b>Meios de Comunicação</b>	<b>ME</b>	Postagens sobre os impactos dos meios de comunicação no imaginário social, referente às mulheres negras
<b>Mercado de Trabalho</b>	<b>MT</b>	Postagens sobre os ganhos obtidos na luta feminista, os avanços, as desigualdades que se apresentam, as profissionais com seus destaques e limitações, as atividades realizadas, dependência financeira, empreendedorismo.
<b>Sentimentos</b>	<b>SE</b>	Postagens sobre temas de afetos, solidão, solidariedade, relacionamentos.
<b>Padrões Estéticos</b>	<b>PE</b>	Postagens referentes aos padrões de beleza instituídos, construção de identidade a partir de referenciais de beleza, cabelo e outros, bem como os impactos nas relações sociais.
<b>Violência</b>	<b>VI</b>	Postagens com narrativas que abordam a violência nessa perspectiva será analisada sob o olhar da mulher negra e busca circundar a violência doméstica, sexual e simbólica desse grupo social.
<b>Movimentos Sociais</b>	<b>MS</b>	Postagens referentes aos movimentos e manifestações sociais, políticas e de classe do grupo de mulheres negras.
<b>Manifestações Artísticas</b>	<b>MA</b>	Postagens com manifestações por meio de gêneros textuais (prosa, poesia, música, imagem)
<b>Ratificação da Postagem</b> (Postagens que indicam ou citam filmes, livros, músicas entre outros para exemplificar ou ratificar a sua narrativa)		
<b>Subcategorias</b>	<b>Código</b>	<b>Descrição</b>
<b>Menção a Documentos/Dados/Leis</b>	<b>MD</b>	Postagens que mencionam documentos, estudos ou leis.
<b>Menção a Filmes</b>	<b>MF</b>	Postagens que mencionam filmes.
<b>Menção a Livros</b>	<b>ML</b>	Postagens que mencionam livros e/ou indicam leituras.
<b>Menção a Músicas</b>	<b>MM</b>	Postagens que mencionam/citam músicas.

<b>Menção ao Conhecimento Científico</b>	<b>MCC</b>	Postagens que mencionam/ citam questões relativas ao conhecimento científico.
<b>Não há Menções</b>	<b>NM</b>	Postagem não menciona/cita as subcategorias de tema da postagem secundária.
<b>Tipos de Autoria</b> (colaboradores do Portal ou pessoas e/ou grupos de pessoas ou instituições que enviam seus postagem ou compartilham no portal Geledés)		
<b>Subcategorias</b>	<b>Código</b>	<b>Descrição</b>
<b>Autoria Individual</b>	<b>AI</b>	Postagens de um (a) autor(a) que compartilha o Post através de uma instituição
<b>Autoria Coletiva</b>	<b>AC</b>	Postagens de dois ou mais autores e de coletivos feministas
<b>Autoria Institucional</b>	<b>AIN</b>	Postagens de autorias de organizações, instituições, agências de comunicação.
<b>Autoria Não Identificado</b>	<b>ANI</b>	Quando não há informação de autoria.
<b>Referências Teóricas Mencionadas</b> (Referências Teóricas mencionadas (Postagens que fazem menções a autores, estudiosos, teorias e instituições a distintas áreas do conhecimento))		
<b>Subcategorias</b>	<b>Código</b>	<b>Descrição</b>
<b>Referências a Indivíduos</b>	<b>RI</b>	Postagens que indicam ou citam autores de estudos e/ou teorias, noções ou conceitos.
<b>Referências às Teorias</b>	<b>RTEO</b>	Postagens nas quais há citação ou indicação de teorias nas suas respectivas áreas de conhecimento.
<b>Não se Aplica</b>	<b>NA</b>	Quando a postagem não faz nenhuma menção a conceitos teóricos ou citação de autores.
<b>Forma de Composição da Postagem</b> ( forma como o conteúdo é composto através de diferentes hipermídias, com imagens, áudios, links e outros)		

<b>Subcategoria</b>	<b>Código</b>	<b>Descrição</b>
<b>Texto</b>	<b>TE</b>	Postagens em que o conteúdo é composto por texto de forma isolada ou de forma combinada.
<b>Imagem</b>	<b>IM</b>	Postagens em que o conteúdo é composto por imagens de forma isolada ou combinada.
<b>Áudio</b>	<b>AU</b>	Postagens em que o conteúdo é composto por áudio de forma isolada ou combinada.
<b>Vídeo</b>	<b>VID</b>	Postagens em que o conteúdo é composto por vídeo de forma isolada ou combinada
<b>Link</b>	<b>LI</b>	Postagens em que o conteúdo é composto por link de forma isolada ou combinada
<b>Hiperlink</b>	<b>HI</b>	Postagens em que o conteúdo é composto por hiperlink de forma isolada ou combinada
<b>Gênero Referido</b> (Postagens que se referem ao gênero dos indivíduos que se constituem em assunto da postagem)		
<b>Subcategoria</b>	<b>Código</b>	<b>Descrição</b>
<b>Feminino</b>	<b>FEM</b>	Postagens que se referem a(s) mulher (es) como assunto relacionado.
<b>Masculino</b>	<b>MAS</b>	Postagens que se referem a homens como assunto relacionado
<b>Gênero Não Identificado</b>	<b>GNI</b>	Postagens que não é possível identificar o Gênero
<b>Formas de Apresentação da Postagem:</b> Forma como as postagens são apresentadas		
<b>Depoimento</b>	<b>DE</b>	Postagens que utilizam como recurso comunicacional os relatos de sentimentos, fatos ocorridos, declarações.
<b>Entrevista</b>	<b>EN</b>	Postagens que utilizam como recurso comunicacional na interação entre duas pessoas a fim de narrar um fato, um acontecimento ou a sua história de vida.
<b>Texto Científico</b>	<b>TC</b>	Postagens que são compostas por artigos, ensaios e textos balizados em conhecimento científico utilizando a linguagem científica.

<b>Resenha</b>	<b>RES</b>	Postagens com análise informativa ou crítica que subsidiem a compreensão de tais obras a partir de um parecer.
<b>Poema</b>	<b>POE</b>	Postagens compostas por poemas que contém versos, estrofes e, por vezes, rimas referentes às questões das mulheres negras.
<b>Notícia</b>	<b>NO</b>	Postagens com conteúdos informativos sobre temas acontecimentos veiculados nos meios de comunicação concernentes às mulheres negras.
<b>Texto Narrativo</b>	<b>TN</b>	Postagens que se constituem de textos que descrevem ações de personagens num determinado tempo e espaço, descrevendo algum fato ou acontecimento em forma de prosa.

Fonte: **Dados da pesquisa**. 2021

Após analisarmos a análise das primeiras 86 postagens entre as 27 produzidas e 137 compartilhadas comparamos as categorias e subcategorias de forma a verificar a sua pertinência. Observamos se na descrição e na escolha das categorias houve sobreposição, assim como a adequação dos códigos e se estavam aderentes às postagens. Realizamos, para tanto, um processo de reavaliação das categorias.

Nesse sentido, destacamos que o rearranjo das categorias foi resultado da rearticulação metodológica que se consolidou a partir das reincidentes leituras flutuantes das primeiras postagens.

Assim, identificamos, nesse percurso, a necessidade de recompor algumas subcategorias da categoria Tema da Postagem, suprimir e substituir e realizar a fusão de outras conforme quadro que segue no Apêndice B.

Nesse percurso metodológico também foram incluídas duas novas categorias: **Forma de composição da postagem** e **Forma de apresentação da postagem**, descritas no Quadro 1, também foram incluídas subcategorias na categoria Tema da Postagem que emergiram do corpus das compartilhadas e as quais foram descritas como nova subcategoria.

As categorias de análise que seguiram, foram revisitadas, mas não houve alterações .

Diante das novas escolhas, realizamos uma nova análise em todas as postagens até então tabulada e reagrupamos de forma a validar, substituir ou manter as categorias e subcategorias das postagens produzidas e compartilhadas e realinhar a partir desse novo percurso. A categoria tema da postagem foi a que mais provocou reflexões considerando os critérios de coerência enunciados por Bardin (2016).

A categorização está organizada em sete (7) categorias de análises principais e 41 subcategorias que foram sendo compostas a partir da imersão nas leituras dos dados empíricos.

Realizamos a categorização dos conteúdos das postagens enviadas ao portal Geledés. Assim o percurso metodológico se propôs a analisar o conteúdo das informações produzidas em uma primeira fase, e, em um segundo momento, a análise das postagens compartilhadas.

## 6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste espaço de escrita apresentamos as análises relativas ao conteúdo das **164** postagens obtidas do portal Geledés, sendo 27 relativas às produzidas e 137 concernentes às compartilhadas.

A análise de conteúdo, efetivada a partir de diferentes fases, proporcionou uma etapa de leitura, compreensão, agrupamento, análise e codificação das postagens de acordo com as categorias de análise emergidas do corpus e as quais trataremos a seguir.

Os dados relativos às categorias estão apresentados, considerando as ocorrências em cada uma das subcategorias emergidas com seus destaques ou estranhamentos de elementos relativos aos conteúdos. A ordem de descrição dos dados é apresentada com números absolutos e percentuais com o objetivo de evidenciar a intensidade das ocorrências, no entanto, consideramos para análise não a quantidade das ocorrências, mas o que significam para compor a análise de conteúdo. Em seguida a apresentação dos dados, demonstraremos uma postagem<sup>11</sup> representativa em que contém a primeira parte da sua composição com título, imagem, os primeiros parágrafos e “leia mais”, este último com a indicação do link de acesso e na sequência a interpretação do conteúdo da postagem. Quando necessário, apresentaremos os cruzamentos das categorias e subcategorias as quais consideramos mais significativas para a análise do conteúdo.

### 6.1 Análise das postagens produzidas

Concernente às análises das 27 postagens produzidas para o portal Geledés, apresentamos as ocorrências relativas à categoria **tema da postagem**<sup>12</sup>:

---

<sup>11</sup> As imagens apresentadas nas postagens, referentes às análises dos resultados compõem a postagem na íntegra, tal como aparece no conteúdo do portal, por esse motivo não foram identificadas conforme ABNT.

<sup>12</sup> A categoria é apresentada como um elemento que fundamenta a leitura fluente do processo. A sua manutenção, considerando as subcategorias se deve ao fato de que os marcadores sociais de raça, gênero e classe não foram identificados separadamente em nenhuma das postagens demonstrando que tais representações se fundamentam numa perspectiva interseccional.

Tabela 1 – Categoria Tema da Postagem

Subcategorias	Número de ocorrências	Porcentagem
ED	7	26%
EV	4	15%
MA	4	15%
HV	3	11%
SE	2	7%
VC	2	7%
AN	2	7%
ME	2	7%
MS	1	5%
Total Geral	<b>27</b>	<b>100%</b>

Fonte: **Dados da pesquisa**. 2021.

As subcategorias Mercado de Trabalho (MT), Padrões estéticos (PE), Saúde (SA) e Violência (VI) não foram identificadas ocorrências, sendo que a violência foi citada em apenas um texto, mas de forma transversal, não como tema principal do conteúdo.

As ausências das ocorrências das subcategorias supracitadas são explicitadas nesta análise em razão de que as categorias de análises emergidas estão relacionadas tanto nas postagens produzidas, quanto compartilhadas.

Descrevemos nesta análise, a preponderância da subcategoria Educação. As postagens trazem como tema a educação e expressam a relação entre a produção do conhecimento, experiências dessas mulheres e resgate de suas histórias. O conhecimento na perspectiva dos conteúdos abordados proporciona uma mobilidade social e desta, a possibilidade de quebrar barreiras sociais que as impedem de acessar espaços de poder ou de tomada de decisões. Essas postagens enfatizam o reconhecimento de sua ancestralidade, quando do acesso ao conhecimento a partir do universo do feminismo negro. Com o objetivo de ilustrar as ocorrências encontradas referente a esta subcategoria, destacamos o *post* abaixo:

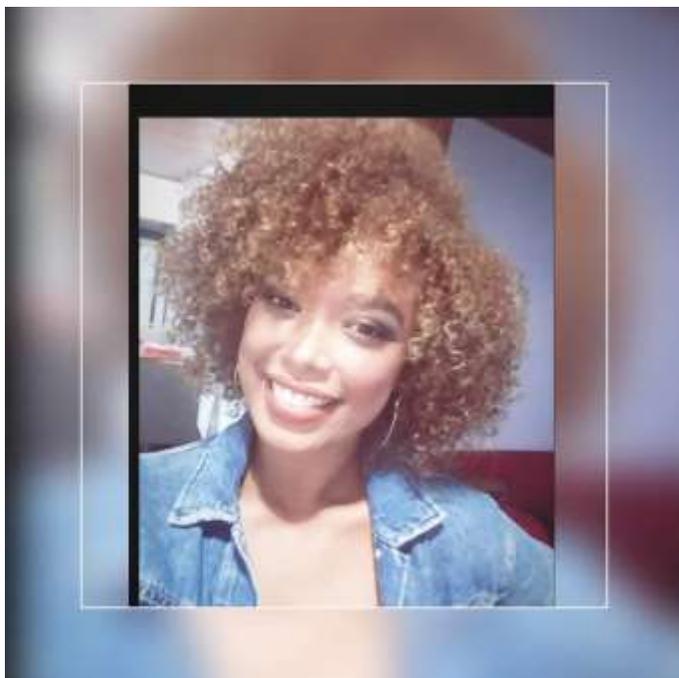
## Minha produção de conhecimento histórico é contaminada pela condição de mulher negra e quilombola

03/03/2020

em **Guest Post, Mulher Negra**

Tempo de leitura: 4 mins read

**Fonte:** Por Ana Paula Batista da Silva Cruz<sup>2</sup>, enviado para o Portal Geledés



Escolhi parafrasear no título do presente guest post a escritora brasileira, Conceição Evaristo, que constrói contos e poemas reveladores da condição da população negra no país. A intelectual opera a categoria de “escrevivência”, através de uma escrita que narra o cotidiano, as lembranças e as experiências do outro, mas sobretudo, a sua própria, propagando os sentimentos, as lutas, as alegrias e resistências de um povo cujas vozes são silenciadas. **Recusar a suposta neutralidade epistemológica é algo presente em discursos de intelectuais negras que compreendem a importância da intersecção entre militância e conhecimento científico.** Davis<sup>3</sup>, destacou que a partir dessa relação é possível pensar em um novo modelo de sociedade menos hierarquizada e excludente. [Leia mais](#)

Entendemos neste exemplo, que a definição pela “Educação (ED)” está relacionada com todos os aspectos descritos na apresentação desta subcategoria (produção acadêmica, acesso à educação, áreas que envolvem a educação como formação continuada, economia doméstica, leitura e processos de alfabetização das mulheres negras) que envolvem não somente a educação formal, mas atmosfera educacional em que a autora logo no início do texto destaca a expressão “escrevivência”,

neologismo criado por Conceição Evaristo. Tanto o neologismo quanto a menção à autora demonstram uma compreensão da importância dessa confluência entre conhecimento científico e militância. A educação nesta postagem, não aparece representada apenas considerando aspectos relativos aos processos formais de educação, mas na intervenção da trajetória dessa mulher e pela qual lhe despertou escolhas que a conduziram no caminho acadêmico, impactando, neste percurso, na construção da sua identidade enquanto mulher, negra e quilombola.

Ao considerar uma parcela preponderante na subcategoria Educação em que destaca o processo educacional, no qual as instituições cumprem um papel fundamental na constituição das mulheres, não somente como pesquisadoras e estudiosas, mas a educação enquanto instrumento de resistência e questionamento das estruturas existentes em que as mulheres passam de objeto de estudo para falar a partir do seu lugar social.

A subcategoria Manifestações Artísticas, embora esse tenha sido o destaque enquanto tema da postagem, também apresenta a formação cultural como possibilidade de deslocamento social e reconhecimento da educação como forma de conhecer a história, a sua constituição e se valer desse conhecimento como uma ferramenta de luta.

Há na representação dessa mulher, uma demarcação de um espaço discursivo em que destaca o impacto na produção de conhecimento científico com o seu lugar de mulher negra e pelo qual as relações de poder em relação ao regime de autoridade discursiva se estabelecem e quais refletem nas representações sociais instituídas.

Retomamos aqui, Mello (2019) em que destaca a atuação do movimento feminista nas frentes teórica e ativista. Na perspectiva teórica, a produção de conhecimento torna-se relevante na legitimação desse regime de autoridade discursiva, mesmo que ainda o acesso ao conhecimento e à cultura sejam negligenciados. Há nesse sentido, uma articulação entre o movimento feminista e a educação, a fim de que possa produzir conhecimento como alternativa de acesso a outras informações acerca das mulheres negras a partir da suas ancestralidades e registros invisibilizados.

Assim, as informações que se apresentam nas postagens revelam essa intersecção entre a constituição e reconhecimento da sua identidade, a produção de

conhecimento e a militância, como forma de reconhecer a sua identidade pela interferência dos conhecimentos construídos.

Crenshaw (2002) admite que o princípio da igualdade se dá nas frentes discursivas, a partir dos elementos conceituais para se pensar os contextos e fenômenos que ocasionam as discriminações e, nas práticas de militância, como protestos, ações e mobilização coletiva.

Podemos compreender, dessa forma que as temáticas apresentadas nas postagens são consequências da possibilidade de acesso às informações por parte dessas mulheres e que resulta na visibilização das discriminações e as consequentes relações de poder e, a partir da produção e o acesso ao conhecimento, permite um outro olhar e movimentos mais conscientes para as práticas que pautam a promoção dos direitos. Nesse sentido, as representações sociais materializam-se por meio das práticas informacionais de produção e compartilhamento de informações a partir das subcategorias temáticas em que imbricam a educação e a cultura.

Outros desdobramentos podem ser identificados a partir dos dados analisados, e que corroboram com essas análises como a categoria **Ratificação da Postagem**, as quais apresentamos os resultados a seguir.

A categoria em questão refere-se às postagens, cujos conteúdos mencionam filmes, livros, músicas, pesquisas e estudos referentes aos temas principais com o objetivo de exemplificar ou ratificar a sua narrativa.

Apresentamos abaixo o total de ocorrências nas 27 postagens:

Tabela 2 – Categoria Ratificação da Postagem

Subcategorias	Número das ocorrências	Porcentagem
<b>NM</b>	11	41%
<b>ML</b>	6	22%
<b>MF</b>	4	15%
<b>MCC</b>	3	11%
<b>MD</b>	3	11%
Total Geral	<b>27</b>	100%

Fonte: **Dados da pesquisa**. 2021.

Destacamos a preponderância da subcategoria Menção a Livros nas postagens como uma alternativa de validar os seus relatos com a indicação de leituras e uma proximidade de ocorrências nas subcategorias Menção à Filmes, Conhecimento Científico, Documentos, dados e leis. Essa adjacência aponta para uma condição de reforço nas informações contidas nas postagens, nesta ratificação do conteúdo.

Há na representação dessas mulheres, quando abordamos as subcategorias mais recorrentes, uma demarcação de um espaço discursivo em que destacam a utilização de materiais de leitura como forma de reafirmar as informações contidas na postagem.

No cruzamento desta subcategoria com a tema da postagem Educação (ED), descrevemos 2 (29%) ocorrências com Menção à Livros do total de 7 postagens, 2 (29%) com Menção ao Conhecimento Científico. Já Menção à Filmes 1 (14%) e Menção a Documentos/Dados/Leis com 1 (14%) ocorrência.

Nesse total de postagens, contemplando todas as subcategorias tema da postagem, há um total de 16 (59%) ocorrências que fazem menção a livros, documentos, dados, filmes ou conhecimento científico, com destaque à Menção a Livros.

É possível concluir, a partir dessa análise, que as informações apresentadas por essas mulheres valorizam os aspectos educacionais e o acesso à leitura, de diferentes formas, seja por indicação, citação ou relacionando a temática da postagem com as leituras realizadas. As indicações servem também para instigar os/as leitores/as a procurar outros autores, como possibilidades de criar e divulgar uma nova epistemologia acerca dos conceitos e compreensões sobre mulheres negras.

Sendo assim, a articulação entre essas subcategorias passa a fazer sentido, quando do seu cruzamento percebemos que as menções de livros, estudos, dados, legislação também servem como insumos para validar os discursos produzidos, preponderantemente por mulheres negras.

Abaixo apontamos uma postagem para referir a relevância desta subcategoria, a qual compreendemos que apresenta essa função no conteúdo da postagem.

## Narrativa confessional: exercício de autoconhecimento como ato político

11/11/2019

Por Iara Aparecida Silva de Oliveira, enviado para o Portal Geledés em Mulher Negra 12 min.



Escrever uma narrativa confessional<sup>1</sup> é um exercício de autoconhecimento que potencializa a consciência de que esse é ato político cuja finalidade é compartilhar e promover valiosos encontros de histórias e experiências. É elemento chave dessa narrativa a representação dos livros na história de duas gerações de mulheres negras. **Para uma, eles (os livros) representaram o sonho não realizado e para outra, a concretização da mudança de paradigma.** Aqui os livros simbolizam o acesso negado e a chave que abre portas para o conhecimento. **Os livros também representam comunicação e o acesso às gerações que ousam e ousaram questionar a história e a produção epistemológica dominante.** Gerações que corajosamente alçaram e continuam alçando voos para a luta pela liberdade vislumbrando um novo horizonte em que negros e negras ocuparão massivamente todos os espaços que lhe proporcionem conhecimento, equidade e poder. [Leia mais.](#)

As informações produzidas demonstram que a postagem apresentada inicia-se por meio de um diálogo intertextual com a expressão “narrativas de vivências” usado por Bell Hooks, cujo significado se assemelha à narrativa autobiográfica. Nessa linha intelectualista destaca a importância da representação dos livros nas gerações de mulheres negras, pois são esses artefatos culturais que representam a comunicação e o acesso às gerações que protagonizaram as lutas pela liberdade e equidade de direitos.

Descreve a educação como um ato político para a sua inserção no universo feminista negro que a levou na tomada de consciência da sua constituição e existência e a qual destaca ser ao mesmo tempo objeto e protagonista nesta relação de opressão e resistência. É, pois, pela educação que resgata o legado de sua mãe, que, por meio do seu trabalho e dedicação possibilitou-lhe acesso aos livros e à leitura de obras de intelectuais negras(os), os quais deram início a sua trajetória formativa e, a partir dela, a identificação das diferentes formas de violência sofridas, bem como, a conscientização do apagamento da ancestralidade apreendidas através daquelas leituras, ao mesmo

tempo em um alento e uma estratégia de resistência não só para compreender a nossa história, mas no desenvolvimento da capacidade de criticar e questionar esse “não lugar” instituído socialmente.

Compreendemos que o **reforço** aqui apresentado é fundamentado em aspectos relativos ao âmbito produção de informações, materializados a um artefato cultural: os livros. Assim, a representação dos livros para a tomada de consciência desse lugar (deste não-lugar, desta falta de um lugar de fala) das mulheres negras coaduna com a perspectiva educativa preponderantemente adotada entre as temáticas e constituem o conteúdo da postagem, de forma a demonstrar a identificação e o vínculo estabelecido a uma perspectiva tradicionalmente marginalizada na sociedade.

As informações que revelam um aceno para o acesso aos livros, dados e legislação, portanto, não somente um convite às questões intelectuais, mas sobretudo a assunção de uma voz para ecoar uma ideologia e discurso que age como um instrumento de rearticulação das condições dessas mulheres.

Nesse sentido, as representações se evidenciam por meio das informações permitindo que esse grupo social perceba e depreenda o seu contexto amparado nas suas subjetividades. As representações aqui também se manifestam na perspectiva da comunicação entre os livros e os sujeitos em um processo dialógico contínuo e disruptivo de representações instituídas para novas representações.

Na categoria **Forma de Composição da postagem** encontramos as seguintes ocorrências:

Tabela 3 – Forma de Composição da Postagem

Subcategorias	Número das ocorrências	Porcentagem
<b>TE + IM</b>	18	67%
<b>TE + IM + HI</b>	4	15%
<b>TE + IM + VID</b>	3	11%
<b>TE + IM + LI</b>	2	7%
<b>Total Geral</b>	<b>27</b>	<b>100%</b>

Fonte: **Dados da pesquisa**. 2021.

Observamos que todas as postagens analisadas são constituídas pelo menos por um texto e imagem relacionada ou indicativa para descrever o conteúdo. Assim, a forma TE+IM é um *minimun* informativo assumido pelo portal como ação de informação.

As ocorrências combinadas e isoladas no que tange a essas subcategorias revelam uma correlação das múltiplas linguagens na composição dessas postagens, as quais expressam outras formas de manifestação dos discursos produzidos acerca das mulheres negras. A composição dos links e hiperlinks também nos remete à possibilidade da continuidade de leitura de elementos, conceitos ou exemplos que contemplam a postagem, de forma a oferecer uma leitura não linear às informações com múltiplas possibilidades de se acessar ao conteúdo a partir de outras fontes de informação. Assim, segue abaixo uma postagem que exemplifica em seu conteúdo o enquadramento desta categoria. Ainda que a subcategoria TE + IM tenha uma maior preponderância, realizamos a escolha de uma postagem com a combinação das subcategorias TE + IM + HI reproduzida a seguir:

## **Podéria a história do Brasil ser contada a partir da trajetória das mulheres negras?**

26/02/2020 em **Mulher Negra** 6 min.



Negra de Pernambuco, 1869. Fotografia de Henschel Alberto, acervo Brasileira Fotográfica/Instituto Moreira Sales.

Não apenas pelo fato da nossa resistência em relação a tudo aquilo que foi imposto pelas sociedades ao longo do tempo, mas, principalmente, pela centralidade que temos ocupado nos processos históricos. Sim! As mulheres de pele escura foram personagens importantes de muita das coisas que têm acontecido por aqui. Algo que, quando visibilizado, nos ajuda a humanizar a nossa própria vivência e a de nossas ancestrais. De forma que, não fiquemos à procura de heroínas e supermulheres da era colonial ou dos tempos atuais. Informações que tornam mais convidativa e prazerosa o reconhecimento do valor das ações do dia-a-dia, das capacidades de ação e negociação que a nossa população tem utilizado em contextos específicos, com possibilidades e oportunidades muito bem delimitadas ou escassas. Algumas dessas destrezas, ainda sobreviventes, como relíquias, e que têm sido transmitidas em forma de tecnologia de social de geração em geração, dentro de nossas próprias famílias. Como já dizia bell hooks, o fato de a mídia e os currículos escolares

não abordarem a profundidade da nossa existência, não significa que as nossas vidas não sejam complexas e sem valia.

Por Taina Aparecida Silva Santos, para o Portal Geledés



Fazenda de café da região do Vale do Paraíba, 1882. Fotografia de Marc Ferrez, acervo Brasileira Fotográfica/Instituto Moreira Sales.

As mulheres negras têm ocupado papéis centrais e consolidado ações estratégicas para a sobrevivência da nossa comunidade desde os tempos da escravidão ao pós-abolição. Sejam elas em espaços religiosos, naqueles que envolvem as redes construídas a partir do trabalho ou do cotidiano familiar. Foi sobre a escravizada que, no passado, se construiu a possibilidade da família dentro do cativeiro. Mesmo sendo a minoria entre os trabalhadores forçados durante todo o período escravocrata, foi em torno delas que se estabeleceram as linhagens capazes de atravessarem gerações dentro da *plantation*. Isso tem a ver um pouco com as heranças da organização social e política de algumas comunidades africanas que herdamos na diáspora. [Leia mais.](#)

A postagem aqui destacada revela em seu conteúdo o tema central da ancestralidade das mulheres negras que por meio de processos históricos ocuparam papéis centrais de muitos acontecimentos, que, embora invisibilizados, consolidaram estratégias para a sobrevivência da comunidade negra desde os tempos da escravidão estendendo-se ao pós-abolição. É nessa perspectiva histórica que discorre o conteúdo desde a organização social e política herdada das comunidades africanas até a luta pelos direitos dessas mulheres à guarda de suas filhas e filhos. Os resultados dessas lutas foram de extrema relevância para o processo de abolição e de mobilização das mulheres escravizadas, as quais se tornaram figuras centrais para a formação de uma identidade.

As mulheres negras foram as que mais acessaram a liberdade via a compra de alforrias. Dessa forma, a liberdade comprada reservou às mulheres o trabalho no campo e a venda de excedentes nas feiras, o que por sua vez possibilitou arrecadar dinheiro com a venda de artefatos e iguarias para então comprar outras liberdades e até a garantir a algumas uma vida de luxo, como roupas de tecidos de boa qualidade e até algumas jóias, de acordo com o texto da postagem. As ocupações das mulheres negras em espaços privilegiados ocasionaram desagrado de homens e mulheres brancas, Estes, pertencentes a uma sociedade eurocêntrica e patriarcal promoveram uma degradação da imagem das mulheres negras potencializando uma formação dos padrões socialmente aceitáveis de feminilidade no período.

As imagens apresentadas neste *post* têm uma significância nesse diálogo entre texto e imagens, pois ampliam a possibilidade de comunicação e compreensão do conteúdo. Acrescenta-se ainda os decretos apresentados no conteúdo que se revelam em forma de hiperlinks permitindo o seu acesso oferecendo não só a possibilidade de ampliação de conhecimento em relação a temática, mas também como forma de comprovação das informações apresentadas.

Acreditamos que os recursos hipermediáticos permitem essa reconstrução ou outro olhar para as mulheres negras diante das suas constituições e subjetividades. As imagens são reveladoras, pois elas objetivam um determinado conceito que deixa de ser signo para replicar a realidade. As informações assim, ao se complementarem nessas diferentes composições textuais, desvelam outras formas de representar essas mulheres pelos conteúdos que abordam, de forma a reforçá-los por outras formas e significados.

Entendemos, com isso, que a disseminação das informações contidas no conteúdo permite um alargamento de acesso aos conhecimentos, demarcando outros espaços habilitados para a produção e compartilhamento das informações.

Como explicita Marteleto (2010) a rede se caracteriza pelo grande volume de informações, mas também por diferentes escritas, ampliando dessa forma o processo de comunicação, interação e sociabilidade. Essa amplitude de navegação e diferentes formas de composição dos conteúdos das postagens possibilitam novos meios de apropriação das informações, assim como a demarcação de outros espaços legitimados de saber e de expressão desses saberes.

Relativo à categoria **Referências Teóricas Mencionadas**, apresentamos as ocorrências a seguir, por meio das subcategorias Referências a Indivíduos (RI); Referências às Teorias (RTEO); Não se aplica (NA).

Tabela 4 – Categoria Referências Teóricas Mencionadas

<b>Subcategorias</b>	<b>Número das ocorrências</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>NA</b>	13	48%
<b>RI</b>	12	44%
<b>RTE</b>	2	7%
Total Geral	<b>27</b>	100%

Fonte: **Dados da pesquisa**. 2021.

Embora das 27 postagens, tenham sido identificadas 13 (48%) nas quais não foram efetivadas menções a indivíduos ou teorias, identificamos as autoras e os autores nas postagens, chegando a um total de 21 mencionados. Destes, 21, 20 são mulheres e 1 homem.

Descrevemos aqui as ocorrências relativas à preponderância de referência a duas estudiosas do feminismo negro: Angela Davis 3 (14%) e Bel Hooks 3 (14%). Essas preponderâncias desvelam que as mulheres ao produzir informações tendo a intencionalidade de se representarem de forma coerente com suas referências buscam nas teóricas do Feminismo Negro forma de embasar as suas falas e experiências. Uma clara demonstração dessas menções pode ser identificada na postagem reproduzida a seguir:

## Nasce uma heroína: Nola Darling, a mulher negra e a reinvenção do amor

25/10/2019 em **Mulher Negra** 3 min.



She's Gotta Have It/ David Lee/Netflix

O cinema têm nos bombardeado com estereótipos responsáveis pela construção deturpada sobre o que é ser uma mulher negra. A partir de uma estética da miséria e violência, fomos encarceradas em papéis por vezes caricatos, outras simplórios, num lugar de não existência. Sempre sofrida, passiva e não importante, a mulher negra foi reduzida ao mínimo no que tange a representatividade e, ainda hoje, poucos cineastas ousaram colocar a mulher negra no seu devido lugar, o de protagonista. Um dos poucos e primeiros que o fizeram foi Spike Lee: Nola Darling é a protagonista de *Ela quer tudo* (1986), primeiro longa-metragem do diretor que cria uma heroína que rompe com as características encontradas na maioria das mocinhas de Hollywood: ela é uma mulher negra, e além disso, não está em sofrimento constante, sua história não começa nem é atravessada por uma exploração imagética da degradação humana; ela é uma mulher autônoma e complexa, bem sucedida profissionalmente, agente ativa dos seus quereres e não uma mera observadora objetificada. Nasce aí uma nova heroína. [Leia mais.](#)

Por Naomi Cary [para o Portal Geledés](#)

A postagem, logo em sua apresentação descreve o quanto o cinema veicula uma série de informações que estereotipam as condições das mulheres negras, por meio da estética da miséria, da violência, em papéis caricaturados ou simplórios, sofridos e passivos reiterando, repetindo e reconduzindo nesse “não lugar” de existência. O texto ainda relata os poucos cineastas que colocaram a mulher negra em outro lugar de fala, o papel de protagonista. Assim, a autora da postagem faz referência ao filme “Ela quer tudo” (1986), em que a protagonista é uma mulher negra autônoma, bem sucedida e que tem a capacidade de agir sobre as suas vontades. É nessa perspectiva que se apresenta o título do *post* em que nasce uma heroína.

O texto da postagem então passa a narrar a o drama afetivo desta personagem que se relaciona com três homens e, ao discorrer sobre esse drama faz referência a obra de Bell Hooks que aborda o sentido de ser uma “mulher negra forte”, no qual Hooks

destaca que desde a escravidão, os negros se obrigaram a não sentir a sua existência de forma a reprimir as emoções como forma de defesa.

O estudo de Bell Hooks em consonância com o drama vivenciado pela protagonista, não difere do cotidiano da mulher negra em que uma representação social instituída a conduz para uma imagem de mulher forte, aquele ser que tudo pode sofrer, sobrevivendo a toda dor, ou mesmo ter o seu corpo objetificado e sexualizado, acarretando assim, estereótipos em uma sociedade estruturalmente racista. E ao explorar a “solidão da mulher negra” compreendemos, que, a partir das informações apresentadas, não se trata da quantidade de parceiros e sim do assujeitamento dessas mulheres nas relações afetivas que constroem.

As informações identificadas nos conteúdos das postagens demonstram que a opção por referências teóricas advindas do feminismo negro denota o quanto a tais representações são fundamentais no que diz respeito ao redimensionamento de identidades coletivas e individuais. Isso porque o vínculo a teorias que visibilizam as relações de opressão concernentes às mulheres negras estrutura-se na condição de sujeito informacional. Isso porque a informação interfere nas construções desse sujeito de forma a constituir a suas subjetividades e materializam nas suas ações de informação.

Ferreira et. al. (2019), compreendem a informação na conjunção das experiências pessoais, subjetividades, significações e ressignificações nas diferentes relações que esse sujeito estabelece.

Nesse sentido, ao produzirem informações fundamentadas nesses aspectos tais referências vão coadunando com as práticas cotidianas e ampliando a compreensão dessas representações instituídas e produzindo efeito na compreensão e condição dessas mulheres e instigando as práticas discursivas contranarrativas.

A utilização das referências vem a ser um olhar não somente para um imaginário coletivo constituído histórica e socialmente, mas possibilita a essas mulheres se perceberem nas condições de conformidade em meio a diferentes formas de assujeitamentos.

Isso implica em compreender que as referências teóricas são acenos fundamentais no que diz respeito a edificação de uma identidade das mulheres negras de forma a consolidar uma reconstrução, afirmação e visibilidade deste coletivo

desvelando não mais um olhar branco, masculino, hegemônico, mas abarcando as especificidades desse grupo resignificando o seu ser e estar no mundo e reconhecendo a sua constituição enquanto sujeitos de direitos.

Na categoria **Tipo de Autoria** a distribuição das ocorrências ficou assim elencada:

Tabela 5 – Categoria Tipo de Autoria

Subcategorias	Número das ocorrências	Porcentagem
<b>AI</b>	18	67%
<b>ANI</b>	4	15%
<b>AC</b>	3	11%
<b>AIN</b>	2	7%
Total Geral	<b>27</b>	<b>100%</b>

Fonte: **Dados da pesquisa**. 2021.

Articulamos o tipo de autoria no percurso da pesquisa como forma de demonstrar as ocorrências de autoria individual, coletiva e institucional sobre os diferentes assuntos concernentes às mulheres negras.

A autoria individual prepondera o que demonstra uma pluralidade de sujeitos falando a partir do seu olhar e das suas experiências referentes aos conteúdos das postagens.

Em relação às autorias, descrevemos a preponderância da autoria individual, em composição com a categoria **Gênero Referido**, com a maior ocorrência 15 (83%) do Gênero Feminino (FEM) e 3 (17%) ocorrências do gênero Masculino (MAS). Podemos aferir, a partir dos dados, que as autorias das postagens produzidas são predominantemente individuais e de mulheres. Abaixo a descrição das ocorrências da categoria Gênero Referido e o cruzamento com a categoria tipo de autoria.

Tabela 6 – Categoria Gênero Referido

Subcategorias	Número das ocorrências	Porcentagem
<b>FEM</b>	18	67%
<b>GNI</b>	6	22%
<b>MAS</b>	3	11%
Total Geral	<b>27</b>	<b>100%</b>

Fonte: **Dados da pesquisa**. 2021.

Segue abaixo o cruzamento das categorias Tipo de Autoria X Gênero Referido:

Tabela 7 – Cruzamento das Categorias Tipo de Autoria x Gênero Referido

<b>Subcategorias Cruzadas</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Percentual/Gênero relativo ao Tipo de Autoria</b>
<b>AC</b>	<b>3</b>	
<b>FEM</b>	3	100%
<b>AI</b>	<b>18</b>	
<b>FEM</b>	15	83%
<b>MAS</b>	3	17%
<b>AIN</b>	<b>2</b>	
<b>GNI</b>	2	100%
<b>ANI</b>	<b>4</b>	
<b>GNI</b>	4	100%
<b>Total Geral</b>	<b>27</b>	

Fonte: **Dados da pesquisa**. 2021.

Merece destaque nesta análise que a configuração nesse cruzamento das postagens produzidas, a preponderância do gênero feminino, no entanto, temos na Autoria Institucional e na Autoria Não Identificada a não identificação de gêneros.

No referente a autoria coletiva, identificamos que todas 3 (100%) as autoras que escrevem juntas pertencem ao gênero feminino. As ocorrências, no entanto, permitem que possamos discutir a autoria de gênero masculino, haja vista que o portal Geledés se constitui em um espaço de manifestação predominantemente feminino. Esses dados revelam o quanto os homens, chamados a contribuir no Portal, ao produzirem informações, articulam as distintas formas que se coadunam na luta das mulheres. Já dissemos na parte teórica desta dissertação que o homem chamado a falar ou escrever junto com feministas é sempre um “outro”, um aliado que pode nos compreender ou traduzir. Em virtude da produção de informações efetivadas pelos homens desvelar o quanto eles se sensibilizam com as mulheres negras, apresentamos a postagem:

## Ações afirmativas para mulheres negras no Brasil

21/08/2019 em **Mulher Negra** 9 min.

Existe um processo de humanização no qual podemos definir como um movimento antidesumanização, o qual perpassa e se efetiva por grupos historicamente subordinados, em especial, das mulheres negras revolucionárias[1], as quais têm realizado uma transformação consistente e orgânica contra o modelo hegemônico do homem branco (in) civilizado.

por **Lúcio Antônio Machado Almeida** para o Portal Geledés



Michelle Perrot afirma que identidade, igualdade e diferença “devem ser pensados juntos”. Segundo a autora, “o vínculo entre esses três termos é, em suma, a noção de ‘gender’, definido como a construção social e cultural da diferença entre os sexos”[2]. Toda insistência em análises da situação da mulher em meio à dominação masculina no ocidente acaba por dialogar ou com uma identidade ou várias identidades que são vivenciadas pelas mulheres (individual, negra, índia, mestiça, branca ou coletiva), ou com a igualdade que se pretende promover (trabalho, educação, renda) ou com a diferença que se pretende proteger (saúde). [Leia mais.](#)

O autor da postagem define como movimento antidesumanização, processo de humanização de grupos historicamente subalternizados. Parte dessa afirmação para discutir que a igualdade, diferença e identidade devem ser pensadas em conjunto, especialmente nas análises sobre a relação de dominação masculina. Desta forma, a humanização adentra os espaços de discussão enquanto um processo de enfrentamento à hegemonia colonizadora que aprofunda as desigualdades e coloca os marginalizados em situações de subordinação.

Nesse sentido, os movimentos sociais passam a tensionar os discursos hegemônicos que garantem a manutenção dos privilégios aos homens brancos, mulheres

brancas e homens negros. Tais tensões recaem nas realidades de mercado do trabalho, estética normativa e outras formas de subjugação da mulher negra. O texto da postagem discorre então na perspectiva da desigualdade racial no mercado de trabalho que coloca homens negros e mulheres negras em condições idênticas de identidade social, todos pertencentes a categorização racial: negros. Tal categorização justifica-se nas diferentes formas de exploração, negando às mulheres negras igualdade de direitos.

Podemos aferir aqui, especialmente em uma postagem produzida por um homem e que relata a condição desigual de dominação masculina e das relações de poder estabelecidas.

Desse modo, ao considerarmos a categoria tipo de autor, apresentamos as evidências nos conteúdos das postagens a relevância dada pelos articuladores do portal a fala desse outro, nas suas condições de alteridade e solidariedade a partir do lugar que ocupa, trazendo à tona as condições impostas pela dominação machista pela categorização racial.

Resgatamos, assim, a partir dos estudos de Ribeiro (2019); Oliveira (2019) o conceito de lugar de fala, destacando um olhar para apropriação de homens sobre as questões de gênero e raça. Partimos então da noção que lugar de fala é a legitimidade para falar a partir do seu lócus social. É compreender, conforme afirma Ribeiro (2019), que todos têm um lugar de fala desde que conhecedores e conscientes das condições de hierarquização e subordinação que resultam nas desigualdades para com os grupos subalternizados.

Vale destacar que esse lugar social já foi preestabelecido histórica, social e culturalmente e se constitui por meio das relações de poder e, estas, por sua vez condicionam a produção e o compartilhamento de informações pois geram estruturas discursivas.

Podemos aferir, assim a partir desse exemplo que um homem seja branco ou negro, pode produzir discursos contra-hegemonicos como um aliado das causas feministas negras, no entanto, ciente de que seu lugar social que o colocou em situação de privilégio em relação às condições das mulheres negras. Ele pode, por sua vez, se colocar nesse lugar solidário e de alteridade na produção de discursos antirracistas, defendendo, para tanto, as experiências desse coletivo de mulheres negras e, por meio

de um engajamento no sentido de reconhecer as consequências do machismo e do racismo estrutural para a partir daí produzir discursos contra-hegemônicos dando voz e esse grupo subalternizado.

No que se refere a categoria **Forma de Apresentação da Postagem**, encontramos:

Tabela 8 – Categoria Forma de Apresentação da Postagem

<b>Subcategorias</b>	<b>Número das ocorrências</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>NO</b>	11	41%
<b>DE</b>	5	19%
<b>RES</b>	4	15%
<b>TC</b>	3	11%
<b>TN</b>	2	7%
<b>ENT</b>	1	4%
<b>POE</b>	1	4%
<b>Total Geral</b>	<b>27</b>	<b>100%</b>

Fonte: **Dados da pesquisa**. 2021.

A subcategoria Notícia (NO) apresentou um maior número de ocorrências e, ainda que possamos aferir que o Geledés é um espaço de socialização de informações da comunidade negra, tendo como foco demandas e inquietações relativas às mulheres negras. O conteúdo, desse modo, apresenta diferentes formas de comunicação que estruturam as postagens para dar coerência aos discursos dessas mulheres e ratificar suas falas dando visibilidade ao seu protagonismo. Entretanto vale destacar que os conteúdos ultrapassam o mero fornecimento de informações acerca dos conteúdos das postagens, pois além da divulgação do evento há uma reflexão em relação aos aspectos específicos que serão discutidos de forma a potencializar a participação, chamando atenção para uma afirmação coletiva e solidária.

Para ilustrar essa categoria, segue a postagem abaixo:

## Comentários sobre a Carta de Juristas Negras na III Conferência Nacional da Mulher Advogada

11/03/2020 em [Mulher Negra](#) Tempo de leitura: 9 mins read

**Fonte:** Por Chiara Ramos, Maíra Vida e Maria Sylvia de Oliveira, enviado para o Portal Geledés



Foto: André Leonardo

O dia 06 de março de 2020 ficará marcado na história da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) como o dia em que mulheres negras se articularam para dar voz aos pleitos de equidade racial no Sistema OAB, defendendo a necessidade de uma **política institucional que, interseccionando gênero e raça, rompa com as barreiras construídas pelas estruturas do machismo e do racismo (grifo nosso)**. A mobilização das mulheres negras em rede para atuação sociopolítica e jurídica não é fato inédito, uma vez que, tanto dentro quanto fora da institucionalidade, a realidade reivindica-nos racionalidade instrumental e comunicativa e estratégias ancestrais substanciais, para que seja garantida existência, desenvolvimento, participação nas arenas decisórias historicamente defesas e não retrocesso das conquistas obtidas pelo protagonismo coletivo.. [Leia mais](#)

O exemplo acima remete a uma postagem relacionada a um evento, descrevendo com detalhes o teor e relevância desse evento para as pautas do feminismo negro. A postagem destaca a articulação das mulheres negras com o objetivo de dar voz às discussões sobre a equidade racial a partir de um olhar institucional e interseccional. Enfatiza a mobilização das mulheres negras de forma a garantir a sua visibilidade e existência em meio à alusão ao evento.

As informações contidas neste exemplo descrevem a atuação política e social na luta por espaços de poder; a importância de uma atuação coletiva para pautas que obstruam ou invisibilizem os seus espaços e a potência dessa identidade coletiva.

Destacamos nesta postagem, não somente o caráter utilitário da notícia, mas as pautas que dela emergem.

As informações das postagens então se estruturam nas formas de registro e comunicação dessas mulheres no sentido de validar e disseminar às suas lutas como um aceno para contrapor e denunciar as opressões que afetam as suas condições de trabalho e os espaços que ocupam.

Tais formas se apresentam em estruturas formais (texto científico e resenha por exemplo) ou informais (depoimentos) ou até por meio de poesia. As postagens são apresentadas como um convite à leitura dos textos considerando as suas características e função social que ocupam nos processos comunicativos.

Desse modo, as formas de apresentação também articulam o contexto de forma a produzir sentido a partir dos aspectos da linguagem.

Entendemos assim, que tais estratégias de apresentação representam estratégias de comunicação que se diversificam no sentido de atingir os diferentes públicos que acessam as informações.

Reiteramos aqui o papel do Portal Geledés nas formas de comunicar, produzir e acessar as informações, sendo essas características intrínsecas à forma de comunicação nas redes sociais. Tais características assinalam, conforme afirma Martelelo (2010) novos modos de existir dos grupos sociais que por meio da produção de informações e compartilhamento de saberes possibilitam produzir novos sentidos em meios aos processos comunicativo e demarcar outros espaços de produção de saberes alargando a compreensão do status quo instituído pelo regime de verdade instituído e vislumbrando o de outros coletivos nas redes que buscam desnaturalizar discursos hegemônicos.

Considerando as análises obtidas das postagens relativas aos conteúdos produzidos, na próxima subseção efetuamos as análises concernentes às postagens compartilhadas.

## **6.2 Análise das postagens compartilhadas**

Compreendemos a relevância da análise das postagens compartilhadas, pela expressividade em que aparecem no portal Geledés. Considerando o período estudado, a quantidade de postagens compartilhadas é significativamente maior que as postagens produzidas. Entendemos assim, a pertinência na categorização destas postagens para

que pudéssemos averiguar se os conteúdos poderiam ser aderentes ou não aos conteúdos das postagens produzidas pelo Portal. Desta forma, para analisar as postagens compartilhadas valemo-nos do mesmo percurso de categorização já descrito.

As **137** postagens compartilhadas **compuseram o corpus de análise**, tendo em vista que com este percentual de leitura (58,7%) houve o que chamamos “saturação” já apresentado no percurso metodológico.

Neste total, apresentamos as categorias de análise, bem como novas subcategorias que emergiram do *corpus* das compartilhadas, as quais descreveremos no decorrer desta seção.

Na categoria **Tema da Postagem** descrevemos as ocorrências das subcategorias:

Tabela 9 – Categoria Tema da Postagem

Subcategorias	Número das ocorrências	Porcentagem
ED	26	19%
MA	20	15%
MT	15	11%
ME	13	9%
PO	11	8%
HV	10	7%
PE	9	7%
VI	7	5%
SE	6	4%
EV	5	4%
FN	3	2%
MS	3	2%
ES	3	2%
RA	2	2%
RE	2	2%

<b>AN</b>	1	1%
<b>DH</b>	1	1%
Total Geral	<b>137</b>	100%

Fonte: **Dados da pesquisa**. 2021.

Descrevemos nesta análise, a preponderância da subcategoria Educação (ED), dados esses que se assemelham à frequência de ocorrência das postagens produzidas.

Ainda que a subcategoria Educação tenha um maior número de ocorrências, destacamos a subcategoria Mercado de Trabalho pelos recorrentes discursos das mulheres acerca dos poucos, mal remunerados e/ou subalternos espaços que ocupam e dos estranhamentos na ocupação de cargos e funções que desempenham. Ressaltamos que esta subcategoria não apresentou ocorrências nas postagens produzidas, o que revela que as informações advindas de outras fontes compartilhadas no portal apresentaram um maior envolvimento e disseminação dessa temática.

Nas postagens, além do relato das suas experiências, as profissionais no mercado de trabalho, trazem as piores ou subalternas condições e a falta de apenas de oportunidades, mas também como se veem e são vistas na sua profissão por conta de uma representação instituída na qual destacam que mulheres negras ‘não podem’ ocupar cargos de poder, porque não faz parte do “ciclo natural”.

Nesse sentido evidenciamos nos conteúdos os impactos dessas mulheres pela ausência de mulheres negras, assim como o **não reconhecimento na ocupação de espaços de poder**. Para exemplificar, apresentaremos a postagem abaixo:

## Mulher negra na liderança: racismo impede ascensão nas empresas

18/10/2019 em Mulher Negra 4 min.



Algumas pessoas ainda tentam negar e tem receio de falar, mas o racismo está presente na nossa vida cotidiana, é normalizado e reproduzido pela sociedade. **Essa realidade atinge o interior das instituições que repetem as práticas racistas**, elevando ainda mais o abismo da desigualdade racial, como apontou o estudo Panorama Mulher 2019, que traz um comparativo histórico das mulheres nos cargos de liderança das organizações no Brasil.

Por Carol Nogueira, do [Finanças Femininas](#)

O levantamento realizado pela Talenses e Insper revelou que das 415 empresas com cargo de presidente, 95% são homens ou mulheres brancas. Nas organizações com mulheres na presidência, não há nenhuma mulher negra ocupando a vice-presidência ou conselho e apenas 1% faz parte da diretoria. No país em que as mulheres negras compõem a maior parte da população, somando quase 60 milhões de pessoas, o percentual acende um alerta vermelho para a urgência de encarar e combater o racismo que se manifesta em forma de segregação, silenciamento, violência psicológica e física. Como a desigualdade racial impacta a vida da mulher negra? **Frequentemente, nós somos bombardeados pela mesma narrativa audiovisual que sempre coloca a mulher negra no papel de coadjuvante e a branca como protagonista.** Todo esse conteúdo ficcional das novelas, filmes e desenhos contribui com o imaginário de que pessoas negras não podem almejar posições mais altas, como CEOs de companhias, diretorias de bancos, entre outros. [Leia mais.](#)

O conteúdo da postagem descreve as práticas racistas presentes na vida cotidiana e reproduzidas no interior das instituições de forma a potencializar as desigualdades raciais. Apresenta dados que revelam que das 415 empresas com cargo de presidente, 95% são homens ou mulheres brancas e que não há ocupação de mulheres negras na presidência, com apenas 1% que faz parte da diretoria, mesmo que esse grupo represente a maior parte da população. O texto da postagem ainda destaca os impactos da desigualdade racial na vida da mulher negra, incluindo as narrativas audiovisuais que a colocam em papel coadjuvante, enquanto a branca como protagonista contribuindo, dessa forma, para o imaginário de que as pessoas negras não podem almejar posições mais altas. Deste modo, quando alcançam importantes cargos são alvos de

desqualificação evidenciando o racismo. As informações contidas na postagem ainda destacam a existência de mulheres negras com ensino superior e preparadas para ocupar cargos de liderança nas empresas, contudo, existe um preconceito que concebe que a mulher negra tem capacidade inferior.

Descreve ainda que a política de cotas nas universidades federais representa uma medida como forma de reparação e de possibilidades para que os negros e negras possam ter acesso à educação de qualidade. Diante desse cenário, as empresas precisam assumir a responsabilidade de mudar essa realidade a fim de reduzir a desigualdade racial, não somente nas contratações, mas criando mecanismos e treinando funcionários para receber os profissionais negros, sem confundi-lo com a pessoa da copa, da limpeza ou da segurança, de forma a incluí-los para que tenham os mesmos direitos, dignidade e respeito.

O texto da postagem evidencia o quanto o imaginário social, ainda está impregnado de preconceitos e de formatação da condição do lugar profissional das mulheres negras. Essa representação estrutura o pensamento coletivo o qual é atravessado pelas interações sociais e se revela no comportamento dos sujeitos.

Discorremos na análise desta categoria sobre a recorrência da subcategoria mercado de trabalho pela sua relevância nas discussões nas postagens acerca da ocupação de espaços pelas mulheres negras e que se materializam nas informações como um espaço de denúncia sobre as diferentes opressões sofridas. Nesse sentido, descrevemos os impactos dessas representações instituídas para os sujeitos na sua constituição, bem como os impactos na instituição.

Quando falamos de instituições, falamos de espaços legítimos de poder, os quais hierarquizam as representações sociais e naturalizam modos de vidas por meio de classificações. Neste ponto, destacamos aqui a categorização racial, a qual determina um padrão normativo para a ocupação de cargos, convencionando o que é possível ou o que é “normal” para esse padrão, o que estiver fora é excluído, apagado ou invisibilizado.

Carneiro (2019) destaca a existência de uma barreira social que coloca as mulheres negras em grande parte, no mercado de trabalho, dedicada aos serviços domésticos e quando essas mulheres conseguem investir em educação na tentativa de uma mobilidade social a fim de romper essa barreira, acabam sofrendo pelas

discriminações nos processos seletivos e nos espaços de trabalho, promovendo uma manutenção das desigualdades.

Dessa forma, podemos compreender que existe uma violência em uma outra dimensão, aquela que se evidencia no senso comum ao constatar a naturalização de lugares subalternos que essas mulheres podem ocupar e que, muitas vezes barram as suas aspirações por se perceberem únicas naqueles espaços, que por conta desse imaginário “não lhes pertence”, ou não são “merecedoras” pela sua condição etno-racial.

Os temas das postagens se caracterizam no portal como um manifesto e um alerta para a necessidade de visibilizar tais opressões que são reforçadas pelas narrativas audiovisuais e potencializam esse papel coadjuvante da mulher negra e os seus impactos na sua vida profissional.

Ao apresentarmos nas seções deste estudo as implicações das representações na vida das mulheres negras com uma intervenção na constituição de suas identidades determinando papéis construídos socialmente e os quais se propagam, estratificam-se no imaginário social e materializam-se nas representações instituídas.

Tais representações, conforme afirmam Massoni; Morigi (2018) influenciam o ser e estar dessas mulheres negras. Isso implica em um movimento de denúncia desse grupo social para garantir espaços diversos de discussão sobre a temática.

Desta forma, destacamos aqui, o propósito da plataforma, que, por meio das experiências dessas mulheres denunciam a ausência de representações positivas e que impactam nas suas relações.

Ao apresentar a categoria **Ratificação da Postagem**, elencamos os seguintes dados das ocorrências:

Tabela 10 – Categoria Ratificação da Postagem

Subcategorias	Número das ocorrências	Porcentagem
<b>NM</b>	65	47%
<b>MD</b>	25	18%
<b>ML</b>	17	12%
<b>MCC</b>	13	9%
<b>MF</b>	7	5%
<b>MD+ML</b>	3	2%
<b>MM</b>	2	1%
<b>MF+MM</b>	2	1%
<b>MCC+MD</b>	1	1%
<b>MCC+ML</b>	1	1%
<b>MF+ML</b>	1	1%
<b>Total Geral</b>	<b>137</b>	<b>100%</b>

Fonte: **Dados da pesquisa**. 2021.

A ênfase em relação aos documentos, dados e leis mostra-se bastante significativa em razão de que tais menções reforçam dados que reportam para aspectos concernentes às desigualdades e as relações de opressão sofridas por essas mulheres, denotando o quanto os marcadores sociais incidem sobre esse grupo.

O somatório entre livros/leitura e conhecimento científico (21%) também se mostra como um elemento sintomático no sentido de reforçar as formas de representação das mulheres negras, levando em conta que tais informações são compartilhadas acerca de um grupo social que tradicionalmente, e de forma preponderante, está à margem do acesso aos bens culturais e a produção do conhecimento no âmbito da academia.

Menção a Documentos/Dados/Leis (MD) foi a subcategoria com maior preponderância. Evidenciamos nesta análise, uma combinação de subcategorias que emergiram somente das postagens compartilhadas. Outro elemento a descrever nesta análise refere-se à Menção ao Conhecimento Científico que descreve questões relativas ao conhecimento científico, como estudos, dissertações, teses ou textos de caráter científico.

Esta categoria não está relacionada com as Referências Teóricas Mencionadas, pois apresentam-se em diferentes contextos, no entanto contribuem para a análise dos

conteúdos das postagens no sentido de legitimar a fala dessas mulheres, com a contribuição de dados, estudos, livros, filmes ou músicas.

No cruzamento das subcategorias Tema da Postagem e Ratificação com destaque para a subcategoria Educação (ED) que preponderou descrevemos as seguintes ocorrências: 7 (27%) com Menção ao Conhecimento Científico (MCC), 4 (15%) com Menção a Livros, 4 (15%) Menção a Documentos|Dados Leis (MD). Nas combinações dessas subcategorias elencamos: MD + ML 2 (8%), Menção a Filmes (MF) + Menção a Música (MM) 1 (4%) e MCC + ML 1 (4%) ocorrências. Analisamos essa subcategoria a partir da postagem abaixo:

## Ela milita pelo reconhecimento intelectual de mulheres negras no Brasil

23/12/2019 em [Mulher Negra](#) 3 min.



Giovana Xavier (Foto: @simonplestenjak/Reprodução/Facebook)

**A carioca Giovana Xavier, ou @pretadotora, como se autodenomina no Instagram, diz que sempre teve a sua volta mulheres negras de muita potência. Sua avó nasceu pouco depois da abolição da escravatura no Brasil e aprendeu desde cedo e sozinha a ler, escrever e trabalhar para sobreviver. Já sua mãe atuou por quase 30 anos como professora de educação básica da rede pública e tinha como alunos principalmente crianças da favela.**

Por Marcelo Testoni, do [Universa](#)

“As duas foram as minhas grandes referências. Se minha avó me incentivava a escrever, com minha mãe pude tomar gosto pela leitura e pelo estudo”, diz Giovana, que de garota do subúrbio, munida apenas de exemplos e incentivos, tornou-se historiadora e professora doutora da faculdade de educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde hoje, aos 40, também coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras. Criado por Giovana em 2014, a princípio como um encontro informal entre amigas educadoras interessadas em discutir a produção intelectual de brasileiras negras, o grupo em pouco tempo aumentou de tamanho e, em 2017, foi incorporado pela UFRJ com o objetivo de formar nessa temática alunas de graduação e mestrado. A ideia? **Que a nova geração acadêmica se empenhe em**

**manter conquistas raciais e feministas e promova ações focadas em comunidades negras.** Entre as intelectuais negras estudadas por ela e pelo grupo estão nomes como Conceição Evaristo, Bell Hooks e Azoilda Loretto da Trindade, ativista da luta contra o racismo e mentora de Giovana. [Leia mais.](#)

O texto da postagem inicia destacando a trajetória de uma mulher negra que se apresenta nas redes sociais como @pretadotora e as utiliza para descrever a influência e a referência das mulheres negras na sua família, a avó e a mãe, no incentivo à leitura, escrita e estudo, os quais a levaram a tornar-se historiadora, professora doutora e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras. O referido grupo de estudos inicialmente informal passou a discutir a produção intelectual de brasileiras negras, sendo ampliado e incorporado pela UFRJ visando formar uma nova geração acadêmica que pudesse empenhar-se na manutenção de conquistas raciais e feministas focadas em ações para comunidades negras.

Ao longo da postagem, apresenta intelectuais do feminismo negro e narra a sua trajetória acadêmica, seus estudos historiográficos sobre escravidão e o feminismo, e, seguindo nessas temáticas, com o mestrado, doutorado, posteriormente ministrando aulas na Universidade. O texto ainda destaca que os estudos que difundiram a história de protagonismo das populações negras, foram alternativas encontradas para reparar as desigualdades vividas no seu percurso de educação, especialmente nas poucas informações que se apresentavam sobre a história dos escravizados. Com isso, o acesso aos documentos foi fundamental para ampliar a percepção de si e da sua ancestralidade, contribuindo para o desenvolvimento de novas histórias e com isso inspirar uma nova geração de mulheres negras para que sigam estudando e acessem espaços acadêmicos antes não pensados por elas.

A categoria Ratificação da Postagem, evidencia-se na postagem destaca a partir da valorização dos documentos e livros como desencadeadores, não somente de um percurso acadêmico, mas também para tomada de consciência e reconhecimento da sua ancestralidade.

Aferimos que, a partir das informações contidas nesta postagem, ao mencionarem livros e o conhecimento científico por meio de estudos, essa mulher marca as possibilidades de compreensão dos fenômenos que acarretam as desigualdades e a partir daí busca alternativas ideológicas, políticas e institucionais para combater práticas

sistemáticas de opressões ou no mínimo discutir sobre as temáticas, de forma a denunciar e comunicar tais opressões.

Na medida em que descrevem as suas experiências pautadas nas desigualdades e que as levam nesse movimento de identidade coletiva e solidária vão reunindo esse agrupamento de mulheres negras para discutir a presença de marcadores que geram a exclusão, o não acesso à educação ou até mesmo a crença naturalizada dessa inacessibilidade, dá-se aí gera-se um outro movimento.

Nesse sentido, são os elementos históricos e conceituais que vão auxiliar a pensar as e as diferentes experiências de discriminações sofridas, além de outros abusos dos direitos humanos (CRENSHAW, 2002). Como aporte conceitual, a autora destaca a abordagem interseccional. Os marcadores sociais auxiliam na análise dessa perspectiva, permitindo, dessa forma, entender que quando as opressões de raça, gênero e classe se entrecruzam potencializam as exclusões e invisibilizam a identidade dessas mulheres.

São esses atravessamentos que reduzem as suas oportunidades de acesso, nos espaços acadêmicos ou posições que denotam algum tipo de autoridade ou poder. Portanto, quando as mulheres entendem como operam esses atravessamentos, passa a ter mais recursos para o enfrentamento de diversas situações de opressão.

Destacamos, a partir do conteúdo das postagens que a produção de conhecimento acadêmica, alicerçada na disponibilização de documentos como formas de acessar informações acerca da história dos negros e negras, suas ancestralidades permitem compreender o contexto das opressões sofridas e as suas intersecções para então buscar e disseminar alternativas não só de resgate das suas histórias, mas de ressignificação do seu lugar.

Relativo à **Forma de Composição da Postagem**, das 137 compartilhadas apresentamos as incidências das combinações das subcategorias

Tabela 11 – Categoria Forma de Composição da Postagem

Subcategorias	Número das ocorrências	Porcentagem
<b>TE+IM</b>	121	88%
<b>TE+M+VID</b>	12	9%
<b>TE+IM+LI</b>	3	2%
<b>TE+IM+AU</b>	1	1%
<b>Total Geral</b>	<b>137</b>	<b>100%</b>

Fonte: **Dados da pesquisa**. 2021.

Assim como nas produzidas, verificamos que todas as postagens compartilhadas contam com a composição de texto e imagem, o que demonstra um compartilhamento de informações próprio de uma cultura típica da web. Essas informações demonstram diferentes formas de se comunicar e se relacionar com o público aderente a determinadas temáticas

Destacamos ainda, que as diferentes linguagens comunicacionais expressam outras formas de manifestação dos discursos contido nos conteúdos das postagens, bem como permitem um acesso não linear às informações oferecendo múltiplas possibilidades de se chegar ao conteúdo a partir de outras fontes de informação.

Descrevemos aqui um exemplo para ilustrar a composição das subcategorias Texto (TE), Imagem (IM) e Áudio (AU) em uma entrevista com a pesquisadora e intelectual Sueli Carneiro. A postagem não apresenta o conteúdo na íntegra, mas indica, no entanto, o podcast com a entrevista na sua totalidade. Nesse sentido, o podcast representa parte do conteúdo. Abaixo segue o post para ilustrar a composição do conteúdo.

## Não dá para falar de feminismo sem a mulher negra, diz Sueli Carneiro

16/11/2019 em [Mulher Negra](#) Tempo de leitura: 2 mins read



Sueli Carneiro, doutora em filosofia da educação e ativista, na Redação da Folha – Zé Carlos Barretta/Folhapress

### No podcast, a intelectual e ativista fala sobre a asfixia social que sofrem as negras no Brasil

Por Walter Porto, Da [Folha de S.Paulo](#)

Doutora em filosofia da educação pela USP, Sueli Carneiro é uma das principais intelectuais brasileiras, com estudo robusto e pioneiro sobre a articulação das questões de raça e gênero no Brasil. Sueli é a convidada desta quinzena do podcast Ilustríssima Conversa. Ela teve alguns de seus principais textos reunidos pela primeira vez de forma ampla em “Escritos de uma Vida”, livro organizado por Djamila Ribeiro e editado neste ano pela Pólen.

Tocador de áudio

00:00  
00:00

Use as setas para cima ou para baixo para aumentar ou diminuir o volume.

Sueli falou ao podcast sobre a asfixia social que estrangula as mulheres negras no país, discutiu o que mudou ao longo das últimas décadas (e o que permanece igual) e comentou as dificuldades que teve ao empreender pesquisa sobre esse assunto durante sua carreira. “O feminismo hoje passa necessariamente pelo debate sobre a questão das mulheres negras no Brasil. **É impossível tratar do tema da emancipação das mulheres sem tratar da temática negra**”, afirma Sueli. “As mulheres negras, por força da exclusão que sofrem, são lideranças do feminismo brasileiro hoje, acredito que inequivocamente, até porque somos o segmento que mais tem a cobrar.” Além do link acima, a Ilustríssima Conversa pode ser acessada nos principais sites e aplicativos de podcasts, como Stitcher e o Spotify, ou direto pelo app Podcasts, que já vem instalado em iPhones. O ouvinte pode se inscrever e assinar o podcast —sem qualquer custo—, passando assim a receber alertas quando novos episódios são publicados. [Leia mais.](#)

A postagem acima nos remete a compreensão do assunto que compõe o podcast. No início da postagem há uma apresentação da intelectual Sueli Carneiro, sua formação, estudo e pioneirismo nas temáticas relacionadas ao gênero e raça no contexto brasileiro. Segue descrevendo ao longo da postagem as pesquisas, os elementos conceituais e as afirmações sobre a temática do feminismo negro remetendo com frequência ao podcast,

que nesta postagem, torna-se substancialmente relevante para compreender o teor do conteúdo, uma vez que a entrevista se apresenta na íntegra neste áudio.

A postagem ao se fundamentar na combinação entre texto, imagem e áudio mostra que a pluralidade de hipermídias utilizadas se consagra como alternativa de representação das mulheres negras na plataforma, o que remete a um híbrido entre práticas tradicionais e práticas alternativas de compartilhamento de informações. Isso porque o compartilhamento de informações se constitui em uma alternativa coletiva de ampliar a participação das pessoas, seja no acesso às informações, seja nas estratégias de distribuição, de forma que os sujeitos possam interagir e colaborar nas plataformas digitais.

A imagem nesta postagem denota a imagem de uma pessoa séria, sendo a pesquisadora e complementando o discurso acadêmico do texto em que já ressalta logo no início a titulação da professora Sueli Carneiro. O que podemos aferir como elemento de projeção das representações sociais enquanto referência para outras mulheres negras.

Destacamos nesta análise, a indissociabilidade entre texto e imagem apresentadas em todas as postagens, ampliando para combinação de áudios, revela uma articulação entre emancipação feminina, no sentido de projetar outras imagens dessas mulheres coerentes com os seus discursos, especialmente no que tange as manifestações nas informações compartilhadas sobre gênero e raça, as quais validam a formas de representação a partir do seu olhar.

A diversidade de elementos que caracterizam o conteúdo das diferentes postagens demonstra que a forma como são representadas as mulheres depende da ênfase dada a cada linguagem em virtude do uso da hipermídia, neste exemplo, o podcast. O próprio conteúdo coaduna com a prática informacional por meio do uso de mídias que se configuram em um aceno para a validação das práticas de compartilhamento de informações

Entendemos que as práticas informacionais são práticas sociais, conforme destaca Savolainen (2007) que considera que as informações são constituídas histórica

e socialmente se desvelando na construção coletiva desses sujeitos, podemos afirmar que tais interações sociais se revelam na forma e nos recursos utilizados para se comunicar e as imagens, por sua vez denotando a forma como querem ser apresentadas e visibilizadas.

Nesse sentido, as práticas informacionais mediadas na plataforma digital são facilitadas pelos diferentes recursos possibilitados pelas hipermídias. Inferimos, portanto, que as relações entre os sujeitos e as informações vão considerar o contexto deste sujeito, as diferentes formas de se relacionar e de interagir com a informação.

Na categoria **Referências Teóricas Mencionadas** apresentamos as seguintes ocorrências:

Tabela 12 – Categoria Forma de Composição da Postagem

Subcategorias	Número das ocorrências	Porcentagem
NA	97	71%
RI	38	28%
RTE	1	1%
RTE+RI	1	1%
<b>Total Geral</b>	<b>137</b>	<b>100%</b>

Fonte: **Dados da pesquisa**. 2021.

Tais referências são indicadas como forma de relacionar as experiências aos conteúdos teóricos e autores que se apresentam.

Identificamos 151 referências aos autores na descrição das 137 postagens compartilhadas. Deste total, 126 mulheres e 25 homens. O que denota que a prevalência de estudiosas e teóricas citadas nas postagens. Verificamos nesse coletivo, a preponderância de ocorrências de citação das seguintes autoras: Sueli Carneiro (13), Conceição Evaristo (8), Djamila Ribeiro (6), Patricia Hill Collins (5), Angela Davis (5), Carolina Maria de Jesus (5) e Grada Kilomba (5). As postagens citam os autores em diferentes momentos e situações. Selecionamos uma postagem para exemplificar como as referências se apresentam no conteúdo, destacado a seguir:

## Legado vivo: trançar o cabelo é mais do que um código estético

04/03/2020 em **Mulher Negra** 6 min.



Legado vivo (Foto: Ilustração: Vanessa Ferreira - Preta Ilustra)

**Para a população negra, trançar o cabelo é mais do que um código estético, é herança de uma história de resistência, resiliência e ancestralidade, passada entre mulheres, geração após geração. Aqui, a repórter Priscilla Geremias conta de sua experiência com o penteado e de sua busca por saber mais sobre sua tradição**

Por Priscilla Geremias, da [Marie Claire](#)

Fiz tranças soltas pela primeira vez em 2017, quando estava no fim de um processo de transição capilar. Tinha medo de assumir os cachos de uma vez e mal lembrava a textura dos meus fios. Acompanho blogueiras negras no Instagram e You Tube e, por causa delas, fiquei sabendo de uma técnica para enfrentar essa fase: tranças. “Elas ajudam no crescimento e protegem o cabelo”, diziam. Convencida, pedi indicação de trancistas a uma amiga e fui ao encontro da profissional munida de uma referência: tranças coloridas que a influenciadora Josy Ramos já tinha usado. O penteado foi feito na sala da casa da cabeleireira Bia Soll, na zona sul da cidade de São Paulo, a uma hora de carro da minha. O processo todo levou cerca de sete horas, com uma pausa rápida para o almoço. Enquanto ela trançava extensões roxas nos meus fios, assistimos à série CSI: Miami, falamos de suas viagens com o filho adolescente, de música e cuidados com meu novo cabelo. Ser trancista é a única ocupação de Bia, que faz em média cinco penteados só aos fins de semana. Quando terminamos tudo, fiquei impressionada: a partir dali eu tinha tranças longas e roxas, além de uma leve dor no couro cabeludo. [Leia mais.](#)

O texto da postagem descreve a importância de resgatar o legado e a ancestralidade da população negra. A autora descreve a sua história de construção de identidade, por meio da iniciativa de transição para os cachos com uso de tranças e essa escolha fez com que pesquisasse sobre o legado das tranças, a partir de uma perspectiva histórica das ancestralidades. Nesse percurso de pesquisa encontrou uma dissertação de mestrado que versou sobre a cultura de trançar os cabelos entre os negros em que destaca que ato de trançar é uma das práticas de afirmação da identidade feminina negra que ressignifica os padrões de beleza, com um novo olhar para imagem

que se perpetuava em relação aos cabelos e penteados afros. Trata-se, para nós, de um embate discursivo frente à representação social pré-construída da beleza, sua desnaturalização e problematização acadêmica.

A repórter ainda relata a importância das tranças para a população negra, como uma forma de romper com estereótipos do cabelo por meio de uma reconciliação com a sua negritude.

A postagem segue referindo a obra de Grada Kilomba “Memórias da Plantação” em que aborda as estruturas do racismo a partir de um mau estereótipo conferido ao cabelo afro. As mulheres negras eram pressionadas a alisar os fios para apagar os sinais da negritude e diante dessas violências o cabelo afro tornou-se um importante instrumento de consciência política, comunicando um fortalecimento racial e um protesto contra a opressão. Ainda cita a antropóloga Nilma Lino Gomes, autora da obra “Sem Perder a Raiz” e que destaca que não identificamos em qual momento histórico as tranças começaram a ser utilizadas pelos africanos, mas são apresentadas em diários e cartas a beleza dos penteados e os quais atualmente são reconhecidos como estilo. Historicamente representavam mapas de fuga dos escravizados e rotas nos cabelos que estabeleciam códigos ocultos para interpretar o guia formado por nós e tranças e os quais marcavam os pontos de encontro.

Esse conteúdo escolhido denota de forma clara, os diferentes momentos e descrições de situações nos discursos dessas mulheres em que marcam a partir das referências e suas respectivas leituras a constituição de uma identidade, assim como no desejo e na luta pela desnaturalização das opressões que se entrecruzam por meio da menção a autores e obras que consolidam as suas representações através de conteúdos específicos.

Inferimos, para tanto que a partir do exemplo, as referências mencionadas se caracterizam como uma busca fortalecer a sua constituição enquanto sujeito, assim como um caminho para a descoberta da sua ancestralidade. Ao se valer de tais referências há um confronto discursivo sobre o padrão de beleza, incorporados nos padrões normativos acerca do que está ou não aceito como padrão estético e amplia-se para o reconhecimento das ancestralidades e de um movimento que se instala também como um lugar de resistência. Dessa forma, o padrão de beleza ultrapassa o sentido

meramente estético da questão ao perceber-se em meio às discussões que “escavaram” e reconduziram as experiências da ancestralidade.

Sendo assim, o conjunto de Informações materializam as representações em prol um ideário que naturalizou e invisibilizou por muito tempo a identidade deste coletivo feminista negro, uma vez que os discursos dominantes negaram essas histórias e narrativas nos documentos e nas formas de comunicação conferindo a esse grupo uma marca balizada em estereótipos e estigmas que entalharam na memória coletiva os marcadores sociais da diferença e negação da beleza.

Como destaca Santos; Dias (2015), acenam para elementos importantes no entendimento das construções sociais e na contribuição da formulação de novas hipóteses sobre as suas representações sociais.

Desta forma, a Teoria das Representações Sociais permite um olhar diferenciado para o individual e o coletivo naquilo que foi ou não convencionalizado.

Assim, o padrão estético também se apresentou na postagem como um elemento imposto e cristalizado no imaginário social, destituindo dessas mulheres o direito de constituir o seu padrão de beleza.

Na categoria de análise **Tipo de Autoria** descrevemos as seguintes ocorrências: do total das 137 postagens compartilhadas:

Tabela 13 – Categoria Tipo de Autoria

Subcategorias	Número das ocorrências	Porcentagem
<b>AI</b>	101	74%
<b>AIN</b>	31	23%
<b>AC</b>	5	4%
<b>Total Geral</b>	<b>137</b>	100%

Fonte: **Dados da pesquisa**. 2021.

As autorias para este corpus correspondem aos produtores das postagens, mas que também foram compreendidos como interlocutores no compartilhamento de informações e que enviam as matérias para as mídias as quais têm algum tipo de vínculo. Foi possível verificar nas análises que embora sejam produtores do conteúdo, não são os únicos sujeitos que falam. Na presença desse interlocutor há um sujeito que fala sobre as mulheres negras a partir das suas experiências, sentimentos e identificações.

Descrevemos neste cruzamento com a categoria **Gênero Referido** que, na presença desses atores, falam junto aos interlocutores. Neste recorte, encontramos as seguintes ocorrências:

Tabela 14 – Categoria Gênero Referido

Subcategorias	Número das ocorrências	Porcentagem
<b>FEM</b>	99	72%
<b>GNI</b>	31	23%
<b>MAS</b>	6	4%
<b>FEM + MASC</b>	1	1%
<b>Total Geral</b>	<b>137</b>	100%

Fonte: **Dados da pesquisa**. 2021.

Constatamos, com isso, que a preponderância de autoria ainda individual, dos autores das postagens enquanto interlocutores, mas também de falas dos envolvidos na postagem com predominância de autoria feminina. Com isso, podemos aferir que as mulheres estão ocupando esse espaço do Portal para falar das suas experiências e vivências. Nessa conjunção, apresentamos o cruzamento das categorias Tipo de Autoria x Gênero Referido:

Tabela 15 – Cruzamento das Categorias Tipo de Autoria x Gênero Referido

Subcategorias	Número das ocorrências	Percentual/Gênero relativo ao Tipo de Autoria
<b>AI</b>	<b>101</b>	
<b>FEM</b>	76	75%
<b>GIN</b>	12	12%
<b>GNI</b>	7	7%
<b>MAS</b>	6	6%
<b>AIN</b>	<b>31</b>	100%
<b>FEM</b>	20	65%
<b>GNI</b>	11	35%
<b>AC</b>	<b>5</b>	100%
<b>FEM</b>	3	60%
<b>FEM + MASC</b>	1	20%
<b>GNI</b>	1	20%
<b>Total Geral</b>	<b>137</b>	<b>100%</b>

Fonte: **Dados da pesquisa**. 2021.

No referente às postagens compartilhadas, na subcategoria Autoria Coletiva, encontramos a combinação das subcategorias do gênero feminino e masculino. Nesse grupo uma autoria mista. Nesse quantitativo, os gêneros não identificados se fizeram presentes somente nas autorias institucionais e coletivas. Isso nos faz crer que as autorias individuais expuseram as identidades.

Vamos exemplificar a partir de uma postagem, na qual podemos identificar a o autor com o papel de interlocutor e as experiências da pessoa envolvida na descrição das informações:

## A mulher negra que desafia o capital imobiliário

17/03/2020 em **Mulher Negra** 20 min.



Imagem retirada do site [Outras Palavras](#)

**História de Carmen Silva, líder sem-teto em SP, perseguida implacavelmente. Viveu na clandestinidade e teve filhos presos. Denuncia aluguéis abusivos no Centro, mas também ousa: das moradias insurgentes virão soluções para Habitação**

Por Rôney Rodrigues, do [Outras Palavras](#)

### **Pela janela do apê**

Engaiolada em um apartamento estranho, rememora Carmen Silva Ferreira, 59, a janela é praticamente seu único contato com o mundo. Vista do alto, a paisagem é calma: o nublado céu paulistano; prédios e mais prédios; algumas casinhas; ruas e avenidas emoldurando quarteirões; carros, muitos carros, caminhões e pessoinhas, tudo em miniatura, circulando. Por um instante, pouco lembra a cidade desigual e cruel que a líder do Movimento dos Sem-Teto do Centro (MSTC) denuncia há quase 30 anos. Por 74 dias, entre 24 de junho e 3 de outubro de 2019, essa mulher negra e nordestina, que chegou a viver na rua de São Paulo antes de se tornar uma das principais lideranças de luta por moradia do país, esteve clandestina. Com o coração quase saltando à boca, abrigou-se em aparelhos, termo usado para designar o refúgio de organizações políticas durante a ditadura militar – e, agora, novamente em voga nos movimentos sociais. “Eu nem conhecia essa palavra, só fiquei sabendo de aparelho com essa história toda”, ri de sua surpresa. [Leia mais.](#)

A postagem retrata a trajetória de uma mulher negra, líder sem-teto e que mobiliza grupos para garantir moradia daqueles que não tem onde morar. Foi moradora de rua por 74 dias antes de se tornar uma liderança pela luta de moradias. Presa e perseguida como pertencente a uma facção criminosa e optando por não se apresentar à justiça teve a casa revistada e os pertences apreendidos vivendo como fugitiva em casas alheias. As informações contidas na postagem ainda descrevem aspectos políticos e econômicos que levam ao abandono dos prédios e como se constitui o processo de “invasão” que inicia na identificação de prédios vazios, ociosos, com documentação irregular pertencentes a empresários falidos, órgãos públicos, heranças esquecidas ou em litígio.

A postagem ainda apresenta o público atingido por essas ações que são pobres e negros, desempregados ou informais, que já viveram nas ruas ou em albergues, mulheres e filhos vítimas de violência doméstica, ex-moradores de áreas de riscos, despejados, pessoas que não podem pagar aluguéis abusivos e que por conta dessas ações de reivindicação de direito à moradia, passam a acessar serviços sociais como Saúde e Educação, além de oportunidades para trabalhar, seja informalmente ou com mais chances em entrevistas de emprego pelo fato de terem uma moradia fixa.

Por outro lado, enfrentam questões como reintegração de posse, muitas vezes, sob violenta intervenção policial, empecilhos para a regularização de abastecimento de água, denúncias de tráfico de drogas no prédio ou lugar de refúgio de assaltantes, além do preconceito das vizinhanças no entorno.

A liderança nas ações e no pleito por políticas públicas, possibilitou que conhecesse diversas histórias semelhantes à sua e que a levou a fazer parte do Movimento de Luta Social por Moradia (MLSM) e, conseqüente perseguição, tanto política, quanto da especulação imobiliária abalando o movimento. Após esses conflitos retomou e segue na luta pela moradia dos sem-teto.

Observamos que o conteúdo desta postagem inicia a partir de uma narrativa em que o autor se autodenomina como interlocutor e apresenta o contexto em uma perspectiva de narrativa desta personagem, com a riqueza de detalhes nas suas experiências.

Podemos evidenciar o que caracteriza o tipo de autoria das postagens compartilhadas, o que se diferem, nesta categoria, das postagens produzidas.

Percebemos neste conteúdo a demarcação deste sujeito que fala a partir do seu lugar, enquanto interlocutor e, uma mulher negra que narra a história da sua falta de moradia e de tantos outros com quem conviveu, além da perseguição causada por fazer parte desse movimento.

Nessa combinação de categorias, consideramos a participação de um autor (gênero masculino) responsável pela publicação e está incluído na categoria tipo de autor e o objeto do conteúdo da postagem que ora descreve as suas experiências (gênero feminino).

Essa relação entre o sujeito que fala e o interlocutor, evidencia a representação sobre os sujeitos a partir de lugares, mesmo com um olhar empático e solidário, o interlocutor busca, inclusive, extrair os sentimentos a partir das narrativas de seu personagem.

Tal ação de compartilhamento de informações evidencia, portanto, as diferentes possibilidades de representação dessas mulheres, considerando as construções discursivas a partir de diferentes olhares. Nesse sentido, podemos assinalar alguns aspectos atinentes aos conceitos referentes ao lugar social, de quem vive e quem ouve, ora permitindo que a mulher fale por si, ora descrevendo suas condições sócio-políticas, econômicas ou históricas a partir do seu lugar de fala (de alteridade e solidariedade), que de acordo com Ribeiro (2019) as informações são emitidas a partir do lugar ao qual pertencemos, isso vale considerar as nossas referências, experiências e contextos, seja a partir de notícias, depoimentos, relatos dentre outras manifestações.

Nessa perspectiva, encontramos dois sujeitos falando a partir desses lugares enquanto lugar de resistência, mesmo que com diferentes experiências, mas que busca marcar a identidade deste coletivo, balizado nas experiências, lutas e vivências dessas mulheres e de forma solidária denunciar um sistema opressor e se valendo do compartilhamento dessas histórias para instaurar espaços de resistência.

Dessa forma, podemos assinalar que as condições sociais, que de modo geral, se por um lado impedem à população negra o acesso a determinados espaços e acaba por legitimar a sua existência e identidade solidárias, permitem, quando percebidas como excludentes ou violadoras de direitos, contrapor os inúmeros silenciamentos causados pelos discursos hegemônicos dando a conhecer um outro lado da história.

Na categoria **Forma de Apresentação da Postagem** descrevemos as seguintes ocorrências:

Tabela 16 – Categoria Forma de Apresentação da Postagem

<b>Forma de Apresentação da Postagem</b>	<b>Número de Título da postagem</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>NO</b>	68	50%
<b>ENT</b>	29	21%
<b>DE</b>	19	14%
<b>TC</b>	10	7%
<b>RES</b>	7	5%
<b>TN</b>	2	2%
<b>ENT + NO</b>	1	1%
<b>TC + POE</b>	1	1%
<b>Total Geral</b>	<b>137</b>	100%

Fonte: **Dados da pesquisa**. 2021.

Semelhante aos dados da forma de apresentação das postagens produzidas, a notícia se destacou como a subcategoria com maior ocorrência. Outro dado a ser apreciado é que nesta categoria tivemos uma combinação de subcategorias Texto Científico (TC) + Poesia (PO). Nesse momento, também notabilizamos a presença da produção do conhecimento científico aliado às manifestações artísticas nas informações contidas nas postagens. Isso está presente tanto nas postagens produzidas, quanto compartilhadas.

O fato de que a notícia se caracteriza como uma informação utilitária, a postagem expressa outras formas comunicativas para a ampliação das informações sobre a representação dessas mulheres.

Embora a subcategoria Entrevista não tenha uma preponderância, destacamos a postagem mais representativa em relação às mulheres negras, concernente a esta categoria para discutir acerca do conteúdo apresentado.

## Feminismo precisa ser cuidadoso para não ‘perder sentido’, diz Patricia Hill Collins

27/10/2019 em [Mulher Negra](#) 13 min.



Patricia Hill Collins (Foto: Julia Dolce)

**Socióloga e influente autora feminista está no Brasil para o lançamento de “Pensamento Feminista Negro”, sua primeira obra, lançada originalmente em 1990.**

Por Andréa Martinelli, do [Huffpost Brasil](#)

Durante boa parte do século 20, o movimento feminista não abraçou questões enfrentadas por grande parte das mulheres no mundo. “O feminismo tem sido muito sobre ‘feminismo branco’ e hoje existe uma luta para que ele não seja só isso”, afirma **Patricia Hill Collins**, 71, socióloga e professora da Universidade de Maryland, nos Estados Unidos, em entrevista ao HuffPost Brasil. Collins está no Brasil para lançar o livro *Pensamento Feminista Negro – conhecimento, consciência e a política do empoderamento* — que só em 2019, três décadas depois de sua primeira publicação, em 1990, ganhou tradução para o português, pela editora Boitempo. Ela recebeu a reportagem na semana passada, em São Paulo, durante intervalo em sua agenda no País. “Nós não deveríamos precisar ser a **Michelle Obama** para que nossos livros fossem publicados”, critica Collins, que é nascida na Filadélfia, na Pensilvânia, é filha de pai operário e mãe secretária. “Mulheres negras não se encaixam no perfil daqueles que deveriam ser espertos, competentes e talentosos.” [Leia mais.](#)

O conteúdo da postagem apresenta uma entrevista com a socióloga e autora feminista Patrícia Hill Collins, que veio ao Brasil para o lançamento da obra “Pensamento Feminista Negro” na sua tradução para o português. Collins, primeira mulher negra a presidir a Associação Americana de Sociologia (ASA). Reforça na entrevista um olhar para a abordagem interseccional. Afirma que o feminismo negro não se trata de um desdobramento ou resposta para o feminismo branco, mas nas experiências de sobrevivência destas mulheres ao longo da história da humanidade e lança um olhar cuidadoso para a popularização do feminismo negro. Em sua entrevista explica o

conceito de “imagens de controle” apresentado em sua obra e quanto essas ideias afetam o comportamento das mulheres negras a partir da internalização de estereótipos e como usam para construir a sua realidade.

O texto da entrevista ainda descreve que todos têm imagem de controle e, que ao acreditar nessas imagens, agem de acordo e conectam com a forma que se relacionam com o mundo, mesmo que bastante conscientes acerca do conjunto de imagens de controle, pode não ser, necessariamente consciente de outras.

O conteúdo apresenta um olhar para as especificidades das mulheres negras da classe trabalhadora e das diferentes experiências sobre o feminismo negro nos Estados Unidos e no Brasil. Descreve ainda o processo eleitoral nos Estados Unidos que impactou o contexto das mulheres negras. Faz referência a Sueli Carneiro em sua obra e destaca que o fato da ausência de mulheres negras em espaços intelectuais representativos impede a garantia de publicações de teóricas do feminismo negro, para justificar o tempo entre a publicação da obra e a tradução para o português.

A entrevista aponta em seu conteúdo conceitos abordados no feminismo negro, e demonstra o quanto as práticas de compartilhamentos de informações balizam-se em estudos acadêmicos para discutir tais fenômenos, não somente nas ações de militância, mas como conteúdo de formação para a compreensão de que o pensamento feminista negro quer trazer à tona as especificidades das mulheres negras por conta de um atravessamento de opressões. A interseccionalidade, apresentada por Crenshaw (2002), é retomada por Collins na entrevista e em suas obras, assim como é abordada por Carneiro (2019) e Akotirene (2018) e permite compreender as dinâmicas discriminatórias estruturadas pelo racismo e que subalternizam as mulheres pela raça, gênero e classe.

As diferentes formas de apresentação das postagens contribuem para validar que diferentes recursos de comunicação podem ocorrer no mesmo espaço com diferentes intenções comunicativas.

Foi possível averiguar nesta categoria, que mesmo com funções textuais diferentes, os temas são recorrentes, conforme já apresentado na categoria tema da postagem e apresentam um objetivo comum em traçar as pautas que emergem da teoria feminista negra.

Ademais, o número expressivo da subcategoria notícia no compartilhamento de informações denota a intencionalidade do portal em apresentar temáticas que se manifestam no cotidiano e que em diferentes mídias são veiculadas informações acerca da produção de conhecimento, das intelectuais que articulam a abordagem interseccional e os impactos no cotidiano dessas mulheres, como oportunidade de discussão e reflexão.

A forma de apresentação demonstra os condicionamentos científicos, artísticos, formais ou informais das postagens compartilhadas que manifestam diferentes tipos de linguagem com o propósito de compreender conceitos, elementos e discursos contidos nas informações. Essas dinâmicas impactam no empoderamento, na visibilidade e na identidade dessas mulheres.

Podemos inferir ainda, o papel da linguagem na forma de apresentação das postagens que age na constituição dos sujeitos, pois a linguagem é compreendida como produção de sentidos.

Isso significa afirmar que as formas como as postagens se apresentam interferem nas relações sociais, reiterando como já afirmamos em capítulos anteriores que as práticas informacionais são entendidas como práticas sociais e partindo da análise das postagens, evidenciam-se aqui as práticas como objeto de luta, reguladas por esse regime de autoridade discursiva (FOUCAULT, 2004; RIBEIRO, 2019).

Dessa forma, compreendemos que esses sujeitos (mulheres negras) percorre os seus trajetos históricos, buscam a fundamentação através da sua ancestralidade, reconhecem a sua identidade negra, incorporam nas suas subjetividades e materializam nas informações sobre as suas experiências nesse processo de compartilhamento reafirmando a partir de recursos de validação.

Por fim, defendemos neste estudo, a partir da análise das postagens que os conceitos, elementos e discursos se manifestam por meio das informações que dão a conhecer a intelectualidade das mulheres negras e a produção de conhecimento que denuncia as práticas racistas e sexistas e anunciam uma representação positiva.

E dessas práticas, essas mulheres evocam um lugar de representação balizado na produção acadêmica e nas manifestações de luta e resistência e tais lutas se concretizam na forma de produzir conteúdos, no anúncio de uma representação positiva

e na denúncia das opressões sofridas e que se formam nas práticas cotidianas, nas relações de afeto e nos espaços de atuação.

A análise do conteúdo nos permitiu apontar e confrontar os discursos produzidos nas postagens de forma a relacionar com o referencial teórico abordado.

No total das 164 postagens produzidas e compartilhadas, os marcadores sociais de raça, classe e gênero apresentaram-se de forma explícita no conteúdo das postagens evidenciando os atravessamentos que subjagam as mulheres negras e condicionam-nas a vivenciar as discriminações de forma muito específica e sistemática.

É no conjunto de informações materializadas no relato de experiências, nos estranhamentos e nas indignações que arrolam, as mulheres negras explicitam esses marcadores que agem nos seus cotidianos. Na pesquisa, capturar esses marcadores nos auxiliam na análise da abordagem interseccional e servem ao mesmo tempo para demarcar a sua condição de (des)humanização naturalizando as práticas discriminatórias.

A sobreposição das discriminações afeta de forma violenta as mulheres negras e as mantém em uma situação desigual criando “barreiras sociais” (CARNEIRO, 2019) que destituem os seus direitos, em especial o direito de existir.

Destacamos, neste estudo, o quanto o entrecruzamento de opressões que institucionalizam as relações se evidenciam em uma representação social instituída a partir de imaginário coletivo que coaduna com essas práticas discriminatórias interseccionais naturalizando o lugar de subalternidade das mulheres negras.

Podemos apontar, a partir da análise das informações contidas nas postagens as opressões e diferentes formas de violência que perpassam a vida dessas mulheres e que constitui uma representação social que conformam imagens, ideias e palavras e estruturam o pensamento coletivo.

As violências que aconteciam no período colonial foram ressignificadas, tomaram novas formas, no entanto, a manutenção da estrutura racista (bem como machista e patriarcal) permanece e se concretiza nas falas de senso comum, nas imagens, na comunicação, na organização do trabalho e como destaca Carneiro (2019, p. 375) “vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social

supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão”.

Sentimos essas violências no campo profissional, educacional, na saúde, nas relações socioafetivas e tais opressões são potentes quando manifestas e violentas quando implícitas. E são elas que demarcam os espaços sociais indicativos a um lugar social, o lugar do não existir, do não falar legitimado.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui efetivado analisou as postagens relativas às categorias "Questões de gênero" e "Mulheres negras" no Portal Geledés – Instituto da Mulher Negra. Como supramencionado na introdução desta pesquisa, o fato de a autora ser uma mulher assujeitada em uma matriz em que se cruzam interseccionalmente pelas questões de raça, gênero e classe, implicou na intencionalidade em compreender as práticas informacionais nesse espaço contradiscursivo pela necessidade de compreensão desse lugar imposto estruturalmente e naturalizado socialmente.

Essa compreensão deu-se em dois aspectos fundamentais. No primeiro eixo no entendimento de como essa estrutura constituiu-se historicamente e materializou-se por meio das representações sociais. No entremeio desse imaginário coletivo, essa matriz sobredetermina e institui a mulher negra em um não lugar social, em lugar de não pertencimento cidadão, não merecimento ao cuidado e à educação, ao desejo, ao sonho e à felicidade, cruzamento perverso que gera invisibilidade e subjugação, deprime e adoce as mulheres negras. A partir desse eixo de preocupações ou metas, destaca-se aqui o segundo aspecto fundamental: as postagens analisadas no portal buscam compreender que essa representação instituída pode ser rompida através da denúncia dessas opressões e do anúncio de uma representação positiva. A consciência dessas questões pelas lideranças do Portal anima - dá alma e sentido - aos processos de interação por meio da informação, a fim de que as mulheres negras se deem conta ou se percebam nesse lugar, subvertam-se, em um modo foucaultiano, causem a desordem do sistema.

Dessa forma, o espaço de escrita materializado nesta dissertação também se constituiu em lugar de fala, de manifesto, de denúncia e anúncio dessas opressões sofridas. Analisar as postagens e a forma como essas mulheres relatam as suas experiências de opressão e de sucesso em meio às adversidades pelas suas condições de serem mulheres negras mobiliza para a importância de discutir as representações sociais relativas a esse grupo social no portal Geledés.

Caracteriza-se também como um empreendimento que buscou compreender, sob a égide da Ciência da Informação, apoiado no paradigma social da informação, as práticas informacionais que consideram as subjetividades e os saberes desses sujeitos informacionais por meio da produção e compartilhamento da informação na web.

Sendo assim, as discussões foram fundamentadas a partir da Teoria das Representações Sociais. Adotamos como referência migratório-conceitual as noções de interseccionalidade e lugar de fala, advindas do Feminismo Negro, em virtude de que é necessário que tais concepções sejam balizadoras de interpretações tendo em vista que as práticas informacionais se constituem como práticas sociais.

Ao compormos um processo exploratório na web no que tange a plataformas (espaços virtuais) de manifestação de mulheres negras evidenciamos um espaço não somente de partilha, mas de proposição de novos discursos em que permite falar daquilo que então era silenciado, as vozes das mulheres negras se fazem presentes, ao narrar as suas experiências, também narram a experiência do outro, ou da outra que se submeteu, foi subjugada e em um relato de afirmação da identidade consegue firmar nesse espaço coletivo e transversal uma identidade coletiva e solidária, de forma a dar visibilidade àquilo era invisível aos olhos de grupos hegemônicos.

Desta maneira, os novos modos de (re)existir se afixam nesses espaços de produção de saberes legitimando as suas falas, problematizando pautas políticas e sociais, instaurando novos coletivos, visibilizando narrativas e questionando as relações hierárquicas estabelecidas. Assim, a web teve grande contribuição para oportunizar a consolidação da comunicação de coletivos feministas.

Identificamos a atuação do portal Geledés como um espaço que objetiva a produção, o compartilhamento e a disseminação de informações sobre as temáticas de raça e gênero conformando-se um contexto social, cultural, educacional político e econômico, de forma a comunicar, instrumentalizar e empoderar as comunidades negras.

O percurso exploratório teve como referência inicial a observação espontânea na web a fim de caracterizar o processo de produção e compartilhamento das informações na forma de representação dessas mulheres, o que nos levou a realização das etapas balizadas na análise de conteúdo (BARDIN, 2016), realizando diferentes momentos de leitura flutuante em um processo contínuo de reanálise e leitura das postagens.

Compreendemos que o processo de exploração desse material contribuiu para a ampliação das categorias e as quais servirão para outros estudos sobre as mulheres negras no ambiente web.

Foi possível identificar provenientes das observações e da leitura flutuante que no portal as informações estavam fundamentadas em dois conceitos balizadores aos estudos de usuários da informação: produção e compartilhamento de informações. Nesse processo, considerando as escolhas metodológicas, o *corpus* da pesquisa foi dividido em postagens produzidas para o Portal e compartilhadas no portal em que evidenciaram formas de interação desses sujeitos na web, com o uso de diferentes recursos hipermediáticos como possibilidade de ampliar e validar os seus discursos, partindo das suas experiências e diferentes relatos, fossem depoimentos, notícias, entrevistas, entre outros. A forma de manifestação se dá utilizando também outras linguagens comunicacionais como a poesia, a música, a composição de vídeos e o uso de links e hiperlinks como alternativa de ampliação do conhecimento relativo às temáticas abordadas no portal, nas categorias já citadas. Ademais, as citações de referências, sejam livros, teóricos ou teorias para ratificar as suas falas também compuseram as suas descrições.

Um estudo preliminar foi proposto como forma de validar, anteriormente ao exame de qualificação, os procedimentos e análises adotadas então deram-se nas análises iniciais das 27 postagens produzidas, identificando categorias que emergiram desse corpus e sendo revisadas ao longo do percurso, visto que não houve, na qualificação indicações da necessidade de inclusão das postagens compartilhadas. Entendemos para tanto, a sua necessidade tendo em vista o volume de postagens expressivamente maior que as produzidas.

Desta forma, as escolhas foram sendo ressignificadas no decorrer do percurso. Este acréscimo no número das postagens analisadas trouxe um avanço, não somente na ampliação das subcategorias, como especialmente na contribuição para a análise das informações sobre a representação dessas mulheres.

Como contribuição teórica, a pesquisa permitiu aproximar elementos relativos a TRS e ao feminismo negro a partir dos relatos dessas mulheres em que evidenciaram as opressões sofridas e reafirmaram os conceitos nas suas narrativas de forma explícita e implícita ao problematizar as subordinações sofridas e os marcadores sociais que destituem os seus direitos pela forma naturalizada e evidenciadas nas representações instituídas e que buscam, por meio das postagens, possibilidades de ruptura de tais representações.

As Representações Sociais se materializam preponderantemente nas categorias Tema da Postagem, Forma de Composição da Postagem, Ratificação da Postagem, Referências Teóricas Mencionadas e Forma de Apresentação das Postagens, sobretudo no que tange as representações instituídas na produção cinematográfica, nas mídias, na produção e crença de um padrão de beleza referente ao cabelo, maquiagem, assim como nos aspectos de corporificação e objetificação do corpo. Também se revelaram no resgate da ancestralidade em que faz uma relação do legado feminino negro com o imaginário social, no mercado de trabalho, não só pela ausência da presença da mulher negra, mas também do estranhamento quando ocupam cargos de poder. Ao mesmo tempo em que denunciam essas representações que estruturam o pensamento coletivo, as mulheres negras anunciam como querem ser reconhecidas como uma forma de auxiliar outras mulheres por meio do acesso e leitura dessas postagens, em um movimento de afirmação, empoderamento e visibilidade de pautas que apontam para uma representação positiva deste coletivo.

No que tange às contribuições do feminismo negro, as autoras (a maioria é composta por mulheres) valem-se das noções de lugar de fala e interseccionalidade em que destacam nas postagens de forma explícita e implícita articulando um discurso de enfrentamento a essa representação como forma de resistência e (re)existência.

Reconhecem e destacam em suas experiências, as formas de opressão que se entrecruzam e potencializam a invisibilidade ou apagamento das suas subjetividades. Por outro lado, tais evidências também revelam o resgate de uma identidade, tanto no plano individual como coletivo, tendo em vista o anúncio das suas escolhas e o quanto percebem-se como sujeitos, que por meio do reconhecimento das suas ancestralidades, manifestam os seus desejos e anseios.

Metodologicamente a validade do estudo deve-se a análise do conteúdo das postagens não só no que tange ao arranjo das categorias e subcategorias, mas também no conteúdo para além da categorização, na produção dos discursos e do contexto de apresentação dessas postagens. Foi por meio das reincidentes leituras, análises e reanálises das postagens produzidas e compartilhadas que nos levou a um percurso metodológico de organização dos links, apresentação das postagens e a indicação de uma diversidade de materiais que nos permitiu averiguar as intencionalidades políticas e intelectuais abordadas nas narrativas dessas mulheres.

Da mesma forma, os objetivos a que nos propusemos neste estudo nos possibilitou caracterizar as práticas e estratégias de produção e compartilhamento das informações, em um processo de abstração do conteúdo sobre o que estavam produzindo e compartilhando acerca das suas representações e resultante dessa caracterização podemos aferir que enquanto práticas sociais, abordar as suas experiências se valendo de um aparato teórico e articulação com outros artifícios informacionais, essas mulheres adentram a coletividade em um espaço geográfico amplo de interação, comunicação e socialização.

Conseguimos obter enquanto êxito neste estudo, do ponto de vista epistemológico através da migração conceitual das noções de interseccionalidade e do lugar de fala propiciadas por meio do viés dos estudos do feminismo negro para a Ciência da Informação. Entendemos assim, que não é possível discutir as questões de gênero sem considerar esses atravessamentos que implicam nos processos de produção e compartilhamento de informações.

Outro elemento que nos foi muito caro nesse percurso, foi a relação das práticas informacionais e a Teoria das Representações no que tange os conteúdos compartilhados por essas mulheres acerca de suas representações.

No referente à identificação dos temas abordados nas narrativas que envolvem as mulheres negras como primeira alternativa de análise, destacamos a forma de rearticulação da representação que se manifesta e é atravessada pelo campo da cultura, dos processos educativos e formativos, na ocupação em espaços privilegiados e na crença pela sua representatividade, ainda que o acesso à educação e à cultura para esse grupo social seja negligenciado.

Muitas postagens trazem a pauta da invisibilidade transversalizando as temáticas como uma “estratégia” de demarcar esse imaginário que silencia a sua existência criando barreiras e forjando práticas discriminatórias naturalizadas e que se estabelecem nas relações de poder.

Ao analisar quais informações sobre as mulheres negras no que tange aos marcadores sociais como gênero, raça e classe publicadas no portal evidenciam-se nas diferentes temáticas e perpassam as esferas profissionais, educacionais, afetivas e sociais com uma potência estrutural e naturalizada na subjugação das mulheres negras demarcando lugares que lhes foram impostos socialmente. Por outro lado, a identificação e o reconhecimento desses marcadores levam às mulheres a um movimento de resistência e de produção de contra-discursos. Vale destacar que postagens quer sejam produzidas ou compartilhadas podem ser consideradas como uma forma de resistência e militância.

As análises nos permitem afirmar que as práticas informacionais efetivadas no Portal Geledés se fundamentam em um híbrido de aspectos que envolvem tanto a forma de apresentação e composição das postagens, como o conteúdo que se apresenta. As postagens se expressam de formas muito diversas, tanto no contexto da escrita, como na apresentação das informações. Ora o conteúdo se apresenta com bastante profundidade de conceitos, ora se apresenta de forma superficial, em que trouxe a necessidade, muitas vezes, em recorrer às fontes de origem para compreender o contexto da postagem, destaque válido especialmente para as postagens compartilhadas.

Esse híbrido de texto, imagens, áudios na composição da postagem e na apresentação, como notícias, entrevistas, resenhas, depoimentos nos leva ao entendimento desse comportamento multifacetado da web com múltiplas possibilidades de escrita e sinalizamos, para tanto, a apropriação das informações de forma que esses sujeitos possam ser produtores de cultura aliando a tecnologia às novas formas de evidenciar a sua identidade na produção de narrativas que contestem o discurso dominante.

Referente a produção de informações contidas nas postagens ao destacarmos a preponderância da temática educação e evidenciamos a produção e o acesso à informação e ao conhecimento que valida a representação dessas mulheres a partir dos seus discursos e do anúncio das suas experiências de acesso aos saberes e aos espaços de poder. Um destaque para as narrativas autobiográficas que se apresentaram de forma recorrente para explicar as suas trajetórias, enquanto produtoras de saberes, as suas relações com a arte e com a mídia. Dessa forma, cumprem um papel de formação, não somente pela potência em instigar uma identidade e solidariedade coletiva, mas também como forma de anunciar as suas resistências e visibilidade.

No que tange o compartilhamento de informações, um dos elementos que destacamos na análise das postagens refere-se às fontes, que advém de outras mídias ou fontes de origem, as postagens são as mesmas e de caráter retroativo, ou seja, os links remetem a postagens passadas, com diferença de um ou dois dias.

Como já mencionado, não conseguimos obter informações do portal quanto ao fluxo de informações, bem como o seu caráter seletivo, dados que serviriam para complementar o estudo. Neste corpus encontramos, apenas duas postagens que não foram compartilhadas na íntegra sendo necessário buscar na fonte de origem, ou seja, na mídia originária a postagem para fazer a leitura na íntegra. Assim como nas postagens produzidas, a subcategoria educação apresentou maior preponderância.

Ao discutirmos o engajamento dessas mulheres na militância, faz-se necessário compreender que se estabelecem nos conteúdos analisados, por meio de processos educativos quais e os quais revelam como se dão as opressões que sofrem por meio de marcadores sociais. Nesse sentido, dar a conhecer os teóricos e estudiosos sobre as temáticas que impactam nas relações e no cotidiano trazido pelas mulheres negras anuncia a demarcação epistemológica de um lugar de saber e entendimento deste lugar social e pelo qual as mulheres falam. Para que possam falar a partir de si e reconhecer a sua negritude é preciso reconhecer a sua constituição histórica, social, cultural e política.

No tocante às categorias e subcategorias, identificamos uma similaridade nos resultados das análises, tanto das postagens produzidas quanto das compartilhadas e que foram analisadas em momentos distintos. Sublinhamos a preponderância na categoria **Tema da Postagem**, as subcategorias Educação, Eventos e Manifestações Artísticas nas produzidas. Nas postagens compartilhadas segue Educação, Manifestações Artísticas e Mercado de Trabalho. Na categoria **Forma de Composição da Postagem**, destacamos a prevalência da composição das subcategorias Texto e Imagem, tanto nas produzidas, quanto nas compartilhadas, seguido da adição de hiperlinks com maior preponderância nas produzidas e vídeos nas compartilhadas. Concernente a categoria **Ratificação da Postagem**, um destaque para a subcategoria Menção a Livros, seguida da subcategoria Menção à Filmes nas postagens produzidas e, nas compartilhadas, destaque para Menção à Documentos e Menção à Livros. **Referências Teóricas Mencionadas** apresenta preponderância de Referências a Indivíduos nas duas categorias de postagens, tanto as produzidas, quanto às compartilhadas. A categoria **Tipo de Autoria**, apresenta preponderância na subcategoria Autoria Individual, tanto nas postagens produzidas quanto nas compartilhadas, uma diferença a destacar é que as produzidas apresentam Autoria Não Identificada, o que não ocorre com as compartilhadas. A categoria **Gênero** tem a preponderância do gênero feminino nas produzidas e nas compartilhadas. A subcategoria Notícias prepondera nas postagens produzidas e compartilhadas no referente à categoria **Forma de Apresentação da Postagem**.

Podemos identificar, com esses resultados, que as categorias de análise têm a preponderância similares no tocante às subcategorias, tanto nas 27 postagens produzidas, quanto nas 137 postagens compartilhadas e as suas ocorrências têm um deslocamento apenas na ordem em que preponderam.

Nos chama a atenção a subcategoria violência, que apresentou um menor número de ocorrências nas postagens compartilhadas e nenhuma ocorrência nas produzidas. Vale considerar, entretanto, que essa subcategoria contempla não somente a violência física, mas uma violência simbólica. Entendemos no entanto, que ela se apresenta de forma implícita nas postagens que abordam os impactos, especialmente na subcategoria Mercado de Trabalho e que foi apresentado de forma recorrente em seus discursos em que eram as únicas mulheres negras naqueles espaços e o quanto fez com que percebessem a ausência da presença das mulheres em espaços privilegiados.

Essa violência também se manifesta nas subcategorias sentimentos, padrões estéticos, quando descrevem no âmbito afetivo a sexualização, objetificação e corporificação, além do “pseudo” entendimento daquilo que é uma boa aparência. Para Carneiro (2003, p. 49), são os “resultados da hegemonia da branquitude no imaginário social” e que se concretiza nas relações sociais. Para a autora, trata-se de uma violência invisível que traz resultados negativos às subjetividades das mulheres negras, refletindo assim na auto-estima.

Podemos afirmar que essas violências sofridas pelas mulheres são as marcas dessas opressões que se naturalizam no cotidiano da sociedade e que muitas vezes não são sequer percebidas como violências e são justificadas pelo não entendimento ou não apropriação dos saberes acerca do racismo estrutural.

A sociedade está tão impregnada de pequenos preconceitos que se fortalecem no senso comum e nesse imaginário coletivo, que multiplica as formas de discriminação seja nas expressões, seja na negação ao ver uma mulher negra ocupando espaços de poder ou sendo uma autoridade legitimada, seja nessa mobilidade social em que não mais são as servas que desconhecem os seus direitos e tem a sua dignidade ceifada, mas aquelas donas dos seus saberes e apropriada das suas condições e do seu estar no mundo.

O estudo catalisou algumas indagações relativas ao fenômeno, tais como a grande diversidade de textos, alguns com bastante profundidade teórica, outros mais superficiais em termos de conteúdo. Percebemos também que no coletivo de postagens, algumas apresentavam erros ortográficos, sem nota explicativa e em alguns momentos descontextualizadas. Merecia um estudo sobre o fluxo e a seleção das informações, que embora saibamos que o Portal se presta a discutir questões relativas ao gênero e deste inclui-se as pautas das mulheres negras, como foco do portal, não há clareza, no entanto, do processo de seleção. Descrevemos aqui que merece estudo, por não se tratar do foco desta pesquisa, que embora apresente os processos de produção e compartilhamento das informações, estes estão balizados no conteúdo e em um olhar indagativo sobre o modo como são representadas essas mulheres na plataforma por meio da produção de discursos.

Nesse sentido, apreendemos as representações sociais identificadas nos conteúdos das postagens desses sujeitos que narram as suas experiências e demandas a partir de um lugar, no qual acreditam, por meio dessas manifestações, garantir um espaço de fala e de problematização de discursos hegemônicos.

Outros vieses podem ser destacados nessas considerações como no decurso das narrativas, os relatos das experiências na criação de blogs, sites e Instagram como ações de proporcionar uma rede de apoio e de acesso à informação de forma a compartilhar experiências para que muitas mulheres pudessem sair da zona de conforto, sem medo de ousar, sendo que essas também podem ser entendidas como estratégias de resistência.

O presente estudo, dessa forma, buscou revelar o fenômeno das Representações Sociais instituídas sobre a mulher negra em um portal de produção e compartilhamento de informações problematizando os construtos sociais que se propagam nesse imaginário coletivo. Identificamos nos conteúdos produzidos nas postagens o manifesto das mulheres negras por uma representação positiva em um espaço legítimo de expressão, visibilidade e afirmação de uma identidade negra.

Lançamos mão dessa pesquisa para potencializar na Ciência da Informação às questões de gênero e raça que por meio da produção e do conhecimento científico como contributo para as mudanças na sociedade. Entendemos dessa forma, que as temáticas de gênero e raça precisam ser exploradas na área. Isso porque compreender o quanto as informações são representativas de luta realizadas por distintos grupos marginalizados e se estruturam nesse imaginário coletivo. Destacamos ainda os conceitos de interseccionalidade e lugar de fala, migrações conceituais advindas do feminismo negro se mostraram pertinentes para a edificação de discussões que tensionam o binômio informação-poder.

Em virtude disso, ressaltamos a necessidade de outros estudos na área da Ciência da Informação para que as pesquisas científicas possam se debruçar em questões tão urgentes e de impacto social pujante, tendo, tais questões uma potencialidade de significativa ampliação epistemológica na área.

## REFERÊNCIAS

- AKAICHI, Tatianne; TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Compartilhamento da informação e do conhecimento: fatores motivacionais que influenciam os coordenadores dos PPGCI. *In: COLÓQUIO EM ORGANIZAÇÃO, ACESSO E APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO (COAICI)*, 1, 2016, Londrina. **Anais** [...]. Londrina: UEL, 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/coaic2016/coaic2016/paper/viewFile/390/237>  
Acesso em: 04. set.2020
- AKOTIRENE, Carla, **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).
- AMORIM, Fabiana Borelli; TOMAÉL, Maria Inês. O uso de sistemas de informação e seus reflexos na cultura organizacional e no compartilhamento de informações. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 74-91, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc>. Acesso em: 04. set.2020.
- APRESENTAÇÃO. *In: FOUCAULT, Michel et al. O homem e o discurso: a arqueologia de Michel Foucault*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996 (Comunicação, 3). p. 13.
- AQUINO, Maria Clara. Os blogs na web 2.0: representação e reocupação coletivas de informação. *In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra Portella (Orgs.). Blogs.com: estudos sobre blogs e Comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009.
- ARAÚJO, Ana Rafaela Sales de; BEZERRA, Midnai Gomes; OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de. Arquitetura da informação no website geledeés: a mulher negra em foco. **Informação em Pauta**, , v. 3, n. 1, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/32480> . Acesso em: 29 jul.2020
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que é Ciência da Informação, **Informação & Informação**, v.19, n. 1, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15958> . Acesso em: 17 mar. 2020. DOI: 10.5433/1981-8920.2014v19n1p01

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que são “práticas informacionais”? **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. especial, out. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655> . Acesso em: 17 ago.2020. DOI: <https://doi.org/10.32810/2525-3468.ip.v2i0.2017.20655>

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. A Construção Social da Informação: dinâmicas e contextos. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v.2, n.5, out. 2001

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERTI, Ilemar Christina Lansoni Wey; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de Usuários e Práticas Informacionais: do que estamos falando? **Informação & Informação**, v.22, n. 2, 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31462> . Acesso em: 17 ago.2020.

BORGES, Elinielle Pinto. **Gênero, ciência e contexto regional**: analisando diferenças entre docentes da pós-graduação de duas universidades brasileiras, 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação; Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação, 2014. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/840> . Acesso em: 28 maio 2021.

BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation**, v.19, n.1, p.3-5, Jan. 1968. (Tradução Livre)

CAPURRO, R.; HJORLAND, B.; CARDOSO, A. M. P.; TRAD., M. G. A. F.; AZEVEDO, M. A. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/33134> . Acesso em: 21 mar. 2020

CAPURRO, Rafael. Pasado, presente y futuro de la noción de información. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 1 n. 1, p. 110-136, ago./fev. 2014. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/issue/view/118> . Acesso em: 04. dez.2019

CARMO, Ruleandson do; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Sujeito informacional, conceito em emergência: uma revisão teórico-conceitual em periódicos Ibero-Americanos. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v.30, n.1, p. 1-22, jan./mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/43934/29689> . Acesso em: 21 ago.2020.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLANDA, Heloísa Buarque (Org.). **Pensamento Feminista: Conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v.17 n. 49, São Paulo, set./dez, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf> . Acesso em: 15 ago. 2020

CASTRO, Silvia Elaine Santos de. Marcadores sociais da diferença: sobre as especificidades da mulher negra no Brasil. In: SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 25, 2014, Londrina **Anais** [...]. Londrina: Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanacsoc/pages/arquivos/GT%204/Silvia%20Elaine%20Santos%20de%20Castro.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2020

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within* a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1 Jan./Abr., 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-69922016000100099&script=sci\\_abstract&lng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-69922016000100099&script=sci_abstract&lng=pt) Acesso em: 10 set. 2020

COSTA, Fernanda Carla da Silva. Análise da Disseminação de Informações étnico-raciais no Portal Geledés. **Folha de Rosto – Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v.5, Edição Especial, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/441/405>. Acesso em: 29 jul.2020

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n.1, 1º sem., 2002, p. 171-188. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 15 ago.2020

CRUZ, Agnes Sofia Guimarães. **Dados e narrativas sobre a violência contra mulheres negras: uma análise da cobertura noticiosa da Folha de São Paulo e do conteúdo produzido pelo Portal Geledés**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/157447>. Acesso em: 29 jul.2020.

CRUZ, Maria Helena Santana. Empoderamento das mulheres. **Inclusão Social**, Brasília, DF, v.11 n.2, p.101-114, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/issue/view/243> Acesso em: 27 set. 2020

DENZIN, Norman K.; LINCON, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Os estudos de gênero na Ciência da Informação, **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317 - 332, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/6389/4744>. Acesso em: 06 dez. 2020.

FERNANDES, Geni Chaves. **Cinco visões no campo da Ciência da Informação**. [Trabalho apresentado à banca avaliadora do concurso para Professor Adjunto]. Departamento de Ciência da Informação. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral; ABREU, Flávia Ferreira; LIMA, Gracirlei Maria Carvalho de; SÁ, Jéssica Patrícia Silva de. A construção do conceito de práticas informacionais pelos pesquisadores do EPIC, **Informação em Pauta**, v. 4 , n. especial, maio 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/41077/pdf> . Acesso em 17 ago.2020. DOI: <https://doi.org/10.32810/2525-3468.ip.v4iEspecial.2019.41077.26-43>

FINE, Michelle; WEIS, Lois; WESEEN, Susan; WONG, Loonmunn. Para quem? Pesquisa qualitativa, representações e responsabilidades sociais. *In*: DENZIN, Norman K.; LINCON, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FONTANA, Mónica Graciela Zoppi. “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. **Conexão Letras**, v.12, n. 18, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.79457> Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/79457/46458>. Acesso em: 25 ago. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 10ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

GELEDÉS. Geledés e a Comunicação: memória Institucional. *In*: **Comunicação, Memória Institucional, O que fazemos?** (2009). Disponível em: <https://www.geledes.org.br/geledes-e-a-comunicacao-memoria-institucional/>. Acesso em: 06 mar. 2020.

GELEDÉS. Geledés: Missão Institucional (2016). Disponível em: <https://www.geledes.org.br/geledes-missao-institucional/> . Acesso em: 10 nov.2019

GELEDÉS. **O que é Gelede**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-e-gelede/>. Acesso em: 06 mar. 2020.

GODOI, Fábio dos Santos. **Indicadores de gênero no periódico Scientometrics (1981-2017)**, 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) - Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/10015>. Acesso em: 28 maio 2021.

GOMES, Fernanda Marcela Torrentes. "**Eu aborto, tu abortas, somos todas clandestinas" mídia e aborto**: uma perspectiva do feminismo decolonial. 2017. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188077> Acesso em: 29 jul.2020

GOMES, Fernanda Marcela Torrentes; ZUCCO, Luciana Patrícia. Aborto e mídia: um estudo a partir do feminismo decolonial. **Zona Franca**, n. 26, p. 107-139, 2018. Disponível em: <https://zonafranca.unr.edu.ar/index.php/ZonaFranca/article/view/81/70> . Acesso em: 29 jul.2020. DOI: <https://doi.org/10.35305/zf.v0i26.81>.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. O caráter seletivo das ações de informação. **Informare**: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em ciência a Informação, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 7-30, jul./dez. 1999. Disponível em: [https://brapci.inf.br/repositorio/2010/03/pdf\\_6d5abfb137\\_0008552.pdf](https://brapci.inf.br/repositorio/2010/03/pdf_6d5abfb137_0008552.pdf). Acesso em: Acesso em: 27 set. 2020

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5 - 18, jan./jun.2001.

GUERREIRO, Dalia; BORBINHA, José Luís. Humanidades digitais: novos desafios e oportunidades. **Revista Internacional del Libro, Digitalización y Bibliotecas**, v. 2, n. 2, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/6TrFAz> . Acesso em: 27 set. 2020

HIRANO, Luis Felipe Kojima; ACUÑA, Mauricio; MACHADO, Bernardo Fonseca (Orgs.). **Marcadores sociais das diferenças**: fluxos, trânsitos e intersecções. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/marcadores\\_sociais\\_das\\_diferencas.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/marcadores_sociais_das_diferencas.pdf) . Acesso em: 27 set. 2020.

LEMONS, Marina Gazire. Ciberfeminismo: Novos discursos do feminismo em redes eletrônicas. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, . São Paulo, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/5260/1/Marina%20Gazire%20Lemos.pdf> , Acesso em: 15 ago. 2020

LIMA, Dulcilei da Conceição, Interseccionalidade e ciberativismo: raça, gênero e TIC's. In: CONGRESSO MUNDOS DE MULHERES (MM), 13 & SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., 2017, Florianópolis, **Anais** [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1491323274\\_ARQUIVO\\_Dulcilei-C-Lima\\_Interseccionalidade-genero-raca-e-TIC\\_revisado\(2\).pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1491323274_ARQUIVO_Dulcilei-C-Lima_Interseccionalidade-genero-raca-e-TIC_revisado(2).pdf) . Acesso em: 15 ago. 2020

MALTA, Renata Barreto; OLIVEIRA, Laila Thaíse Batista de. Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual. **Revista Gênero**, Niterói, v.16, n.2, p.55-69, 1º sem. 2016. Disponível em <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/811>. Acesso em: 04. set.2020.

MARTELETO, Regina Maria. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em ciência da informação, **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, Brasília, v.3, n.1,p.27-46, jan./dez. 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/article/download/13080> Acesso em: 04. set.2020.

MARTELETO, Regina Maria; NÓBREGA, Nanci; MORADO, Denise. Cultura informacional: demarcações de uma linha de estudos de cultura, informação e sociedade. In: ALBAGLI, Sarita (Org.). **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília: IBICT, 2013. p.78-106. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/449/1/Fronteiras%20da%20Ci%3%aaancia%20da%20Informa%3%a7%c3%a3o.pdf> Acesso em: 04. dez.2019

MARTINEZ, Fabiana. Feminismos em movimento no ciberespaço. **Cadernos Pagu**, n. 56, Campinas, set. , 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n56/1809-4449-cpa-56-e195612.pdf> Acesso em: 04. set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449201900560012>

MARTINS, Mirian Teresa de Sá Leitão; SILVA, Thaiana Rodrigues da. Um estudo sobre coletivos feministas: jovens secundaristas e universitária. **Cadernos de Gêneros e Tecnologia**, v. 12, n. 39, 2019. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/9277> . Acesso em: 04. set. 2020. DOI: 10.3895/cgt.v12n39.9277

MASSONI, Fernando Herbert; MORIGI, Valdir José. Ética e teoria das representações sociais: uma discussão a partir da Ciência da Informação. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 4 n. 1, p.73-85, Set./ Fev. 2018. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4002/3334> Acesso em: 15 ago. 2020

MATOS, Gislaine Imaculada de. **Estudos de gênero e feminismos: uma análise bibliométrica da Revista Estudos Feministas**, 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/152680> Acesso em: 28 maio 2021.

MAYORGA, Witton Becerra.; MACHADO, Joice Camacho. Humanidades digitais: la censura y los laudatórios em las preliminares Del Siglo de Oro español; Madrid y Guzmán de Alfarache. **Hallazgos**, v. 13, n. 25, p. 111-129, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=413843445006> . Acesso em: 27 set. 2020

MELO, Daniella Alves de. **Práticas informacionais e a construção da competência crítica em informação: um estudo na Bamidelê – Organização das mulheres negras de Paraíba**, 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/16348/1/arquivototal.pdf>. Acesso em 17 mar. 2020

MELO, Daniella Alves de; ALVES, Edvaldo Carvalho. Práticas Informacionais das mulheres negras: construindo Competência Crítica em Informação, **Folha de Rosto-Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 5, n. esp., p. 5-23, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/146576> . Acesso em: 06 dez. 2020

MOREIRA, Flavia Morais; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. O paradigma social da informação e as teorias sociais: relações e contribuições. **Pesquisa. Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 11, n. 1, p. 169-178, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/abcib/article/view/28485/15788>. Acesso em: 17 ago.2020

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NATANSOHN, Graciela (org.). Qué tem a ver as tecnologias digitais com o gênero? *In: Internet em código feminino: teorias e práticas*. Buenos Aires: La Crujía ediciones, 2013. E-book. Disponível em: <https://qigaufba.net/internet-em-codigo-feminino/> Acesso em: 04. set.2020.

OLIVEIRA, Joelma da Silva *et al.* Mulheres e lugar de fala: caminhos percorridos. **Convergências em Ciência da Informação**. v. 2, n. 1, p. 23-41, jan./abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.33467/conci.v2i1> . Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/conci/issue/view/806> Acesso em: 04 set. 2020.

PASSOS, Mariana Faustino dos. **Estudos de Gênero na Ciência da Informação: análises dos anais do Enancib**, 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2019. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/204536/PCIN0195-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y> Acesso em: 06 dez. 2020.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, jul/dez. 2008. p. 263 a 274

Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs//article/view/5247> . Acesso em: 15 ago.2020 DOI: <https://doi.org/10.5216/sec.v11i2.5247>

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

ROCHA, Maria Célia Furtado; PEREIRA, Gilberto Corso. De consumidor a produtor de informação: participação pública no contexto da nova cultura tecnológica. **Cadernos PPG-AU/UFBA**, v.9, edição especial, 2010. Disponível:

<https://portalseer.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/5113/3702> . Acesso em: 21 mar. 2020

ROCHA, Thalita Souza. **Mulheres negras e internet: do racismo ao ativismo**. 2017. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em:

[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/17900/1/2017\\_ThalitaSouzaRochatcc.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/17900/1/2017_ThalitaSouzaRochatcc.pdf) Acesso em: 04 set. 2020.

RODRIGUES, Amanda Alves Dias. **Como seria se a história fosse contada por nós?** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/como-seria-se-a-historia-fosse-contada-por-nos/> . Acesso em: 04. dez.2019

SABRINY, Suelen dos Santos. **Análise discursiva verbo-visual das construções identitárias da comunidade negra brasileira em blogs de moda e blogativismos na década de 2010**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/LETR-AX2GXN> Acesso em: 29 jul.2020.

SANTANA, Bianca; ALMEIDA, Marco Antonio de. Mulheres negras e o comum: memória, redes sociais e táticas cotidianas, **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBD)**, v.13, 2017. VI, 2017. **Anais [...]**. VI Seminário de Pesquisa em Ciência da Informação do PPGCI/ECA/USP. Disponível em:

<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/755> Acesso em: 28 maio 2021.

SANTOS, Ana Carolina Ferreira. **Feminismo negro e ciberativismo**: uma análise da mulher negra na fanpage geledés instituto da mulher negra. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/cj/contents/tcc/feminismo-negro-e-ciberativismo-uma-analise-da-mulher-negra-na-fanpage-geledes-instituto-da-mulher-negra-ana-carolina-ferreira-santos-tcc-2016-2.pdf> Acesso em: 29 jul.2020

SANTOS, Geovane Tavares dos; DIAS, José Manuel de Barros. Teoria das representações sociais: uma abordagem sociopsicológica. PRACS: **Revista Eletrônica de Humanidades do curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, v. 8, n. 1, p. 173-187, jan.-jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/1416/santosv8n1.pdf> Acesso em: 15 ago. 2020

SAVOLAINEN, Reijo. Information behavior and information practice: reviewing the "umbrella concepts" of information-seeking studies, **Library Quarterly.**, v. 77, n. 2, p109-132, abr. 2007.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro. Informação para a equidade de gênero e empoderamento da mulher negra: estudo da página do Geledés – instituto de mulheres negras no Facebook. *In*: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da, LIMA, Graziela dos Santos (Orgs.). **Bibliotecári@s Negr@s**: ação, pesquisa e atuação política. Florianópolis, SC: Associação Catarinense de Bibliotecários, 2018. Disponível em: [https://www.acbsc.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Livro\\_reorganizado\\_03.07.2018.pdf](https://www.acbsc.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Livro_reorganizado_03.07.2018.pdf) . Acesso em: 06 dez. 2020.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro. As mulheres negras e a sociedade da informação. *In*: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da, LIMA, Graziela dos Santos (Orgs.). **Bibliotecári@s Negr@s**: ação, pesquisa e atuação política. Florianópolis, SC: Associação Catarinense de Bibliotecários, 2018. Disponível em: [https://www.acbsc.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Livro\\_reorganizado\\_03.07.2018.pdf](https://www.acbsc.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Livro_reorganizado_03.07.2018.pdf) . Acesso em: 06 dez. 2020.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da et. al. A saúde da mulher negra em foco: análise da produção científica na BDTD. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 20, 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/viewFile/1340/608> Acesso em: 28 maio 2021.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Trajetórias e contribuições de Harold Borko para a Ciência da Informação no âmbito do artigo "Information Science: what is it?", **Revista**

**Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan/jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/3393> .Acesso em: 17 mar.2020

SILVA, Leyde Klébia Rodrigues da. **Bamidelê: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba**. 2014. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/3973> . Acesso em: 06 dez. 2020.

SILVA, Marcos Antonio da. A técnica da observação nas ciências humanas. **Educativa – Revista de Educação**. Goiânia, v. 16, n. 2, p. 413-423, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/3101/1889> Acesso em: 28 set. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/educ.v16i2.3101>

SILVA, Talita Brasil e. **Apropriação cultural da estética negra: práticas discursivas e lutas de representação no ciberespaço**. 2018. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/37412/5/2018\\_dis\\_tbsilva.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/37412/5/2018_dis_tbsilva.pdf). Acesso em: 29 jul.2020.

SILVA, Thais Pereira da. **Construções identitárias & TICs: o caso do blog "Blogueiras Negras"**. 2019. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.27.2019.tde-27122019-170340. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27122019-170340/> Acesso em:28 maio 2021.

SOARES, Joécio Gonçalves; PEREIRA, Tiara Katu; DIAS, Wolliver Anderson. **Método da Observação: reflexões acerca de seu uso e formas de aplicação**. 2011. Disponível em: [https://www.academia.edu/4914317/M%C3%A9todo\\_da\\_Observa%C3%A7%C3%A3o\\_reflex%C3%B5es\\_acerca\\_de\\_seu\\_uso\\_e\\_formas\\_de\\_aplica%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/4914317/M%C3%A9todo_da_Observa%C3%A7%C3%A3o_reflex%C3%B5es_acerca_de_seu_uso_e_formas_de_aplica%C3%A7%C3%A3o) Acesso em: 28 set. 2020.

SODRÉ, Muniz. Do lugar de fala ao corpo como lugar de diálogo: raça e etnicidades numa perspectiva comunicacional. [Entrevista cedida a]. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v.13, n. 4, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.29397/reciis.v13i4.1944>. Disponível em: <https://www.recis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1944/2314>. Acesso em: 04 set. 2020.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento, **Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing**,

**Opinião e Mídia**, v. 2 , n. 2, set. 2009. Disponível em:  
[http://www.revistapmkt.com.br/Portals/9/Edicoes/Revista\\_PMKT\\_003\\_02.pdf](http://www.revistapmkt.com.br/Portals/9/Edicoes/Revista_PMKT_003_02.pdf) . Acesso em: 26 maio 2021.

VALA, Jorge. Racismos: Representações Sociais, preconceito racial e pressões normativas. *In*: JESUINO, Jorge Correia; MENDES, Felismina R. P; LOPES, Manuel José (Orgs.). **Representações sociais nas sociedades em mudança**. São Paulo: Vozes, 2015.

VILLELA, Marina Cruz Vieira. **Ativismo digital**: um estudo sobre blogs ativistas. 2012. Dissertação ( Mestrado em Ciência Política). Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em:  
[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11658/1/2012\\_MarinaCruzVieiraVillela.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11658/1/2012_MarinaCruzVieiraVillela.pdf)  
Acesso em: 04 set.2020 (ajustar referência)

## APÊNDICE A - E-MAILS ENVIADOS AO PORTAL GELEDÉS

E-mail 03/08/2020

Pesquisa de Mestrado

Patricia Saldanha <patriciasaldanha74@gmail.com>  
para nilza

seg., 3 de ago. de 2020 14:41

Bom dia! Nilza tudo bem?

Me chamo Patricia Saldanha, sou bibliotecária e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Entro em contato, pois o tema da meu projeto de dissertação é sobre as narrativas das mulheres negras no Portal Geledés. Gostaria de incluir em minha pesquisa algumas questões relacionadas às informações do Portal. Para tanto, necessito que respondam algumas perguntas (poucas) para qualificar a minha pesquisa. Para esclarecer um pouco, a minha primeira etapa de coleta de dados se deu com as categorizações já estabelecidas pelo Portal (antes da mudança do leiaute (interface) em que a primeira categorização selecionada é de questões de gênero, a segunda categorização então, trata-se de mulheres negras (objeto de estudo da minha dissertação), a terceira etapa então trata-se de postagens enviados ao Geledés e de postagens hospedadas no Geledés, esta última tendo outras fontes de origem (revistas e sites) e é sobre essas questões que gostaria de perguntar.

1. Como vcs definem o portal Geledé?, como um website, um blog, uma plataforma?
2. Existe uma editoria específica para as temáticas das questões de gênero no Portal?

Em 14/08/2020

see 14/08/2020 10:28

Patricia Saldanha (Gerencia Educacional)  
PROJETO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO\_PORTAL GELEDÉS

Para: nilza@geledes.org.br; nilza@geledes.org.br; susiane@geledes.org.br  
Cc: patriciasaldanha74@gmail.com

🔒 Você respondeu esta mensagem em 09/03/2021 11:21.

Prezadas, bom dia!

Me chamo Patricia Saldanha, sou bibliotecária e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Entro em contato, pois o tema da dissertação é sobre as narrativas das mulheres negras no Portal Geledés. Gostaria de incluir em minha pesquisa algumas questões relacionadas às informações do Portal. Para tanto, necessito que respondam algumas perguntas (poucas) para qualificar a minha pesquisa. Para esclarecer um pouco, a minha primeira etapa de coleta de dados se deu com as categorizações já estabelecidas pelo Portal (antes da mudança do leiaute (interface) em que a primeira categorização selecionada é de questões de gênero, a segunda categorização então, trata-se de mulheres negras (objeto de estudo da minha dissertação), a terceira etapa então trata-se de postagens enviados ao Geledés e de postagens hospedadas no Geledés, esta última tendo outras fontes de origem (revistas e sites) e é sobre essas questões que gostaria de perguntar:

1. Como vocês definem o portal Geledés?, como um website, um blog, uma plataforma?
2. Existe uma editoria específica para as temáticas das questões de gênero no Portal?
3. Como são feitas as seleções das postagens? Especialmente as hospedadas.
4. Quais os critérios para serem hospedadas e qual o fluxo para buscar as fontes de origem?
5. Existe um mecanismo de busca automático?
6. São colunas destinadas às temáticas que definem a escolha pelo portal?
7. Existe um contrato ou acordo entre as fontes originárias e o Portal para que sejam hospedadas ou é um percurso natural tendo em vista as temáticas?

Se tiver mais alguma informação que julguem relevante ou necessite de mais informações, estou à disposição. Acredito na relevância social dessa temática, especialmente na área da Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que ainda traz poucas contribuições para as temáticas étnico-raciais nas pesquisas da área.

Se houver uma questão ética para publicar as respostas, como não citar o nome dos responsáveis pelas respostas ao questionário, ou os acordos internos para o envio das postagens por favor, me sigam.



## E-mail enviado em 09/03/2021

 RE: PROJETO DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado, PORTAL GELEDIS  
De: [sonia@geledis.org.br](mailto:sonia@geledis.org.br); [nilsa@geledis.org.br](mailto:nilsa@geledis.org.br); [suelaine@geledis.org.br](mailto:suelaine@geledis.org.br)  
Cc: [patricia.seldanha74@gmail.com](mailto:patricia.seldanha74@gmail.com)

Prezados, bom dia!

Estou na reta final da minha dissertação de mestrado, e as informações abaixo seriam de grande valia para a qualidade do meu trabalho. Seria possível que pudessem responder mesmo que em breves palavras?

No aguardo,

De: Patricia Seldanha (Gerencia Educacional)  
Enviada em: sexta-feira, 14 de agosto de 2020 10:28  
Para: [sonia@geledis.org.br](mailto:sonia@geledis.org.br); [nilsa@geledis.org.br](mailto:nilsa@geledis.org.br); [suelaine@geledis.org.br](mailto:suelaine@geledis.org.br)

2/16 13:47

**APÊNDICE B - QUADRO - CONTRADIÇÃO, ALTERAÇÃO E MANUTENÇÃO DE CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS**

<b>Tema da Postagem</b>	<b>Código</b>	<b>Alteração</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Justificativa</b>
<p><b>Ancestralidade</b> : Postagens com conteúdo relativo às histórias de resistências de lutas protagonizadas por mulheres negras e que constituem a dinâmica de uma memória ancestral</p>	<b>AN</b>	<b>Manutenção</b>	Não há descrição de nova subcategoria	Existência de postagens que contemplaram essa subcategoria temática.
<p><b>Educação:</b> Postagens relativas à produção acadêmica, acesso à educação, áreas que envolvem a educação como formação continuada, economia doméstica, leitura, processos de alfabetização das mulheres negras.</p>	<b>ED</b>	<b>Manutenção</b>	Não há descrição de nova subcategoria	Existência de postagens que contemplaram essa subcategoria temática.

<p><b>Meios de Comunicação:</b> Postagens sobre os impactos dos meios de comunicação no imaginário social, referente às mulheres negras</p>	<p><b>ME</b></p>	<p><b>Manutenção</b></p>	<p>Não há descrição de nova subcategoria</p>	<p>Existência de postagens que contemplaram essa subcategoria temática.</p>
<p><b>Mercado de Trabalho:</b> Postagens sobre os ganhos obtidos na luta feminista, os avanços, as desigualdades que se apresentam, as profissionais com seus destaques e limitações, as atividades realizadas, dependência financeira, empreendedorismo.</p>	<p><b>MT</b></p>	<p><b>Manutenção</b></p>	<p>Não há descrição de nova subcategoria</p>	<p>Existência de postagens que contemplaram essa subcategoria temática.</p>
<p><b>Sentimentos:</b> Postagens com conteúdos sobre afetos, solidão, solidariedade, relacionamentos</p>	<p><b>SE</b></p>	<p><b>Manutenção</b></p>	<p>Não há descrição de nova subcategoria</p>	<p>Existência de postagens que contemplaram essa subcategoria temática.</p>

<p><b>Padrões Estéticos:</b> Postagens referentes aos padrões de beleza instituídos, construção de identidade a partir de referenciais de beleza, cabelo e outros, bem como os impactos nas relações sociais.</p>	<p><b>PE</b></p>	<p><b>Manutenção</b></p>	<p>Não há descrição de nova subcategoria</p>	<p>Existência de postagens que contemplaram essa subcategoria temática.</p>
<p><b>Violência:</b> Postagens com narrativas que abordam a violência nessa perspectiva será analisada sob o olhar da mulher negra e busca circundar a violência.</p>	<p><b>VI</b></p>	<p><b>Manutenção</b></p>	<p>Não há descrição de nova subcategoria</p>	<p>Existência de postagens que contemplaram essa subcategoria temática.</p>
<p><b>História de vida:</b> Postagens relativas as histórias de vida das mulheres negras.</p>	<p><b>HV</b></p>	<p><b>Manutenção</b></p>	<p>Não há descrição de nova subcategoria</p>	<p>Existência de postagens que contemplaram essa subcategoria temática.</p>
<p><b>Vida Cotidiana:</b> Postagens que descrevem aspectos que denotam comportamentos da vida cotidiana.</p>	<p><b>VC</b></p>	<p><b>Manutenção</b></p>	<p>Não há descrição de nova subcategoria</p>	<p>Existência de postagens que contemplaram essa subcategoria temática.</p>

<p><b>Mobilização coletiva:</b> tem um significado que se difere dos movimentos sociais</p>	<p><b>MC</b></p>	<p><b>Substituído por</b></p>	<p><b>Movimentos Sociais (MS):</b> Postagens referentes aos movimentos e manifestações sociais, políticas e de classe do grupo de mulheres negras como formas coletivas de engajamento e luta pelos direitos à cidadania.</p>	<p>Refere-se a ação coletiva de um grupo organizado que defende alguma causa ou objetivo com demanda e pautas direcionadas e definidas e que demandam alteração em uma estrutura social.</p>
<p><b>Manifestações Culturais:</b> o entendimento antropológico de cultura é muito mais amplo que os gêneros textuais descritos anteriormente.</p>	<p><b>MCL</b></p>	<p><b>Substituído por</b></p>	<p><b>Manifestações Artísticas (MA):</b> Postagens sobre temas e expressão das diferentes linguagens como música, dança, pintura, escultura, teatro, literatura, cinema, fotografia, história em quadrinhos (HQ), jogos eletrônicos e arte digital. [ LI – Literatura CI – Cinema]</p>	<p>Refere-se às formas de expressões artísticas, estéticas para manifestar as emoções.</p>

<b>Religião</b>	<b>RE</b>	<b>Nova subcategoria</b>	Postagens compostas pela descrição da relação das mulheres negras com as manifestações religiosas.	*****
<b>Política</b>	<b>PO</b>	<b>Nova subcategoria</b>	Postagens relativas a projetos de ações políticas, organizações políticas, projetos de leis.	*****
<b>Evento</b>	<b>EV</b>	<b>Nova subcategoria</b>	Postagens relativas comemorações, cerimônias, fóruns, saraus, mostras, encontros que divulgam ações de mulheres negras.	Subcategoria que emergiu do corpus da pesquisa
<b>Direitos Humanos</b>	<b>DH</b>	<b>Nova subcategoria</b>	Postagens que trazem como pauta os Direitos Humanos e a sua relação com as mulheres negras.	Subcategoria que emergiu do corpus da pesquisa

<b>Feminismo Negro</b>	<b>FN</b>	<b>Nova subcategoria</b>	Postagens compostas por textos que discutem o estudo e as abordagens do Feminismo negro.	Subcategoria que emergiu do corpus da pesquisa
<b>Esporte</b>	<b>ES</b>	<b>Nova subcategoria</b>	Postagens compostas pelas manifestações de atividades esportivas relacionadas às mulheres negras.	Subcategoria que emergiu do corpus da pesquisa
<b>Racismo</b>	<b>RA</b>	<b>Nova subcategoria</b>	Postagens compostas por textos que discutem o estudo e as abordagens sobre o racismo.	Subcategoria que emergiu do corpus da pesquisa
<b>Saúde:</b> Postagens sobre as condições de saúde das mulheres negras.	<b>SA</b>	<b>Exclusão</b>	Não há descrição de nova subcategoria	Não houve postagem que contemplasse essa categoria

## APÊNDICE C - LISTA DE TÍTULOS E LINKS DAS POSTAGENS PRODUZIDAS

P1	Minha produção de conhecimento histórico é contaminada pela condição de mulher negra e quilombola	<a href="https://www.geledes.org.br/minha-producao-de-conhecimento-historico-e-contaminada-pela-condicao-de-mulher-negra-e-quilombola/">https://www.geledes.org.br/minha-producao-de-conhecimento-historico-e-contaminada-pela-condicao-de-mulher-negra-e-quilombola/</a>
P2	Comentários sobre a Carta de Juristas Negras na III Conferência Nacional da Mulher Advogada	<a href="https://www.geledes.org.br/comentarios-sobre-a-carta-de-juristas-negras-na-iii-conferencia-nacional-da-mulher-advogada/">https://www.geledes.org.br/comentarios-sobre-a-carta-de-juristas-negras-na-iii-conferencia-nacional-da-mulher-advogada/</a>
P3	Poderia a história do Brasil ser contada a partir da trajetória das mulheres negras?	<a href="https://www.geledes.org.br/poderia-a-historia-do-brasil-ser-contada-a-partir-da-trajetoria-das-mulheres-negras/">https://www.geledes.org.br/poderia-a-historia-do-brasil-ser-contada-a-partir-da-trajetoria-das-mulheres-negras/</a>
P4	Benedita da Silva: Com a Bíblia numa mão e Cinema na Outra	<a href="https://www.geledes.org.br/benedita-da-silva-com-a-biblia-numa-mao-e-cinema-na-outra/">https://www.geledes.org.br/benedita-da-silva-com-a-biblia-numa-mao-e-cinema-na-outra/</a>
P5	Solidão da mulher negra	<a href="https://www.geledes.org.br/solidao-da-mulher-negra/">https://www.geledes.org.br/solidao-da-mulher-negra/</a>
P6	Como seria se a história fosse contada por nós?	<a href="https://www.geledes.org.br/como-seria-se-a-historia-fosse-contada-por-nos/">https://www.geledes.org.br/como-seria-se-a-historia-fosse-contada-por-nos/</a>
P7	Dilma Souza Campos participa de livro da USP	<a href="https://www.geledes.org.br/dilma-souza-campos-participa-de-livro-da-usp/">https://www.geledes.org.br/dilma-souza-campos-participa-de-livro-da-usp/</a>
P8	Narrativa confessional: exercício de autoconhecimento como ato político	<a href="https://www.geledes.org.br/narrativa-confessional-exercicio-de-autoconhecimento-como-ato-politico/">https://www.geledes.org.br/narrativa-confessional-exercicio-de-autoconhecimento-como-ato-politico/</a>
P9	Angela Davis nos dá esperança!	<a href="https://www.geledes.org.br/angela-davis-nos-da-esperanca/">https://www.geledes.org.br/angela-davis-nos-da-esperanca/</a>
P10	Conferência Patricia Hill Collins – 29/10/2019 às 17h na FFLCH/USP	<a href="https://www.geledes.org.br/conferencia-patricia-hill-collins-29-10-2019-as-17h-na-fflch-usp/">https://www.geledes.org.br/conferencia-patricia-hill-collins-29-10-2019-as-17h-na-fflch-usp/</a>
P11	A Vida Invisível de Filomena	<a href="https://www.geledes.org.br/a-vida-in-visivel-de-filomena/">https://www.geledes.org.br/a-vida-in-visivel-de-filomena/</a>

<b>P12</b>	Nasce uma heroína: Nola Darling, a mulher negra e a reinvenção do amor	<a href="https://www.geledes.org.br/nasce-uma-heroina-nola-darling-a-mulher-negra-e-a-reinvencao-do-amor/">https://www.geledes.org.br/nasce-uma-heroina-nola-darling-a-mulher-negra-e-a-reinvencao-do-amor/</a>
<b>P13</b>	8ª edição da FLUP destaca o feminismo negro e celebra a poesia falada	<a href="https://www.geledes.org.br/8a-edicao-da-flup-destaca-o-feminismo-negro-e-celebra-a-poesia-falada/">https://www.geledes.org.br/8a-edicao-da-flup-destaca-o-feminismo-negro-e-celebra-a-poesia-falada/</a>
<b>P14</b>	Cris Guterres é homenageada com o Prêmio Ruth de Souza	<a href="https://www.geledes.org.br/cris-guterres-e-homenageada-com-o-premio-ruth-de-souza/">https://www.geledes.org.br/cris-guterres-e-homenageada-com-o-premio-ruth-de-souza/</a>
<b>P15</b>	O dia mais triste do ano	<a href="https://www.geledes.org.br/o-dia-mais-triste-do-ano/">https://www.geledes.org.br/o-dia-mais-triste-do-ano/</a>
<b>P16</b>	Vilma Reis em visita à sede do Geledés	<a href="https://www.geledes.org.br/vilma-reis-em-visita-a-sede-do-geledes/">https://www.geledes.org.br/vilma-reis-em-visita-a-sede-do-geledes/</a>
<b>P17</b>	Carla Akotirene lança “Ó Pa Í, Prezada” nessa terça em Salvador	<a href="https://www.geledes.org.br/carla-akotirene-lanca-o-pa-i-prezada-nessa-terca-em-salvador/">https://www.geledes.org.br/carla-akotirene-lanca-o-pa-i-prezada-nessa-terca-em-salvador/</a>
<b>P18</b>	“Casamento e Mulheres Negras: Leis versus Demandas”	<a href="https://www.geledes.org.br/casamento-e-mulheres-negras-leis-versus-demandas/">https://www.geledes.org.br/casamento-e-mulheres-negras-leis-versus-demandas/</a>
<b>P19</b>	Aula aberta e gratuita de dança afro, em São Paulo, celebra a riqueza ancestral no Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha	<a href="https://www.geledes.org.br/aula-aberta-e-gratuita-de-danca-afro-em-sao-paulo-celebra-a-riqueza-ancestral-no-dia-da-mulher-negra-latino-americana-e-caribenha/">https://www.geledes.org.br/aula-aberta-e-gratuita-de-danca-afro-em-sao-paulo-celebra-a-riqueza-ancestral-no-dia-da-mulher-negra-latino-americana-e-caribenha/</a>
<b>P20</b>	Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha conta com eventos especiais nas Fábricas de Cultura	<a href="https://www.geledes.org.br/dia-internacional-da-mulher-negra-latino-americana-e-caribenha-conta-com-eventos-especiais-nas-fabricas-de-cultura/">https://www.geledes.org.br/dia-internacional-da-mulher-negra-latino-americana-e-caribenha-conta-com-eventos-especiais-nas-fabricas-de-cultura/</a>
<b>P21</b>	É só uma mulher negra	<a href="https://www.geledes.org.br/e-so-uma-mulher-negra/">https://www.geledes.org.br/e-so-uma-mulher-negra/</a>
<b>P22</b>	Lembrando Luiza Bairros – 12 de Julho de 2016	<a href="https://www.geledes.org.br/lembrando-luiza-bairros-12-de-julho-de-2016/">https://www.geledes.org.br/lembrando-luiza-bairros-12-de-julho-de-2016/</a>

<b>P23</b>	Miriam Alves participa de clube de leitura sobre a sua obra “Bará”, no Sesc Paulista	<a href="https://www.geledes.org.br/miriam-alves-participa-de-clube-de-leitura-sobre-a-sua-obra-bara-no-sesc-paulista/">https://www.geledes.org.br/miriam-alves-participa-de-clube-de-leitura-sobre-a-sua-obra-bara-no-sesc-paulista/</a>
<b>P24</b>	Ações afirmativas para mulheres negras no Brasil	<a href="https://www.geledes.org.br/acoes-afirmativas-para-mulheres-negras-no-brasil/">https://www.geledes.org.br/acoes-afirmativas-para-mulheres-negras-no-brasil/</a>
<b>P25</b>	A correria das mulheres negras ou quem vai dominar o mundo	<a href="https://www.geledes.org.br/a-correria-das-mulheres-negras-ou-quem-vai-dominar-o-mundo/">https://www.geledes.org.br/a-correria-das-mulheres-negras-ou-quem-vai-dominar-o-mundo/</a>
<b>P26</b>	Feminismo negro e educação	<a href="https://www.geledes.org.br/feminismo-negro-e-educacao/">https://www.geledes.org.br/feminismo-negro-e-educacao/</a>
<b>P27</b>	Oyinkan Braithwaite, autora de “Minha irmã, a serial killer”, participa de eventos literários no Brasil	<a href="https://www.geledes.org.br/oyinkan-braithwaite-autora-de-minha-irma-a-serial-killer-participa-de-eventos-literarios-no-brasil/">https://www.geledes.org.br/oyinkan-braithwaite-autora-de-minha-irma-a-serial-killer-participa-de-eventos-literarios-no-brasil/</a>

**APÊNDICE D – LISTA DE TÍTULOS E LINKS DAS POSTAGENS  
COMPARTILHADAS**

	Título da postagem	Link da postagem
<b>P1</b>	Meu útero foi removido sem eu saber e só descobri 11 anos depois	<a href="https://www.geledes.org.br/meu-utero-foi-removido-sem-eu-saber-e-so-descobri-11-anos-depois/">https://www.geledes.org.br/meu-utero-foi-removido-sem-eu-saber-e-so-descobri-11-anos-depois/</a>
<b>P2</b>	Como as bailarinas não brancas estão mudando a paleta de cores da dança	<a href="https://www.geledes.org.br/como-as-bailarinas-nao-brancas-estao-mudando-a-paleta-de-cores-da-danca/">https://www.geledes.org.br/como-as-bailarinas-nao-brancas-estao-mudando-a-paleta-de-cores-da-danca/</a>
<b>P3</b>	Pacto contra o racismo	<a href="https://www.geledes.org.br/pacto-contra-o-racismo/">https://www.geledes.org.br/pacto-contra-o-racismo/</a>
<b>P4</b>	Na luta contra as opressões atuais, mulheres camponesas se aprofundam na história do feminismo	<a href="https://www.geledes.org.br/na-luta-contra-as-opressoes-atuais-mulheres-camponesas-se-aprofundam-na-historia-do-feminismo/">https://www.geledes.org.br/na-luta-contra-as-opressoes-atuais-mulheres-camponesas-se-aprofundam-na-historia-do-feminismo/</a>
<b>P5</b>	Roda de conversa no Sesc debaterá racismo e papel da mulher negra em Brusque	<a href="https://www.geledes.org.br/roda-de-conversa-no-sesc-debatera-racismo-e-papel-da-mulher-negra-em-brusque/">https://www.geledes.org.br/roda-de-conversa-no-sesc-debatera-racismo-e-papel-da-mulher-negra-em-brusque/</a>
<b>P6</b>	Legado vivo: trançar o cabelo é mais do que um código estético	<a href="https://www.geledes.org.br/legado-vivo-trancar-o-cabelo-e-mais-do-que-um-codigo-estetico/">https://www.geledes.org.br/legado-vivo-trancar-o-cabelo-e-mais-do-que-um-codigo-estetico/</a>
<b>P7</b>	Dia internacional da Mulher: as lições de uma militante de 95 anos	<a href="https://www.geledes.org.br/dia-internacional-da-mulher-as-licoes-de-uma-militante-de-95-anos/">https://www.geledes.org.br/dia-internacional-da-mulher-as-licoes-de-uma-militante-de-95-anos/</a>
<b>P8</b>	Virgínia Bicudo, a brasileira pioneira em estudos raciais na psicanálise	<a href="https://www.geledes.org.br/virginia-bicudo-a-brasileira-pioneira-em-estudos-raciais-na-psicanalise/">https://www.geledes.org.br/virginia-bicudo-a-brasileira-pioneira-em-estudos-raciais-na-psicanalise/</a>

<b>P9</b>	Sou cineasta negra e quero falar do racismo no audiovisual brasileiro	<a href="https://www.geledes.org.br/sou-cineasta-negra-e-quero-falar-do-racismo-no-audiovisual-brasileiro/?utm_source=pushnews&amp;utm_medium=pushnotification">https://www.geledes.org.br/sou-cineasta-negra-e-quero-falar-do-racismo-no-audiovisual-brasileiro/?utm_source=pushnews&amp;utm_medium=pushnotification</a>
<b>P10</b>	Na CNN Brasil, Luciana Barreto não quer ser a “âncora negra”	<a href="https://www.geledes.org.br/na-cnn-brasil-luciana-barreto-nao-quer-ser-a-ancora-negra/">https://www.geledes.org.br/na-cnn-brasil-luciana-barreto-nao-quer-ser-a-ancora-negra/</a>
<b>P11</b>	Sou uma mulher negra e a minha invisibilidade é real	<a href="https://www.geledes.org.br/sou-uma-mulher-negra-e-a-minha-invisibilidade-e-real/">https://www.geledes.org.br/sou-uma-mulher-negra-e-a-minha-invisibilidade-e-real/</a>
<b>P12</b>	Para abalar estruturas, projeto promove educação financeira para mulheres negras	<a href="https://www.geledes.org.br/para-abalar-estruturas-projeto-promove-educacao-financiera-para-mulheres-negras/">https://www.geledes.org.br/para-abalar-estruturas-projeto-promove-educacao-financiera-para-mulheres-negras/</a>
<b>P13</b>	A mulher negra que desafia o capital imobiliário	<a href="https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-que-desafia-o-capital-imobiliario/?utm_source=pushnews&amp;utm_medium=pushnotification">https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-que-desafia-o-capital-imobiliario/?utm_source=pushnews&amp;utm_medium=pushnotification</a>
<b>P14</b>	Não desmereço pesquisas com foco apenas em gênero. Mas quando não se faz o recorte da raça, dá a entender que isso é algo menor”	<a href="https://www.geledes.org.br/nao-desmereco-pesquisas-com-foco-apenas-em-genero-mas-quando-nao-se-faz-o-recorte-da-raca-da-a-entender-que-isso-e-algo-menor/">https://www.geledes.org.br/nao-desmereco-pesquisas-com-foco-apenas-em-genero-mas-quando-nao-se-faz-o-recorte-da-raca-da-a-entender-que-isso-e-algo-menor/</a>
<b>P15</b>	Tia Má: ‘Mulher preta nunca é chamada de princesa’	<a href="https://www.geledes.org.br/tia-ma-mulher-preta-nunca-e-chamada-de-princesa/">https://www.geledes.org.br/tia-ma-mulher-preta-nunca-e-chamada-de-princesa/</a>
<b>P16</b>	Uma carta de amor para as minhas amigas negras	<a href="https://www.geledes.org.br/uma-carta-de-amor-para-as-minhas-amigas-negras/?utm_source=pushnews&amp;utm_medium=pushnotification">https://www.geledes.org.br/uma-carta-de-amor-para-as-minhas-amigas-negras/?utm_source=pushnews&amp;utm_medium=pushnotification</a>
<b>P17</b>	Jurema Werneck: ‘Boa parte da população negra não tem acesso a saneamento e água. Comprar álcool em gel, nem pensar’	<a href="https://www.geledes.org.br/jurema-werneck-boa-parte-da-populacao-negra-nao-tem-acesso-a-saneamento-e-agua-comprar-alcool-em-gel-nem-pensar/">https://www.geledes.org.br/jurema-werneck-boa-parte-da-populacao-negra-nao-tem-acesso-a-saneamento-e-agua-comprar-alcool-em-gel-nem-pensar/</a>

<b>P18</b>	Nome quente no cinema nacional, a portuguesa Isabel Zuaa viverá Lilith	<a href="https://www.geledes.org.br/nome-quente-no-cinema-nacional-a-portuguesa-isabel-zuaa-vivera-lilith/">https://www.geledes.org.br/nome-quente-no-cinema-nacional-a-portuguesa-isabel-zuaa-vivera-lilith/</a>
<b>P19</b>	Alicia Keys sobre objetificação: 'Olhava capa de revista e quase vomitava'	<a href="https://www.geledes.org.br/alicia-keys-sobre-objetificacao-olhava-capade-revista-e-quase-vomitava/">https://www.geledes.org.br/alicia-keys-sobre-objetificacao-olhava-capade-revista-e-quase-vomitava/</a>
<b>P20</b>	Barbara Reis fala do racismo na infância: "Não podia gostar dele, pois era preta"	<a href="https://www.geledes.org.br/barbara-reis-fala-do-racismo-na-infancia-nao-podia-gostar-dele-pois-era-preta/">https://www.geledes.org.br/barbara-reis-fala-do-racismo-na-infancia-nao-podia-gostar-dele-pois-era-preta/</a>
<b>P21</b>	Perfis Femininos – Luiza Bairros	<a href="https://www.geledes.org.br/perfis-femininos-luiza-bairros/">https://www.geledes.org.br/perfis-femininos-luiza-bairros/</a>
<b>P22</b>	Djamila Ribeiro indica livros para ler durante isolamento por coronavírus	<a href="https://www.geledes.org.br/djamila-ribeiro-indica-livros-para-ler-durante-isolamento-por-coronavirus/">https://www.geledes.org.br/djamila-ribeiro-indica-livros-para-ler-durante-isolamento-por-coronavirus/</a>
<b>P23</b>	"Minha realidade como mulher, negra e militar é complexa. Que nunca deixemos de ser resistência"- diz Stephany	<a href="https://www.geledes.org.br/minha-realidade-como-mulher-negra-e-militar-e-complexa-que-nunca-deixemos-de-ser-resistencia-diz-stephany/">https://www.geledes.org.br/minha-realidade-como-mulher-negra-e-militar-e-complexa-que-nunca-deixemos-de-ser-resistencia-diz-stephany/</a>
<b>P24</b>	Sou um ato político', diz 1ª passista plus size da Mocidade Alegre	<a href="https://www.geledes.org.br/sou-um-ato-politico-diz-1a-passista-plus-size-da-mocidade-alegre/">https://www.geledes.org.br/sou-um-ato-politico-diz-1a-passista-plus-size-da-mocidade-alegre/</a>
<b>P25</b>	A produção de autoria negra é muito maior do que o mercado editorial apresenta'	<a href="https://www.geledes.org.br/a-producao-de-autoria-negra-e-muito-maior-do-que-o-mercado-editorial-apresenta/">https://www.geledes.org.br/a-producao-de-autoria-negra-e-muito-maior-do-que-o-mercado-editorial-apresenta/</a>
<b>P26</b>	Selminha Sorriso completa 25 carnavais na Beija-Flor e se torna porta-bandeira há mais tempo consecutivo numa escola	<a href="https://www.geledes.org.br/selminha-sorriso-completa-25-carnavais-na-beija-flor-e-se-torna-porta-bandeira-ha-mais-tempo-consecutivo-numa-escola/">https://www.geledes.org.br/selminha-sorriso-completa-25-carnavais-na-beija-flor-e-se-torna-porta-bandeira-ha-mais-tempo-consecutivo-numa-escola/</a>
<b>P27</b>	Mulheres negras do Nordeste se preparam para disputar eleições municipais em 2020	<a href="https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-do-nordeste-se-preparam-para-disputar-eleicoes-municipais-em-2020/">https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-do-nordeste-se-preparam-para-disputar-eleicoes-municipais-em-2020/</a>

<b>P28</b>	Agendas, cadernos e calendários com temáticas feminista e antirracista ganham destaque na papelaria nacional	<a href="https://www.geledes.org.br/agendas-cadernos-e-calendarios-com-tematicas-feminista-e-antirracista-ganham-destaque-na-papelaria-nacional/">https://www.geledes.org.br/agendas-cadernos-e-calendarios-com-tematicas-feminista-e-antirracista-ganham-destaque-na-papelaria-nacional/</a>
<b>P29</b>	Ministro Paulo Guedes, fui empregada doméstica e preciso te dizer uma coisa	<a href="https://www.geledes.org.br/ministro-paulo-guedes-fui-empregada-domestica-e-preciso-te-dizer-uma-coisa/#:~:text=Ministro%20Paulo%20Guedes%2C%20fui%20empregada%20dom%C3%A9stica%20e%20preciso%20te%20dizer%20uma%20coisa,-14%2F02%2F2020&amp;text=O%20Brasil%20ainda%20vive%20um,empregadas%20dom%C3%A9sticas%20iam%20%C3%A0%20Disney.">https://www.geledes.org.br/ministro-paulo-guedes-fui-empregada-domestica-e-preciso-te-dizer-uma-coisa/#:~:text=Ministro%20Paulo%20Guedes%2C%20fui%20empregada%20dom%C3%A9stica%20e%20preciso%20te%20dizer%20uma%20coisa,-14%2F02%2F2020&amp;text=O%20Brasil%20ainda%20vive%20um,empregadas%20dom%C3%A9sticas%20iam%20%C3%A0%20Disney.</a>
<b>P30</b>	De volta à África do Sul, Miss Universo inspira jovens mulheres negras	<a href="https://www.geledes.org.br/de-volta-a-africa-do-sul-miss-universo-inspira-jovens-mulheres-negras/">https://www.geledes.org.br/de-volta-a-africa-do-sul-miss-universo-inspira-jovens-mulheres-negras/</a>
<b>P31</b>	Michelle relembra dificuldades com Barack Obama após nascimento das filhas	<a href="https://www.geledes.org.br/michelle-relembra-dificuldades-com-barack-obama-apos-nascimento-das-filhas/">https://www.geledes.org.br/michelle-relembra-dificuldades-com-barack-obama-apos-nascimento-das-filhas/</a>
<b>P32</b>	A história de Mary Beatrice, mulher negra que inventou o absorvente	<a href="https://www.geledes.org.br/a-historia-de-mary-beatrice-mulher-negra-que-inventou-o-absorvente/">https://www.geledes.org.br/a-historia-de-mary-beatrice-mulher-negra-que-inventou-o-absorvente/</a>
<b>P33</b>	Carla Akotirene: de cordeira do Ilê Aiyê a intelectual festejada	<a href="https://www.geledes.org.br/carla-akotirene-de-cordeira-do-ile-aiye-a-intelectual-festejada/">https://www.geledes.org.br/carla-akotirene-de-cordeira-do-ile-aiye-a-intelectual-festejada/</a>
<b>P34</b>	É muito bom ligar a TV e receber um “Bom Dia” da Fernanda Carvalho	<a href="https://www.geledes.org.br/e-muito-bom-ligar-a-tv-e-receber-um-bom-dia-da-fernanda-carvalho/">https://www.geledes.org.br/e-muito-bom-ligar-a-tv-e-receber-um-bom-dia-da-fernanda-carvalho/</a>
<b>P35</b>	A influencer de beleza sem pernas e braços	<a href="https://www.geledes.org.br/a-influencer-de-beleza-sem-pernas-e-bracos/">https://www.geledes.org.br/a-influencer-de-beleza-sem-pernas-e-bracos/</a>

<b>P36</b>	Joacine: “Eu nasci para estar ali. Vou continuar ali. Não me imagino em mais sítio nenhum”	<a href="https://www.geledes.org.br/joacine-eu-nasci-para-estar-ali-vou-continuar-ali-nao-me-imagino-em-mais-sitio-nenhum/">https://www.geledes.org.br/joacine-eu-nasci-para-estar-ali-vou-continuar-ali-nao-me-imagino-em-mais-sitio-nenhum/</a>
<b>P37</b>	Defensoria desenvolve campanha que estimula a leitura de obras produzidas por mulheres negras	<a href="https://www.geledes.org.br/defensoria-a-desenvolve-campanha-que-estimula-a-leitura-de-obras-produzidas-por-mulheres-negras/">https://www.geledes.org.br/defensoria-a-desenvolve-campanha-que-estimula-a-leitura-de-obras-produzidas-por-mulheres-negras/</a>
<b>P38</b>	Executiva do Google dá dicas para criar e manter boa rede de relacionamento	<a href="https://www.geledes.org.br/executiva-do-google-da-dicas-para-criar-e-manter-boa-rede-de-relacionamento/">https://www.geledes.org.br/executiva-do-google-da-dicas-para-criar-e-manter-boa-rede-de-relacionamento/</a>
<b>P39</b>	Conheça a história de Enedina Marques, a primeira engenheira negra do Brasil	<a href="https://www.geledes.org.br/conheca-a-historia-de-enedina-marques-a-primeira-engenheira-negra-do-brasil/">https://www.geledes.org.br/conheca-a-historia-de-enedina-marques-a-primeira-engenheira-negra-do-brasil/</a>
<b>P40</b>	Qual a diferença entre ser mulher negra e homem branco na hora de investir?	<a href="https://www.geledes.org.br/qual-a-diferenca-entre-ser-mulher-negra-e-homem-branco-na-hora-de-investir/">https://www.geledes.org.br/qual-a-diferenca-entre-ser-mulher-negra-e-homem-branco-na-hora-de-investir/</a>
<b>P41</b>	Erika Januza fala de racismo em relacionamentos: ‘Ficar escondido, pode; assumir são outros 500’	<a href="https://www.geledes.org.br/erika-januza-fala-de-racismo-em-relacionamentos-ficar-escondido-pode-assumir-sao-outros-500/">https://www.geledes.org.br/erika-januza-fala-de-racismo-em-relacionamentos-ficar-escondido-pode-assumir-sao-outros-500/</a>
<b>P42</b>	Mulheres negras desbravam o mundo: “Corpo negro viajante causa incômodo”	<a href="https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-desbravam-o-mundo-corpo-negro-viajante-causa-incomodo/">https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-desbravam-o-mundo-corpo-negro-viajante-causa-incomodo/</a>
<b>P43</b>	Até quando haverá racismo contra as mulheres negras em Portugal?	<a href="https://www.geledes.org.br/ate-quando-havera-racismo-contra-as-mulheres-negras-em-portugal/">https://www.geledes.org.br/ate-quando-havera-racismo-contra-as-mulheres-negras-em-portugal/</a>

<b>P44</b>	Mulheres negras são maioria entre evangélicos, aponta Datafolha	<a href="https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-sao-maioria-entre-evangelicos-aponta-datafolha/">https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-sao-maioria-entre-evangelicos-aponta-datafolha/</a>
<b>P45</b>	“Meu trabalho é sobre a possibilidade de ter saúde financeira ganhando um salário mínimo”, afirma criadora do Finanças com a Nath	<a href="https://www.geledes.org.br/meu-trabalho-e-sobre-a-possibilidade-de-ter-saude-financeira-ganhando-um-salario-minimo-afirma-criadora-do-financas-com-a-nath/">https://www.geledes.org.br/meu-trabalho-e-sobre-a-possibilidade-de-ter-saude-financeira-ganhando-um-salario-minimo-afirma-criadora-do-financas-com-a-nath/</a>
<b>P46</b>	‘Queria ler uma história com a qual eu me identificasse, diz a escritora N.K. Jemisin	<a href="https://www.geledes.org.br/queria-ler-uma-historia-com-a-qual-eu-me-identificasse-diz-a-escritora-n-k-jemisin/">https://www.geledes.org.br/queria-ler-uma-historia-com-a-qual-eu-me-identificasse-diz-a-escritora-n-k-jemisin/</a>
<b>P47</b>	Designer abre portas para mulheres negras no mercado de tecnologia	<a href="https://www.geledes.org.br/designer-abre-portas-para-mulheres-negras-no-mercado-de-tecnologia/">https://www.geledes.org.br/designer-abre-portas-para-mulheres-negras-no-mercado-de-tecnologia/</a>
<b>P48</b>	“As pessoas se assustam vendo uma mulher negra juíza”, revela magistrada Mariana Machado	<a href="https://www.geledes.org.br/as-peopleas-se-assustam-vendo-uma-mulher-negra-juiza-revela-magistrada-mariana-machado/">https://www.geledes.org.br/as-peopleas-se-assustam-vendo-uma-mulher-negra-juiza-revela-magistrada-mariana-machado/</a>
<b>P49</b>	Conceição Evaristo: “A questão racial não é para o negro resolver”	<a href="https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-a-questao-racial-nao-e-para-o-negro-resolver/">https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-a-questao-racial-nao-e-para-o-negro-resolver/</a>
<b>P50</b>	Taís Araújo sobre os cabelos crespos: “Me apropriei das minhas origens”	<a href="https://www.geledes.org.br/tais-araujo-sobre-os-cabelos-crespos-me-apropriei-das-minhas-origens/">https://www.geledes.org.br/tais-araujo-sobre-os-cabelos-crespos-me-apropriei-das-minhas-origens/</a>
<b>P51</b>	Ela milita pelo reconhecimento intelectual de mulheres negras no Brasil	<a href="https://www.geledes.org.br/ela-milita-pelo-reconhecimento-intelectual-de-mulheres-negras-no-brasil/">https://www.geledes.org.br/ela-milita-pelo-reconhecimento-intelectual-de-mulheres-negras-no-brasil/</a>

<b>P52</b>	Vencedora do Slam BR 2019, Kimani transforma raiva em versos e vai representar o Brasil no campeonato mundial de poesia falada na França	<a href="https://www.geledes.org.br/vencedor-a-do-slam-br-2019-kimani-transforma-raiva-em-versos-e-vai-representar-o-brasil-no-campeonato-mundial-de-poesia-falada-na-franca/">https://www.geledes.org.br/vencedor-a-do-slam-br-2019-kimani-transforma-raiva-em-versos-e-vai-representar-o-brasil-no-campeonato-mundial-de-poesia-falada-na-franca/</a>
<b>P53</b>	Mulheres Negras: Cinema é COISA NOSSA!	<a href="https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-cinema-e-coisa-nossa/">https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-cinema-e-coisa-nossa/</a>
<b>P54</b>	Ana Paula Xongani: 'Trabalho para a revolução de ser uma mulher preta feliz e bem-sucedida'	<a href="https://www.geledes.org.br/ana-paula-xongani-trabalho-para-a-revolucao-de-ser-uma-mulher-preta-feliz-e-bem-sucedida/">https://www.geledes.org.br/ana-paula-xongani-trabalho-para-a-revolucao-de-ser-uma-mulher-preta-feliz-e-bem-sucedida/</a>
<b>P55</b>	Representatividade é para já	<a href="https://www.geledes.org.br/representatividade-e-para-ja/">https://www.geledes.org.br/representatividade-e-para-ja/</a>
<b>P56</b>	'Meus pais diziam a todo mundo que eu tinha morrido': como jovem descobriu a razão de sua adoção	<a href="https://www.geledes.org.br/meus-pais-diziam-a-todo-mundo-que-eu-tinha-morrido-como-jovem-descobriu-a-razao-de-sua-adoacao/">https://www.geledes.org.br/meus-pais-diziam-a-todo-mundo-que-eu-tinha-morrido-como-jovem-descobriu-a-razao-de-sua-adoacao/</a>
<b>P57</b>	Michelle Obama: 'Muitos dos homens que estão em posições de liderança não merecem estar'	<a href="https://www.geledes.org.br/michelle-obama-muitos-dos-homens-que-estao-em-posicoes-de-lideranca-nao-merecem-estar/">https://www.geledes.org.br/michelle-obama-muitos-dos-homens-que-estao-em-posicoes-de-lideranca-nao-merecem-estar/</a>
<b>P58</b>	Clássico do feminismo negro, obra de estreia de bell hooks é relançada no Brasil	<a href="https://www.geledes.org.br/classico-do-feminismo-negro-obra-de-estreia-de-bell-hooks-e-relancada-no-brasil/">https://www.geledes.org.br/classico-do-feminismo-negro-obra-de-estreia-de-bell-hooks-e-relancada-no-brasil/</a>
<b>P59</b>	Mulheres Negras e a (Não) Efetivação dos Direitos Humanos	<a href="https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-e-a-nao-efetivacao-dos-direitos-humanos/">https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-e-a-nao-efetivacao-dos-direitos-humanos/</a>
<b>P60</b>	O discurso da nova Miss Universo é extremamente necessário a todos	<a href="https://www.geledes.org.br/o-discurso-da-nova-miss-universo-e-extremamente-necessario-a-todos/">https://www.geledes.org.br/o-discurso-da-nova-miss-universo-e-extremamente-necessario-a-todos/</a>

<b>P61</b>	Programa Marielle Franco, conheça as propostas selecionadas!	<a href="https://www.geledes.org.br/programa-marielle-franco-conheca-as-propostas-selecionadas/">https://www.geledes.org.br/programa-marielle-franco-conheca-as-propostas-selecionadas/</a>
<b>P62</b>	Maria vai com as outras #8: Feminismo Negro	<a href="https://www.geledes.org.br/maria-vai-com-as-outras-8-feminismo-negro/">https://www.geledes.org.br/maria-vai-com-as-outras-8-feminismo-negro/</a>
<b>P63</b>	A refugiada sudanesa Adut Akech: bonita por dentro e por fora	<a href="https://www.geledes.org.br/a-refugiada-sudanesa-adut-akech-bonita-por-dentro-e-por-fora/">https://www.geledes.org.br/a-refugiada-sudanesa-adut-akech-bonita-por-dentro-e-por-fora/</a>
<b>P64</b>	Chimamanda Ngozi Adichie: “Não estava em meus planos ser um ícone feminista”	<a href="https://www.geledes.org.br/chimamanda-ngozi-adichie-nao-estava-em-meus-planos-ser-um-icone-feminista/">https://www.geledes.org.br/chimamanda-ngozi-adichie-nao-estava-em-meus-planos-ser-um-icone-feminista/</a>
<b>P65</b>	Pelo direito à vida das mulheres	<a href="https://www.geledes.org.br/pelo-direito-a-vida-das-mulheres/">https://www.geledes.org.br/pelo-direito-a-vida-das-mulheres/</a>
<b>P66</b>	Mulher, negra e presidente de gigante de investimentos explica por que diversidade é boa para os negócios	<a href="https://www.geledes.org.br/mulher-negra-e-presidente-de-gigante-de-investimentos-explica-por-que-diversidade-e-boa-para-os-negocios/">https://www.geledes.org.br/mulher-negra-e-presidente-de-gigante-de-investimentos-explica-por-que-diversidade-e-boa-para-os-negocios/</a>
<b>P67</b>	O futuro pode ser o que a gente quiser’, diz pesquisadora queniana que usa tecnologia para empoderar mulheres	<a href="https://www.geledes.org.br/o-futuro-pode-ser-o-que-a-gente-quiser-diz-pesquisadora-queniana-que-usa-tecnologia-para-empoderar-mulheres/">https://www.geledes.org.br/o-futuro-pode-ser-o-que-a-gente-quiser-diz-pesquisadora-queniana-que-usa-tecnologia-para-empoderar-mulheres/</a>
<b>P68</b>	Luana Génot: estar em um relacionamento inter-racial não é sinônimo de que o racismo acabou	<a href="https://www.geledes.org.br/luana-genot-estar-em-um-relacionamento-inter-racial-nao-e-sinonimo-de-que-o-racismo-acabou/">https://www.geledes.org.br/luana-genot-estar-em-um-relacionamento-inter-racial-nao-e-sinonimo-de-que-o-racismo-acabou/</a>
<b>P69</b>	Christiane Silva Pinto é a criadora do AfroGooglers, comitê de igualdade racial do Google Brasil	<a href="https://www.geledes.org.br/christiane-silva-pinto-e-a-criadora-do-afrogooglers-comite-de-igualdade-racial-do-google-brasil/">https://www.geledes.org.br/christiane-silva-pinto-e-a-criadora-do-afrogooglers-comite-de-igualdade-racial-do-google-brasil/</a>

<b>P70</b>	No Brasil, apenas 3 surfistas profissionais são negras. Como combater o racismo na elite do esporte? Elas respondem	<a href="https://www.geledes.org.br/no-brasil-apenas-3-surfistas-profissionais-sao-negras-como-combater-o-racismo-na-elite-do-esporte-elas-respondem/">https://www.geledes.org.br/no-brasil- apenas-3-surfistas-profissionais-sao- negras-como-combater-o-racismo- na-elite-do-esporte-elas-respondem/</a>
<b>P71</b>	Entre o machismo e o racismo	<a href="https://www.geledes.org.br/entre-o-machismo-e-o-racismo/">https://www.geledes.org.br/entre-o- machismo-e-o-racismo/</a>
<b>P72</b>	Leitora de 103 anos é a primeira mulher negra a ser patronesse da Feira do Livro de Novo Hamburg	<a href="https://www.geledes.org.br/leitora-de-103-anos-e-a-primeira-mulher-negra-a-ser-patronesse-da-feira-do-livro-de-novo-hamburg/">https://www.geledes.org.br/leitora- de-103-anos-e-a-primeira-mulher- negra-a-ser-patronesse-da-feira-do- livro-de-novo-hamburgo/</a>
<b>P73</b>	'Mulheres negras não conseguem acordar um dia e dizer: hoje vou deixar meu ativismo em casa'	<a href="https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-nao-conseguem-acordar-um-dia-e-dizer-hoje-vou-deixar-meu-ativismo-em-casa/">https://www.geledes.org.br/mulheres- negras-nao-conseguem-acordar- um-dia-e-dizer-hoje-vou-deixar-meu- ativismo-em-casa/</a>
<b>P74</b>	Boas de parir: mulheres negras e violências reprodutivas	<a href="https://www.geledes.org.br/boas-de-parir-mulheres-negras-e-violencias-reprodutivas/">https://www.geledes.org.br/boas-de- parir-mulheres-negras-e-violencias- reprodutivas/</a>
<b>P75</b>	Líderes negras abalam as estruturas do racismo	<a href="https://www.geledes.org.br/lideres-negras-abalam-as-estruturas-do-racismo/">https://www.geledes.org.br/lideres- negras-abalam-as-estruturas-do- racismo/</a>
<b>P76</b>	13 anos como doméstica, 4 sem receber. A escravidão no quarto de empregada	<a href="https://www.geledes.org.br/13-anos-como-domestica-4-sem-receber-a-escravidao-no-quarto-de-empregada/">https://www.geledes.org.br/13-anos- como-domestica-4-sem-receber-a- escravidao-no-quarto-de- empregada/</a>
<b>P77</b>	As escritoras negras que Taís Araújo lê	<a href="https://www.geledes.org.br/as-escritoras-negras-que-tais-araujo-le/">https://www.geledes.org.br/as- escritoras-negras-que-tais-araujo-le/</a>
<b>P78</b>	Winnie Bueno criou o 'Tinder dos Livros' para democratizar leitura entre negros	<a href="https://www.geledes.org.br/winnie-bueno-criou-o-tinder-dos-livros-para-democratizar-leitura-entre-negros/">https://www.geledes.org.br/winnie- bueno-criou-o-tinder-dos-livros-para- democratizar-leitura-entre-negros/</a>
<b>P79</b>	Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe e irão muito mais além	<a href="https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-nossos-passos-vem-de-longe-e-irao-muito-mais-alem/">https://www.geledes.org.br/mulheres- negras-nossos-passos-vem-de- longe-e-irao-muito-mais-alem/</a>

<b>P80</b>	“Aquilombamento é o que eu busco fazer no audiovisual” conta cineasta Carine Fiúza	<a href="https://www.geledes.org.br/aquilombamento-e-o-que-eu-busco-fazer-no-audiovisual-conta-cineasta-carine-fiuza/">https://www.geledes.org.br/aquilombamento-e-o-que-eu-busco-fazer-no-audiovisual-conta-cineasta-carine-fiuza/</a>
<b>P81</b>	“Minha vida é quebrar barreiras”, diz a 1ª mulher negra doutora em física	<a href="https://www.geledes.org.br/minha-vida-e-quebrar-barreiras-diz-a-1a-mulher-negra-doutora-em-fisica/">https://www.geledes.org.br/minha-vida-e-quebrar-barreiras-diz-a-1a-mulher-negra-doutora-em-fisica/</a>
<b>P82</b>	Branços não falam do racismo porque isso os beneficia, diz autora jamaicana	<a href="https://www.geledes.org.br/brancos-nao-falam-do-racismo-porque-isso-os-beneficia-diz-autora-jamaicana/">https://www.geledes.org.br/brancos-nao-falam-do-racismo-porque-isso-os-beneficia-diz-autora-jamaicana/</a>
<b>P83</b>	Não dá para falar de feminismo sem a mulher negra, diz Sueli Carneiro	<a href="https://www.geledes.org.br/nao-da-para-falar-de-feminismo-sem-a-mulher-negra-diz-sueli-carneiro/">https://www.geledes.org.br/nao-da-para-falar-de-feminismo-sem-a-mulher-negra-diz-sueli-carneiro/</a>
<b>P84</b>	“Faz diferença ver corpo negro na dança”, diz bailarina do Balé da Cidade	<a href="https://www.geledes.org.br/faz-diferenca-ver-corpo-negro-na-danca-diz-bailarina-do-bale-da-cidade/">https://www.geledes.org.br/faz-diferenca-ver-corpo-negro-na-danca-diz-bailarina-do-bale-da-cidade/</a>
<b>P85</b>	“Manter sanidade num país racista é cruel”, diz Naruna Costa, de Irmandade	<a href="https://www.geledes.org.br/manter-sanidade-num-pais-racista-e-cruel-diz-naruna-costa-de-irmandade/">https://www.geledes.org.br/manter-sanidade-num-pais-racista-e-cruel-diz-naruna-costa-de-irmandade/</a>
<b>P86</b>	Olívia Santana será candidata do PCdoB a prefeita de Salvador	<a href="https://www.geledes.org.br/olivia-santana-sera-candidata-do-pcdob-a-prefeita-de-salvador/">https://www.geledes.org.br/olivia-santana-sera-candidata-do-pcdob-a-prefeita-de-salvador/</a>
<b>P87</b>	Minha presença no STF foi uma quebra de paradigma, diz advogada negra	<a href="https://www.geledes.org.br/minha-presenca-no-stf-foi-uma-quebra-de-paradigma-diz-advogada-negra/">https://www.geledes.org.br/minha-presenca-no-stf-foi-uma-quebra-de-paradigma-diz-advogada-negra/</a>
<b>P88</b>	Angela Davis e o chamado a “organizar a esperança” no movimento negro brasileiro	<a href="https://www.geledes.org.br/angela-davis-e-o-chamado-a-organizar-a-esperanca-no-movimento-negro-brasileiro/">https://www.geledes.org.br/angela-davis-e-o-chamado-a-organizar-a-esperanca-no-movimento-negro-brasileiro/</a>
<b>P89</b>	Com PretaLab, ela une humanas e exatas e rompe preconceitos na tecnologia	<a href="https://www.geledes.org.br/com-pretalab-ela-une-humanas-e-exatas-e-rompe-preconceitos-na-tecnologia/">https://www.geledes.org.br/com-pretalab-ela-une-humanas-e-exatas-e-rompe-preconceitos-na-tecnologia/</a>

<b>P90</b>	Seis frases que você jamais deve dizer para uma mulher de cabelos crespos	<a href="https://www.geledes.org.br/seis-frases-que-voce-jamais-deve-dizer-para-uma-mulher-de-cabelos-crespos/">https://www.geledes.org.br/seis-frases-que-voce-jamais-deve-dizer-para-uma-mulher-de-cabelos-crespos/</a>
<b>P91</b>	Por que busca 'mulher negra dando aula' no Google leva à pornografia	<a href="https://www.geledes.org.br/por-que-busca-mulher-negra-dando-aula-no-google-leva-a-pornografia/">https://www.geledes.org.br/por-que-busca-mulher-negra-dando-aula-no-google-leva-a-pornografia/</a>
<b>P92</b>	Sai em português ensaios de Toni Morrison sobre racismo e literatura	<a href="https://www.geledes.org.br/sai-em-portugues-ensaios-de-toni-morrison-sobre-racismo-e-literatura/">https://www.geledes.org.br/sai-em-portugues-ensaios-de-toni-morrison-sobre-racismo-e-literatura/</a>
<b>P93</b>	Feminismo precisa ser cuidadoso para não 'perder sentido', diz Patricia Hill Collins	<a href="https://www.geledes.org.br/feminismo-precisa-ser-cuidadoso-para-nao-perder-sentido-diz-patricia-hill-collins/">https://www.geledes.org.br/feminismo-precisa-ser-cuidadoso-para-nao-perder-sentido-diz-patricia-hill-collins/</a>
<b>P94</b>	Naomi Campbell cita época como "única modelo negra": "Sensação não era boa"	<a href="https://www.geledes.org.br/naomi-campbell-cita-epoca-como-unica-modelo-negra-sensacao-nao-era-boa/">https://www.geledes.org.br/naomi-campbell-cita-epoca-como-unica-modelo-negra-sensacao-nao-era-boa/</a>
<b>P95</b>	Entrevista Iyá Sandrali de Òsún	<a href="https://www.geledes.org.br/entrevista-a-iyá-sandrali-de-osun/">https://www.geledes.org.br/entrevista-a-iyá-sandrali-de-osun/</a>
<b>P96</b>	As travessias de Naruna	<a href="https://www.geledes.org.br/as-travessias-de-naruna/">https://www.geledes.org.br/as-travessias-de-naruna/</a>
<b>P97</b>	Um tigre não anuncia sua tigridade, ele ataca!	<a href="https://www.geledes.org.br/um-tigre-nao-anuncia-sua-tigridade-ele-ataca/">https://www.geledes.org.br/um-tigre-nao-anuncia-sua-tigridade-ele-ataca/</a>
<b>P98</b>	A doutora da pele preta	<a href="https://www.geledes.org.br/a-doutora-da-pele-preta/">https://www.geledes.org.br/a-doutora-da-pele-preta/</a>
<b>P99</b>	Quem são as mulheres negras brasileiras reverenciadas por Angela Davis	<a href="https://www.geledes.org.br/quem-sao-as-mulheres-negras-brasileiras-reverenciadas-por-angela-davis/">https://www.geledes.org.br/quem-sao-as-mulheres-negras-brasileiras-reverenciadas-por-angela-davis/</a>
<b>P100</b>	Giovana Xavier: 'Não estou na vida acadêmica para ser legitimada pelo script branco'	<a href="https://www.geledes.org.br/giovana-xavier-nao-estou-na-vida-academica-para-ser-legitimada-pelo-script-branco/">https://www.geledes.org.br/giovana-xavier-nao-estou-na-vida-academica-para-ser-legitimada-pelo-script-branco/</a>

<b>P101</b>	Mostra Sesc de Cinema homenageia Adélia Sampaio, 1ª diretora negra do Brasil	<a href="https://www.geledes.org.br/mostra-sesc-de-cinema-homenageia-adelia-sampaio-1a-diretora-negra-do-brasil/">https://www.geledes.org.br/mostra-sesc-de-cinema-homenageia-adelia-sampaio-1a-diretora-negra-do-brasil/</a>
<b>P102</b>	Joacine Katar: “A missão dessa geração é cortar o cordão umbilical com o colonialismo”	<a href="https://www.geledes.org.br/joacine-katar-a-missao-dessa-geracao-e-cortar-o-cordao-umbilical-com-o-colonialismo/">https://www.geledes.org.br/joacine-katar-a-missao-dessa-geracao-e-cortar-o-cordao-umbilical-com-o-colonialismo/</a>
<b>P103</b>	Aos 75 anos, Lia de Itamaracá lança livro de memórias e novo disco	<a href="https://www.geledes.org.br/aos-75-anos-lia-de-itamaraca-lanca-livro-de-memorias-e-novo-disco/">https://www.geledes.org.br/aos-75-anos-lia-de-itamaraca-lanca-livro-de-memorias-e-novo-disco/</a>
<b>P104</b>	Conceição Evaristo faz palestra na Academia Mineira de Letras	<a href="https://www.geledes.org.br/conceicao-e-varisto-faz-palestra-na-academia-mineira-de-letras/">https://www.geledes.org.br/conceicao-e-varisto-faz-palestra-na-academia-mineira-de-letras/</a>
<b>P105</b>	‘Política eleitoral, sozinha, não vai mudar as consequências do capitalismo racista globalizado’, diz Angela Davis	<a href="https://www.geledes.org.br/politica-eleitoral-sozinha-nao-vai-mudar-as-consequencias-do-capitalismo-racista-globalizado-diz-angela-davis/">https://www.geledes.org.br/politica-eleitoral-sozinha-nao-vai-mudar-as-consequencias-do-capitalismo-racista-globalizado-diz-angela-davis/</a>
<b>P106</b>	A eleição de deputadas negras em Portugal e as cicatrizes coloniais	<a href="https://www.geledes.org.br/a-eleicao-de-deputadas-negras-em-portugal-e-as-cicatrizes-coloniais/">https://www.geledes.org.br/a-eleicao-de-deputadas-negras-em-portugal-e-as-cicatrizes-coloniais/</a>
<b>P107</b>	“Nunca alcançamos a democracia”, diz autora referência do feminismo negro	<a href="https://www.geledes.org.br/nunca-alcancamos-a-democracia-diz-autora-referencia-do-feminismo-negro/">https://www.geledes.org.br/nunca-alcancamos-a-democracia-diz-autora-referencia-do-feminismo-negro/</a>
<b>P108</b>	Lenna Bahule: ‘Só descobri que eu era negra no Brasil’	<a href="https://www.geledes.org.br/lenna-bahule-so-descobri-que-eu-era-negra-no-brasil/">https://www.geledes.org.br/lenna-bahule-so-descobri-que-eu-era-negra-no-brasil/</a>
<b>P109</b>	Mulher negra na liderança: racismo impede ascensão nas empresas	<a href="https://www.geledes.org.br/mulher-negra-na-lideranca-racismo-impede-ascensao-nas-empresas/">https://www.geledes.org.br/mulher-negra-na-lideranca-racismo-impede-ascensao-nas-empresas/</a>
<b>P110</b>	Precisamos falar sobre as mulheres negras em ‘Coringa’	<a href="https://www.geledes.org.br/precisamos-falar-sobre-as-mulheres-negras-em-coringa/">https://www.geledes.org.br/precisamos-falar-sobre-as-mulheres-negras-em-coringa/</a>

<b>P111</b>	Eleita deputada em Portugal, primeira negra de origem africana participa de palestras em Salvador	<a href="https://www.geledes.org.br/eleita-deputada-em-portugal-primeira-negra-de-origem-africana-participa-de-palestras-em-salvador/">https://www.geledes.org.br/eleita-deputada-em-portugal-primeira-negra-de-origem-africana-participa-de-palestras-em-salvador/</a>
<b>P112</b>	Simone Biles fecha Mundial de Ginástica com mais dois ouros e vira maior medalhista da história	<a href="https://www.geledes.org.br/simone-biles-fecha-mundial-de-ginastica-com-mais-dois-ouros-e-vira-maior-medalhista-da-historia/">https://www.geledes.org.br/simone-biles-fecha-mundial-de-ginastica-com-mais-dois-ouros-e-vira-maior-medalhista-da-historia/</a>
<b>P113</b>	Às feitiçeras, minha reverência	<a href="https://www.geledes.org.br/as-feiticeiras-minha-reverencia/">https://www.geledes.org.br/as-feiticeiras-minha-reverencia/</a>
<b>P114</b>	Rihanna explica porque se recusou a se apresentar no Super Bowl	<a href="https://www.geledes.org.br/rihanna-explica-porque-se-recusou-a-se-apresentar-no-super-bowl/">https://www.geledes.org.br/rihanna-explica-porque-se-recusou-a-se-apresentar-no-super-bowl/</a>
<b>P115</b>	PARABÉNS CIDINHA DA SILVA – Livro ‘Um Exu em Nova York’ ganha prêmio Biblioteca Nacional 2019	<a href="https://www.geledes.org.br/parabens-cidinha-da-silva-um-exu-em-nova-york-ganha-premio-biblioteca-nacional-2019/">https://www.geledes.org.br/parabens-cidinha-da-silva-um-exu-em-nova-york-ganha-premio-biblioteca-nacional-2019/</a>
<b>P116</b>	Maria Firmina dos Reis – Google celebra 194º aniversário com Doodle	<a href="https://www.geledes.org.br/maria-firmina-dos-reis-google-celebra-194o-aniversario-com-doodle/">https://www.geledes.org.br/maria-firmina-dos-reis-google-celebra-194o-aniversario-com-doodle/</a>
<b>P117</b>	Confira o bate-papo com a deputada Leci Brandão	<a href="https://www.geledes.org.br/confira-o-bate-papo-com-a-deputada-leci-brandao/">https://www.geledes.org.br/confira-o-bate-papo-com-a-deputada-leci-brandao/</a>
<b>P118</b>	Livre no Parlamento: Joacine promete uma esquerda antifascista, antirracista, feminista radical e verde. E dançou...	<a href="https://www.geledes.org.br/livre-no-parlamento-joacine-promete-uma-esquerda-antifascista-antirracista-feminista-radical-e-verde-e-dancou/">https://www.geledes.org.br/livre-no-parlamento-joacine-promete-uma-esquerda-antifascista-antirracista-feminista-radical-e-verde-e-dancou/</a>
<b>P119</b>	Empresas precisam rever critério de seleção para ampliar presença de profissionais negras	<a href="https://www.geledes.org.br/empresas-precisam-rever-criterio-de-selecao-para-ampliar-presenca-de-profissionais-negras/">https://www.geledes.org.br/empresas-precisam-rever-criterio-de-selecao-para-ampliar-presenca-de-profissionais-negras/</a>

<b>P120</b>	Negras movimentam R\$ 704 bi por ano, mas são escanteadas pela publicidade	<a href="https://www.geledes.org.br/negras-movimentam-r-704-bi-por-ano-mas-sao-escanteadas-pela-publicidade/">https://www.geledes.org.br/negras-movimentam-r-704-bi-por-ano-mas-sao-escanteadas-pela-publicidade/</a>
<b>P121</b>	Joacine, Cristas, Catarina Martins. Três mulheres... ou cinco, ou 8	<a href="https://www.geledes.org.br/joacine-cristas-catarina-martins-tres-mulheres-ou-cinco-ou-89/">https://www.geledes.org.br/joacine-cristas-catarina-martins-tres-mulheres-ou-cinco-ou-89/</a>
<b>P122</b>	Negras empreendem mais por necessidade do que as brancas	<a href="https://www.geledes.org.br/negras-empreendem-mais-por-necessidade-do-que-as-brancas/">https://www.geledes.org.br/negras-empreendem-mais-por-necessidade-do-que-as-brancas/</a>
<b>P123</b>	Historiadora é 1ª mulher negra candidata a primeira-ministra de Portugal	<a href="https://www.geledes.org.br/historiadora-e-1a-mulher-negra-candidata-a-primeira-ministra-de-portugal/">https://www.geledes.org.br/historiadora-e-1a-mulher-negra-candidata-a-primeira-ministra-de-portugal/</a>
<b>P124</b>	Mulheres negras protagonizam só 7,4% dos comerciais	<a href="https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-protagonizam-so-74-dos-comerciais/">https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-protagonizam-so-74-dos-comerciais/</a>
<b>P125</b>	Dandaras: curso forma mulheres negras para ocuparem espaços de poder	<a href="https://www.geledes.org.br/dandaras-curso-forma-mulheres-negras-para-ocuparem-espacos-de-poder/">https://www.geledes.org.br/dandaras-curso-forma-mulheres-negras-para-ocuparem-espacos-de-poder/</a>
<b>P126</b>	Diahann Carroll, atriz e cantora, morre aos 84 anos	<a href="https://www.geledes.org.br/diahann-carroll-atriz-e-cantora-morre-aos-84-anos/">https://www.geledes.org.br/diahann-carroll-atriz-e-cantora-morre-aos-84-anos/</a>
<b>P127</b>	Os brancos também sabem dançar	<a href="https://www.geledes.org.br/os-brancos-tambem-sabem-dancar/">https://www.geledes.org.br/os-brancos-tambem-sabem-dancar/</a>
<b>P128</b>	Bienal terá livro sobre mulheres negras bem-sucedidas	<a href="https://www.geledes.org.br/bienal-tera-livro-sobre-mulheres-negras-bem-sucedidas/">https://www.geledes.org.br/bienal-tera-livro-sobre-mulheres-negras-bem-sucedidas/</a>
<b>P129</b>	Allyson Felix bate recorde de Bolt em mundiais	<a href="https://www.geledes.org.br/allyson-felix-bate-recorde-de-bolt-em-mundiais/">https://www.geledes.org.br/allyson-felix-bate-recorde-de-bolt-em-mundiais/</a>
<b>P130</b>	Com 25 anos, Didá mudou a vida de 500 meninas negras de Salvador e faz vaquinha para produzir documentário	<a href="https://www.geledes.org.br/com-25-anos-dida-mudou-a-vida-de-500-meninas-negras-de-salvador-e-faz-vaquinha-para-produzir-documentario/">https://www.geledes.org.br/com-25-anos-dida-mudou-a-vida-de-500-meninas-negras-de-salvador-e-faz-vaquinha-para-produzir-documentario/</a>

<b>P131</b>	Carta aberta a Beatriz, Joacine e Romualda	<a href="https://www.geledes.org.br/carta-aberta-a-beatriz-joacine-e-romualda/">https://www.geledes.org.br/carta-aberta-a-beatriz-joacine-e-romualda/</a>
<b>P132</b>	Zezé Motta: “Em uma sociedade que valoriza apenas o novo, envelhecer é desafio”	<a href="https://www.geledes.org.br/zeze-motta-em-uma-sociedade-que-valoriza-apenas-o-novo-envelhecer-e-desafio/">https://www.geledes.org.br/zeze-motta-em-uma-sociedade-que-valoriza-apenas-o-novo-envelhecer-e-desafio/</a>
<b>P133</b>	A mais pura representação da voz negra feminina na Literatura	<a href="https://www.geledes.org.br/a-mais-pura-representacao-da-voz-negra-feminina-na-literatura/">https://www.geledes.org.br/a-mais-pura-representacao-da-voz-negra-feminina-na-literatura/</a>
<b>P134</b>	Grada Kilomba: ‘Politicamente incorreto é frescura de homem branco’	<a href="https://www.geledes.org.br/grada-kilomba-politicamente-incorreto-e-frescura-de-homem-branco/">https://www.geledes.org.br/grada-kilomba-politicamente-incorreto-e-frescura-de-homem-branco/</a>
<b>P135</b>	Deu match: conheça a iniciativa que já doou 800 livros para pessoas negras	<a href="https://www.geledes.org.br/deu-match-conheca-a-iniciativa-que-ja-doou-800-livros-para-pessoas-negras/">https://www.geledes.org.br/deu-match-conheca-a-iniciativa-que-ja-doou-800-livros-para-pessoas-negras/</a>
<b>P136</b>	“Estou aqui como mãe, mulher, negra e sua irmã”, disse Meghan em visita à África do Sul	<a href="https://www.geledes.org.br/estou-aqui-como-mae-mulher-negra-e-sua-irma-disse-meghan-em-visita-a-africa-do-sul/">https://www.geledes.org.br/estou-aqui-como-mae-mulher-negra-e-sua-irma-disse-meghan-em-visita-a-africa-do-sul/</a>
<b>P137</b>	Mulher com condição rara torna-se modelo e celebra: ‘Minha pele é arte!’	<a href="https://www.geledes.org.br/mulher-com-condicao-rara-torna-se-modelo-e-celebra-minha-pele-e-arte/">https://www.geledes.org.br/mulher-com-condicao-rara-torna-se-modelo-e-celebra-minha-pele-e-arte/</a>